



Chão de Estrelas

APRESENTAÇÃO

Sempre me impressionou, desde os primeiros labores espíritas assistenciais, a dura expiação da hanseníase.

Ligado a tais atividades por laços do coração, conheci o exemplo milenar de Francisco de Assis, o trabalho de Joseph de Veuster ou Pe. Damião, na ilha de Molokai, no Havá e o devotamento de Jésus Gonçalves, no Asilo de Pirapidngui, no Estado de São Paulo.

Quantos cidadãos anônimos doaram-se e o fazem na atualidade, no atendimento e minoramento das aflições dos sofredores da hansen, sobretudo no apaziguamento psicológico dos portadores, como na busca de tratamentos menos traumáticos, com menos efeitos colaterais.

Abençoadas “as mãos que limpam feridas e enchugam lágrimas das vidas”, apontando o rumo da felicidade imortal.

A partir de 1981, quando iniciamos a publicação de um periódico espírita, o Jornal Perseverança, passamos a nos corresponder com diversos articulistas do Brasil.

No decorrer dos anos, recebemos matérias para publicação de vários autores e entre eles, Amilcar Del Chiaro Filho.

Esse nome passou a fazer parte integrante das edições do Jornal, induzindo-me a mais admirar a postura e as ideias do autor.

Conheci-o pessoalmente em uma atividade matinal da USE de São Paulo, em 1997 e, no mesmo ano, tive o prazer de recebê-lo em Araguari/MG, nossa cidade.

Quando fui informado por Amilcar de que receberia, brevemente, os originais de seu novo livro, exultei intimamente.

A sua dedicação, devotamento e carisma são conhecidos de todos no movimento espírita brasileiro.

Com isso, tem granjeado a estima e a consideração de quantos participam de sua intimidade, intimidade essa que se revela na transparência de suas opiniões e profundo amor ao próximo.

Não somos escritores, nem possuímos a verve que encanta e deslumbra, contudo, atrevemo-nos a alinhar estas palavras, com o objetivo não de apresentar, pois ele se apresenta por si mesmo, mas, acima de tudo, para reverenciar a coragem e a força interior desse homem, na defesa dos princípios esposados e do direito das minorias, notadamente os afligidos pela Hansen.

Aqui ficam nossos agradecimentos sinceros e votos de constantes crescimentos espirituais, exorando de Deus dispensar-lhe as estrelas do aperfeiçoamento e da grandeza de alma.

Araguari, 10 de março de 1999

PRÓLOGO

A Hanseníase¹, outrora denominada lepra, tem uma história confusa e de difícil comprovação, servindo para alimentar mitos e lendas. Documentos antigos, com mais de dois mil e seiscientos anos que descrevem sintomas de moléstias, confundem-na com outras doenças como a conhecida sarna, psoríase, elefantíase e outras.

Referências a enfermidades com sintomas semelhantes à Hanseníase, aparecem na Índia no Sushruta Samhita, compilado em 600 a.C., nas Leis de Manu - entre 1300 e 500 a.C., no Egito, no Papiro de Ebers - 18ª Dinastia, 1800 e 1300 a.C., na Bíblia, desde o Êxodo.

Muitas destas informações são colocadas em dúvidas pelos médicos da atualidade, devido às descrições dos sintomas serem confusas e próprias de outras doenças de pele.

Portugueses e espanhóis trouxeram a Hanseníase para o novo mundo, e possivelmente, escravos africanos, vindos de regiões onde a incidência da enfermidade era muito grande.

Os primeiros documentos a citar a Hanseníase no Brasil, são do século XVII. Em 1696, o governador do Rio de Janeiro, Artur de Sá e Meneses, procura assistir os míseros leprosos, já em grande número. Em São Paulo, há documento de 1765. Uma carta escrita pelo Capitão general D. Luís Antônio Botelho Mourão ao Conde de Oyeiras acusa o perigo que corria a Capitania em face da morfeia. Um censo realizado em 1851, acusava 849 doentes no Estado de São Paulo. Este número chegou a 40.000.

A Hanseníase tem uma história milenar. Existem evidências através da descrição de sintomas, há mais de 4600 anos e o Hanseniano, como figura histórica, passiva na maioria das vezes, atravessou esses milênios carregando a execração da moléstia, assustadora no passado, pelas deformidades e o aspecto da pele.

Permitam-nos uma digressão histórica ao Vale de Kidron, próximo a Jerusalém, onde os reis da Judeia, para acabar com o culto ao sanguinário deus Baal ou Moloch, transformaram-o em vale, depósito de lixo, e ali se refugiaram, também, os leprosos.

Segundo apostila do Hospital Lauro de Souza Lima, a Europa não conhecia a Hanseníase no tempo de Hipócrates e a mesma apostila dá como provável chegada com as tropas de Alexandre, após a conquista do mundo então conhecido. Certamente, soldados se contagiaram-se no Oriente, especialmente na Índia, e de lá trouxeram prisioneiros contaminados, provavelmente em fase de incubação da Hanseníase.

Do Vale de Kidron, saltamos para os Lazaretos da Europa, construídos em grande número nos séculos XVII e XVIII. Daí saltamos para a Ilha de Malokai, com o Frei Damião e para as comunidades formadas por doentes no meio das selvas da América do Sul, especialmente da selva amazônica.

Neste ponto, vamos encontrar os doentes em pequenas caravanas, a pé ou isoladamente, a cavalo, vestindo grandes capas e chapéu, a pedir esmolas nas ruas das nossas cidades, provocando uma enorme correria das mães atrás dos filhos, a fim de trancá-los em casa. A figura era o pavor das crianças que, quando peraltas ou desobedientes, eram ameaçadas de serem raptadas por tais misteriosos seres.

Tida como a doença da impureza, castigo de Deus, só começou a perder essa conotação com a descoberta do bacilo de Hansen, no século passado, em 1874. Entretanto, o homem, tendo uma necessidade mórbida de emprestar suas qualidades e defeitos a Deus, mais tarde viria atribuir à AIDS, a mesma condição de punição da Divindade. Felizmente, essa atribuição tende a desaparecer, mais depressa do que o estigma da Hanseníase como doença da impureza.

Voltemos à Hanseníase, objeto da nossa exposição. Na década dos anos 20, o governo brasileiro começou a criar os Asilos Colônia em vários lugares do Brasil. No Estado de São Paulo, havia cinco, o Padre Bento foi um destes, aliás, o único que, na época, teve a denominação de Sanatório.

Nessa ocasião, mesmo sem medicamentos, a Hanseníase declinava na Europa, especialmente no primeiro mundo. Eu disse que não havia medicamentos que curassem a Hanseníase e peço desculpas pelo engano. Havia, sim! Uma extraordinária ascensão social, com a erradicação da pobreza.

Na década de 30, no Brasil, foi promulgada lei que obrigava o isolamento dos leprosos. Essa lei foi cumprida a ferro e fogo, não raro, com as mais dramáticas cenas de barbárie e insensibilidade. O Brasil acreditou que o primeiro mundo erradicara a Hanseníase com o isolamento compulsório, quando, na verdade, foi com a ascensão social.

Após a Segunda Grande Guerra, o dr. Lauro de Souza Lima foi estagiar num hospital da França, trazendo com ele a DDS - Diamino Difênil Sulfona, que veio mudar drasticamente o quadro da Hanseníase no mundo.

Começou, então, uma reversão do mecanismo de internação. Para manter os doentes nos Sanatórios, fizeram estes locais aprazíveis, bonitos, ajardinados, com muitos divertimentos. Algumas ex-colônias ainda guardam muitas das suas belezas originais, como jardins, prédios, praças esportivas. Para tirar o doente dos hospitais, deixaram que estes se deteriorassem de tal modo que a vida se tornava muito ruim dentro deles.

O Sanatório Padre Bento foi um dos palcos dessa reversão, pois o Governo Estadual, no começo dos anos 60, determinou o esvaziamento do hospital. A ordem foi cumprida com dramaticidade. A seguir, as residências foram cedidas, sem ônus, a funcionários sadios e, posteriormente, a alguns egressos dos hospitais de Hanseníase que trabalhavam no hospital como laborerapistas.

O estado de abandono chegou a tal ponto que a sra. Zilda Natel, passando de helicóptero sobre o Padre Bento, pediu ao seu esposo, o Governador do Estado de São Paulo na época, sr. Laudo Natel, o local, para fazer um abrigo para mendigos.

Do antigo Padre Bento restou a Clínica Dr. Aguiar Pupo, transformada posteriormente no Complexo Hospitalar Padre Bento de Guarulhos.

Curaram o Hanseniano com a sulfona, embora nada pudessem fazer com as sequelas que causariam problemas posteriores. Não o curaram psicologicamente, porque muitos tiveram sua personalidade arrasada pelos métodos de profilaxia e, embora curados e sequelados, são muitos os que carregam a Hanseníase emocional.

Vivemos hoje novos tempos. A ciência caminha a passos de gigante. A Hanseníase pode ser curada em seis meses. Desafiadoramente, ela continua contagiando milhares de pessoas por ano. Em 1996, havia quase 16 milhões de Hansenianos no mundo, dos quais, apenas cerca de 5 milhões estavam em tratamento efetivo.

Em 1954, Raoul Follereau, jornalista francês e amigo dos Hansenianos, pediu aos governantes da Rússia e dos Estados Unidos, um avião de

¹ 1-0 autor foi internado no Asilo Colônia Cocais, Casa Branca/SP, em 1944 e transferido posteriormente para o Sanatório Padre Bento, em Guandubos/ SP, em 1948. Recebeu sua alta hospitalar no final de 1951, retomando à sociedade sadia. Em 1964, voltaria ao Padre Bento para trabalhar, primeiro, no serviço da faxina e, depois, no serviço de enfermagem. Em 1971, aposentou-se, devido à amputação do terço inferior da perna direita. Em 1977, iniciou-se como radialista, na Rádio Boa Nova, emissora da Fundação Espírita André Luís, onde permanece até hoje. O prólogo apresentado acima, foi o pronunciamento do autor perante autoridades médicas e funcionários da saúde no Dia Mundial do Hanseniano, no último domingo de janeiro de 1998.

combate como donativo. O pedido causou estranheza. O jornalista francês, que deu a volta ao mundo 32 vezes fazendo mais de duas mil conferências em favor dos hansenianos,

sabia que o preço de dois aviões de combate daria para curar os hansenianos do mundo inteiro.

Ele não recebeu os aviões e as grandes potências continuaram fabricando caríssimas armas de guerra. O que se gasta na fabricação, compra de armamentos e manutenção de exércitos, curaria as duas piores doenças da humanidade, a pobreza e a ignorância.

Gostaria de estar enganado, mas a hanseníase só desaparecerá do Brasil e do mundo quando a pobreza for erradicada, quando todos tiverem o suficiente para viver com dignidade.

Capítulo I A CHEGADA AO ASILO COLÔNIA

No início da década dos anos 40, o mundo ainda vivia os horrores da guerra na Europa e Ásia. Os nazistas já colocavam em prática o seu plano chamado “solução final” que pretendia eliminar os judeus, e mais de seis milhões de homens, mulheres e crianças foram executados em suas câmaras de gás, pelo crime de terem nascido judeus. Este foi um dos maiores genocídios acontecido no planeta, mas outros existiram, como o holocausto atômico que destruiu as cidades de Hiroshima e Nagasaki, o holocausto dos negros africanos, caçados em seu continente e levados para terras distantes para trabalhar como escravos, sem nenhum direito humano que lhes valesse.

Esta é a história de um holocausto, o da profilaxia da lepra, feita a ferro e fogo, ignorando-se, também, inúmeras vezes, os mais elementares direitos, o menor senso humanitário. Se os judeus foram executados por serem judeus, os negros escravizados e deportados de sua terra por serem negros e considerados inferiores, e os cidadãos das duas cidades bombardeadas por um avião B-29 da Força Aérea Norte-Americana, por serem japoneses, os leprosos foram presos, como aqueles, sem culpa formada, apenas porque traziam no corpo o bacilo de hansen, tendo como justificativa, a necessidade de se preservar a sociedade sadia do contágio.

Hoje, a situação dos hansenianos é bem diferente, mas essa epopeia teve vários episódios, já citamos o Vale do Kidron, próximo a Jerusalém, os inúmeros “Lazareto” na Europa, destes à Ilha de Malokai com Frei Damião, no Havaí, ao refúgio mantido pelo Padre Bento Dias Pacheco, em Itu/SP, ao lombo das cavalgadas, em que os leprosos estendiam o chapéu para pedir esmolas, aos Asilos Colônia construídos pelos governos estaduais no Brasil, até a volta ao convívio social e a revogação da lei que obrigava a internação compulsória.

Enquanto a guerra rugia na Europa matando milhões de pessoas e o dr. Alberto Schwartz salvava vidas no coração da África, cuidando de leprosos africanos, um homem, um brasileiro simples, da roça, mantinha uma luta desigual contra um bacilo insidioso, que penetrara o seu organismo e multiplicara-se lentamente, causando-lhe lesões em várias partes do corpo. Esta é a história que pretendemos contar. A saga de um homem simples, um roceiro brasileiro cuja vida naufragou num dado momento, mas que ressurgiu do abismo para encetar o vôo da águia.

Nossa narrativa inicia-se com a chegada desse homem a um dos muitos Asilos Colônia criados no Brasil. Ele chegou num veículo fechado como os que conduzem criminosos. Pela janela gradeada, com os olhos marejados de lágrimas, ele viu este veículo passar por um portão em forma de arco, alto e estreito. O motorista e o seu acompanhante conversaram com um funcionário que deveria ser um porteiro, entregando-lhe alguns papeis, e este liberou o veículo que correu alguns minutos por uma estrada margeada de eucaliptos, até deparar com um novo muro e um portão mais largo que demarcava o fim da área sadia e início da área doente.

O moço, pois ele era ainda jovem, olhou os enormes pavilhões que podia divisar e um “parlatório”, cujo nome e utilidade até então desconhecia, um bonito jardim, tendo ao centro um coreto, figuras de anões e sapos com instrumentos musicais feitos em cimento.

O acompanhante do motorista abriu o cadeado que trancava a porta, mandando que ele descesse e esperasse o funcionário interno que o encaminharia. Ele colocou a mala no chão e, ao erguer os olhos, viu-se rodeado por pessoas estranhas. Um baixinho não tinha nariz, apenas dois orifícios e os olhos sempre abertos não conseguiam piscar; outro tinha as mãos em forma de garras, como as de um animal; outro não tinha os dedos das mãos. Havia um cuja face mais parecia a de um leão, cuja o retrato vira, certa vez, num almanaque do Biotônico Fontoura. Alguns exalavam mau cheiro das feridas e da ozena, mas isto pouca diferença fazia, pois nosso personagem já havia perdido o olfato há algum tempo.

Ele tinha vontade de sumir dali, pois aqueles olhares o incomodavam muito. Alguém lhe perguntou alguma coisa que não ouviu, e, pouco depois, a pergunta era repetida com agressividade:

— Você é surdo? Não tem nome não?

— Tenho sim.

— Qual é, então?

— José Aparecido Teixeira².

— É casado? Tem filhos?

— Sim. Sou casado e tenho três filhos, dois guris e uma guria.

— De que cidade você é?

— Sou de S., entretanto, morava na fazenda do Coronel Teodorico.

— Você é roceiro?

— Trabalho na roça, sim.

— Olha aqui rapaz. Esquece a mulher, os filhos, tudo que está lá fora, porque daqui ninguém sai. E não adianta chorar, disse asperamente um dos enfermos.

— Eu vou sair, disse o recém-chegado mostrando uma forte resolução.

— Vai nada, sô! Quando eu cheguei aqui, pensava como você. Veja agora como estou e você vai ficar igual a mim, redarguiu aquele que era um farrapo humano. Para falar, tinha de tapar com o dedo o orifício de um aparelho colocado em sua traqueia, para que pudesse respirar.

Um garoto de uns 15 anos, bastante atacado pela doença, perguntou:

— Você joga futebol?

— Jogava. Agora não jogo mais.

— Que posição?

— Centerford.³

— Joga bem?

— Acho que sim.

O nosso José estava constrangido com aquele interrogatório quando chegou um simpático funcionário interno, ainda jovem e dispersou o pessoal, pegou a mala do José e disse:

— Venha comigo. Meu nome é Antônio e trabalho no setor M de acomodações. Vou levá-lo para o seu alojamento. Por hora é uma cama no corredor de um pavilhão, mas se você não criar problemas, vamos conseguir-lhe uma vaga no salão.

José estava desolado. Ele acompanhava o moço, um adolescente numa construção comprida, com muretas baixinhas dos dois lados e colunas que sustentavam o teto. O chão era ladrilhado e um grande número de pacientes estavam sentados na mureta sem ter o j que fazer. Entre estes haviam aleijados, amputados, cegos, traqueotomizados. Se o nosso personagem não fosse um roceiro] sem instrução, poderia pensar que estava adentrando o inferno de Dante Alighieri.

² - Os nomes dos personagens foram alterados de modo a lhes preservar a privacidade.

³ Centro-avante

— Você não fala muito, não é? Falou o jovem funcionário. ‘

— Desculpe-me, moço, mas não estou bem.

Chegaram a um pavilhão muito grande que tinha um corredor comprido onde se podiam ver dormitórios com muitas camas, mas a cama de José ficava mesmo no corredor, que era escuro, sem ventilação, iluminado por duas pequenas lâmpadas e uma clarabóia que recebia a luz de telhas de vidro transparentes.

— Esta é a sua cama. Guarde a sua mala embaixo dela e se você tiver coisas de valor, tome cuidado. Quando você escutar uma campainha estridente, acompanhe o pessoal ao refeitório para jantar. Amanhã eu o procuro para fazer a sua ficha lá no escritório. Até logo. Ah, ia me esquecendo. Venha comigo. Vou mostrar-lhe onde fica o sanitário e o chuveiro. A água é fria, mas aqui faz muito calor. Você sabe o que é uma privada, não sabe? Não, não sabe. Olha aqui, quando você quiser defecar você senta aqui. Traga jornal ou outro papel pra se limpar e depois você puxa essa cordinha assim.

Como o jovem percebeu que José não havia entendido muita coisa, repetiu tudo da forma mais chula possível, o que fez José ficar com o rosto vermelho.

José colocou a sua mala por baixo do travesseiro e recostou-se vestido e de botinas para tentar descansar e recompor suas ideias. Seus olhos ardiam pelas lágrimas vertidas e ele começou a pensar no seu ranchinho, na sua companheira, nos filhos. Estava tão cansado que dormiu, sonhou que montava um grande cavalo baio, marchador altaneiro, de crina branca comprida, e chegava assim imponente à fazenda do Coronel Teodorico. Estava perto do seu ranchinho, quando começou a ouvir uma voz estranha, roufenha e acordou com um rosto mutilado e uma mão com toquinhos de dedos quase lhe tocando o rosto, e a custo ele entendeu que o homem esbravejava com ele:

— Não quer conversar, né? Dizia o homem muito nervoso. Não faz mal. Todos são orgulhosos quando chegam, depois ficam mansos.

Antes que José respondesse qualquer coisa, um outro homem veio retirar o inoportuno dali e disse ao José:

— Não liga, não. Ele não é bom da cabeça.

Pouco depois ouviu-se o som de uma campainha estridente e o mesmo homem que retirou o inoportuno, chamou José para ir jantar. No refeitório, disse ao chefe dos copeiros que o moço era um novato, sendo indicada a José, uma mesa ocupada por três pessoas, para que ele se sentasse. Logo providenciaram mais um prato de ágata e talheres.

A comida vinha em grandes vasilhas, num carrinho, e dois copeiros serviam as mesas, lutando para desgrudar o arroz da escumadeira. O cheiro e a aparência da comida eram desagradáveis, nada apetitosa, José recusou-se a comer, ao que um dos companheiros de mesa disse:

— Daqui a três dias ele come até o prato, o que fez o outro rir muito.

José pediu licença e levantou-se. O terceiro homem que ocupava a mesa entregou-lhe uma fatia de pão com um sorriso simpático:

— Leve com você, pois terá fome mais tarde.

José pegou o pão, agradeceu e voltou para o seu triste corredor. Ali chegando, retirou um pedaço de queijo que trouxe de casa e comeu com o pão. Estava ainda pensando na vida, quando imagens e pensamentos passavam pela sua mente de forma rápida, como num filme, se ele conhecesse filmes de cinema. Foi assim que se viu capinando uma rua de café numa tarde muito quente. Parou por alguns instantes, para afiar a enxada com a lima e enxugar o suor, quando viu ao longe uma parelha de bois, puxando um automóvel rumo à casa grande da fazenda. Sem saber por que, sobreveio-lhe um pensamento triste, um mau agouro e um arrepio estranho o fez estremecer o que estaria reservado para ele?

Capítulo II A DOR DE UM DESTINO

José ficou olhando o automóvel que subia o morro, pois a sede da fazenda ficava no lugar mais alto, e pensou: não demorará muito e alguém virá me chamar. Continuou trabalhando.

Quase uma hora depois, chega um menino e diz:

— José, o Coronel mandou lhe chamar. É pra você ir depressa consertar um carro.

— De quem é o carro?

— Dr. Xavier.

José sentiu novamente um arrepio de frio na espinha e procurou afastar os maus presságios. Pegou as coisas, colocou a enxada nos ombros e disse ao menino:

— Diga ao Coronel que eu fui pegar algumas ferramentas em casa e já chego lá.

Quando o menino chegou e deu o recado ao Coronel Teodorico, este estava contando ao dr. Xavier que o José era um roceiro inteligente. Vendo os mecânicos que vinham da cidade consertar os tratores e caminhões, ele se pqs a ajudá-los e aprendeu muita coisa.

— Agora só chamamos os mecânicos, quando a coisa é complicada, se não o José dá um jeito, disse o Coronel. Ele gosta tanto de lidar com motores que até comprou algumas ferramentas.

— Ainda bem que o carro quebrou aqui perto, disse Dr. Xavier. Um colono seu ia passando e pedi a ele para avisá-lo a me mandar socorro. Espero que o seu mecânico seja competente.

Nesse momento, José chegou e, segurando o chapéu nas mãos, rodava-o pela aba, o que denotava a sua timidez. O médico olhou-o fixamente, especialmente o rosto e os braços, o que o deixou mais sem jeito. Havia um silêncio opressor, quebrado pelo Coronel com voz ríspida:

— Vamos, José, mexa-se.

Humildemente, o roceiro respondeu:

— O carro está trancado. Se o Doutor me der a chave...

— Deixa que eu abro, disse o médico rapidamente. Depois entrou no carro e destravou a capota. José examinou algumas peças e pediu para o médico dar a partida. O motor não deu sinal. O garoto que foi chamá-lo na roça aboletou-se no paralamas e pediu:

— Posso te ajudar, José?

— Pode sim. Me dê aquela chave. Esta não, a outra. José pediu a manivela do carro ao médico e girou-a até o motor pegar.

O médico desceu do carro e puxou conversa com o improvisado mecânico:

— Faz tempo que você tem esses caroços?

— Que caroços, Doutor?

— Esses dos seus braços e orelhas.

— Não faz muito, não.

O médico queria continuar conversando, mas José fez vários ajustes e pediu para o médico dar uma volta com o carro no pátio.

Depois continuou acelerando até achar que tinha resolvido o problema, mas o Doutor Xavier deveria procurar uma oficina mecânica na cidade, aconselhou.

Com o funcionamento, o motor esquentou e inadvertidamente, José encostou o braço no bloco do motor. O médico que havia descido da cabine do carro, viu e ficou quieto sem dizer nada. Foi então que o garoto começou a aspirar o ar e disse:

— Que cheiro é esse? A seguir, deu um grito.

— José! Olha o seu braço, está fritando!

José puxou o braço rapidamente e tirou o lenço do pescoço para enrolá-lo na queimadura. O médico, fingindo interesse, perguntou:

— Você não sentiu dor?

— Quando me preocupo com um serviço não sinto dores, nem fome, nem nada, respondeu o moço, enquanto fechava a capota do automóvel. Disse ao médico que o problema estava resolvido por algum tempo, mas seria necessário trocar algumas peças. O médico agradeceu e voltou à varanda, onde o Coronel Teodorico o esperava com uma jarra de limonada gelada. Então o coronel disse:

— Eu não falei que o José resolveria?,

— Sim. Ele tem jeito para mecânica, mas você vai perdê-lo, disse o dr. Xavier de forma enigmática.

— Perdê-lo, por que? Você vai roubá-lo de mim?

— Não, Coronel. Acontece que o seu empregado está lepro

— Leproso? Você está sonhando. Na minha fazenda não tem lepra.

— Eu não sou especialista, mas aposto meu diploma que este moço tem lepra. Chame-o aqui.

— José! Venha aqui, gritou o Cel. Teodorico.

José aproximou-se e parou um pouco distante, pois havia, como todos os presentes, ouvido a conversa do médico com o coronel, que não foram nada discretos. O médico pediu ao menino que pegasse para ele uma varinha no pátio. Tocando com ela as orelhas, as maçãs do rosto e os braços de José, ia dizendo que aquilo eram lepromas, que José era uma fonte de contágio.

— O que eu devo fazer? - perguntou o Coronel.

— Mande-o a R.P. para fazer exames e confirmar o que eu disse.

O médico tinha um tom de orgulho na voz ao falar aquelas palavras, pois era um clínico geral, mas tinha capacidade para diagnosticar visualmente a lepra.

— Obrigado pelo conserto. Tome esse dinheiro para você.

José recusou o dinheiro, mas o homem insistiu, dizendo:

— Vamos, não se faça de rogado, pois você vai precisar para a viagem.

— Doutor, eu estou lepro... leproso? - perguntou José gaguejando.

— E só uma suspeita, disse dr. Xavier. Se Deus quiser não será nada e voltará logo para casa.

— E se for verdade?

— Se for verdade, você vai ser internado num Asilo Colônia, um lugar maravilhoso, uma verdadeira colônia de férias. Fica lá uns dois ou três anos e sai curado.

Na sua simplicidade, José quis acreditar, mas algo dentro dele dizia que era mentira do médico a tal colônia de férias. Novamente um arrepio gelou-lhe a espinha e os olhos ficaram marejados de lágrimas.

Cel. Teodorico disse-lhe que fosse para casa e procurasse dormir, pois, no outro dia, deveria ir a R.P. fazer o exame. Vendo a hesitação nos olhos de José, enfatizou:

— Isto é uma ordem e não pode ser desobedecida.

O dr. Xavier faria uma carta para que apresentasse ao médico do Serviço de Profilaxia da Lepra.

— Por via de dúvidas, não durma com a sua mulher, nem beije os seus filhos, disse o médico.

José saiu arrastando os pés de tão arrasado e, a caminho de casa, pensou se não seria melhor atirar-se no açude e suicidar-se, pois, para que serviria um leproso? A lembrança dos filhos e de Madalena, sua mulher, fez que desejasse vê-los uma última vez.

Quando estava próximo a sua casa, ouviu o choro desesperado de Madalena, a notícia correu como incêndio em mato seco. Percebendo sua chegada, enxugou rapidamente as lágrimas com a barra do avental e fez-se forte. Abraçou-o e José tentou esquivar-se lembrando do conselho médico:

Sentados na cama, seguraram as mãos um do outro e choraram. Seu filho maior, Miguel, com quase sete anos, perguntou por que eles choravam. A menorzinha, aparou com a ponta do dedinho indicador uma grossa lágrima do pai e beijou-o com ternura, dizendo na sua linguagem infantil:

— Papá, chora não. Eu ama você.

Pouco depois, Gustavo, o garoto, já nosso conhecido, trouxe a carta do dr. Xavier para ser entregue ao serviço médico na cidade grande. Com os olhos pedia para entrar, mas, José foi severo com ele:

— Vá embora, Gustavo. Não convém que você fique aqui.

— Ora, José, você sabe que eu gosto muito de você. Deixa eu lhe dar um abraço.

— Obrigado, Gustavo. Mas porque eu também gosto muito de você, prefiro que você não me abrace. Vou lhe pedir uma coisa: ajude Madalena a tomar conta das crianças. Não deixe Miguel se meter em encrencas.

— Tá bom, José, vou cuidar dele como se fosse meu irmãozinho.

Cercado pela ternura da família, José desistiu da ideia de suicídio, não conseguindo jantar, nem dormir. Madalena recusou-se a dormir sozinha, passando juntos aquela noite sofrida e longa.

Ao amanhecer, José conseguiu uma carona até a cidade de S. e de lá foi numa "jardineira", até R.P., levando a carta do dr. Xavier, um bornal com pão e queijo e uma garrafinha de guaraná com café. Depois de muito perguntar e muito andar, conseguiu localizar o Posto Médico, onde entregou a carta. Mandaram-no sentar-se. José estava desanimado de esperar, quando o chamaram pelo nome e o mandaram entrar no consultório. Um homem calvo e uma mulher madura, usando longos aventais brancos começaram a examiná-lo. Mandaram-lhe tirar a camisa e os dois iam discutindo sobre o que encontravam.

— Sem dúvida, é um caso Dimorfo Lepromatoso, disse a mulher.

— Tire as calças e a cueca, disse asperamente o médico.

José olhou a mulher e ficou envergonhado, ao que o médico falou estupidamente:

— Vamos, rapaz, você está nos fazendo perder tempo.

Muito lentamente José ficou nu e vários testes foram feitos com vidrinhos de água quente e fria. Com a ponta da agulha e mecha de algodão, para testar a sua sensibilidade.

O próprio médico, com um instrumento parecido a uma caneta, raspou-lhe a pele em alguns pontos: como orelhas, joelhos e braços, esfregando-a numa pequena lâmina de vidro. Depois, com um estilete de ponta envolta em algodão, tirou material do nariz e esfregou em outra lâmina de vidro. Mandando vestir-se, ordenou aguardasse novamente na sala.

A espera foi longa. Mesmo sem fome, comeu um naco de pão com queijo e tomou o café frio que havia trazido. Notou que um funcionário vigiava-o constantemente. José levantou-se do banco, dirigindo-se à porta, com a intenção de dar um pequeno passeio, o que o funcionário impediu, dizendo que não podia sair. José perguntou onde era a casinha, pois era assim que ele conhecia o sanitário e o funcionário indicou o local, ficando à porta esperando que saísse.

Algum tempo depois, ouviu-se o barulho de um carro à frente do Posto. Entraram dois homens, um motorista e um auxiliar:

Qual é o homem que vai para Asilo Colônia?

É este aqui, disse o funcionário ao acompanhante do motorista. Dr. Bueno quer falar com você e entregar os papeis da internação.

Quando José ouviu aquilo, foi como se um raio o atingisse, fulminando-o, e em desespero, implorava:

— Por favor, não façam isso comigo. Eu preciso ir à minha casa antes. Pelo amor de Deus.

Como o motorista ficou indeciso, o médico saiu do consultório e falou rispidamente:

— Obedeça, sem criar problemas, ou será pior para você.

José implorou:

— Doutor, eu sempre fui um homem obediente, temente a Deus e só estou pedindo para passar por minha casa. Como é que eu vou sem roupas, sem nada. Sem despedir da minha família e dizer para onde estou indo?

— Não me interessa, disse o médico. Eu já fiz a minha obrigação que é a de mandar interná-lo, para evitar que você espalhe a doença. Não tenho nada a ver com os seus sentimentos.

De repente, José sentiu um calor interno e sua respiração acelerou-se. Sem saber por que, exclamou em tom quase patético:

— Doutor, o senhor tem dois filhos e o pequeno é aleijado. O senhor o ama muito. Eu peço em nome dele, eu peço em nome do Francisquinho, deixa eu ver meus filhos pela ultima vez.

O médico ficou aturdido com aquelas palavras, pois nem mesmo os seus funcionários sabiam que ele tinha um filho com paralisia infantil. Se ele tivesse levado um murro na cabeça, o resultado não seria tão devastador. Hesitou por alguns instantes e depois disse ao motorista:

— Pode passar na casa dele, afinal de contas, vocês desviarão poucos quilômetros do caminho.

O motorista sentiu um alívio, pois estava com muita pena do moço. Contudo, pediu ao médico:

— O senhor precisa me dar uma autorização assinada.

O médico mandou o datilografo bater a autorização e entrou para o consultório, dizendo que não atenderia mais ninguém naquele dia. Quando o datilografo levou o papel para ele assinar, ordenou trouxessem José à sua presença.

— Você me conhece? Já viu meu filho?

— Não, senhor. Não sei como falei aquilo. Peço que me perdoe.

— Tudo bem. Você jura que nunca me viu antes, nem ao meu filho?

—Juro pelos meus próprios filhos.

— Está bem. Pode ir embora.

— Vou rezar por seu filho.

— Não precisa. Não acredito nisso. Vá, vá embora.

Passaram pela fazenda do Cel. Teodorico e foram ao ranchinho do José, apenas para que pegasse algumas coisas, visse os filhos e a mulher pela última vez. O motorista estava com pressa e demonstrava isto claramente. José não beijou os filhos, olhou-os com os olhos turvados pelas lágrimas e, ao despedir-se da esposa, disse convicto:

— Eu volto. Um dia eu volto pra casa.

Capítulo III REENCONTRO DE AMIGOS

Nessa altura, José foi despertado das suas lembranças por uma voz alegre que entrou no corredor gritando:

— Cadê o novato de S..

— Sou eu, respondeu José, identificando a voz de quem o procurava. Ao se verem, a exclamação foi mútua:

— Você, José!

— Você, Argemiro!

— Psiu, fez o recém chegado. Meu nome aqui é Rubens. Depois lhe explico.

— Mas você não morreu? Houve um comentário que você havia se suicidado por causa de uma moça?...

— Encontraram o meu corpo?

— Não. Claro que não! Então deixa que pensem. Melhor para mim e para a minha família. Você ainda joga futebol?

— Não. Eu parei, há quase um ano. Não posso respirar pelo nariz.

— Mas aqui você vai jogar.

— Não vou, não.

— Yai sim, porque os esportistas têm tratamento especial. Comida melhor, alojamento e a gente até viaja para jogar em outras colônias. Amanhã eu vou apresentá-lo ao nosso treinador. Quem diria, você aqui. Puxa como você me dava trabalho nos jogos!

— Eu ainda tenho as marcas dos cravos da sua chanca (chuteiras) na minha canela.

— Quem mandou você passar a bola no meio das minhas pernas.

Os dois riram muito, Rubens convidou-o para ir ao cinema, mas ele não quis. Amanhã eu venho busca-lo, vou lhe mostrar tudo. Conversaram mais um pouco e Rubens foi embora, para não perder o horário do cinema.

Pouco depois apareceu um funcionário avisando que, na manhã seguinte, viria buscá-lo para exames e para ser fichado na administração interna.

Aquela noite foi longa e sofrida. José demorou a dormir e mais uma vez sonhou que chegava a sua casa montado num lindo cavalo, desta vez negro, com arreios prateados.

Acordou muito cedo, como de habito, na fazenda. Lavou o rosto, enquanto o banheiro estava quase vazio. Ele nunca havia usado água encanada, nem se beneficiado da luz elétrica, que ele conhecia da casa grande da fazenda. Mais tarde, acompanhou as pessoas ao refeitório, ondeo café com leite e pão era mais aceitável. Após o café, foi procurado pelo funcionário que havia falado com ele na véspera, e levado a responder perguntas sobre ele e sua família. Deveria apresentar documentos. Do escritório passaram ao ambulatório médico. Alguns exames foram marcados para os dias seguintes.

Ao chegar ao pavilhão, onde estava alojado, Rubens já o esperava com duas bicicletas emprestadas, iria mostrar-lhe todo o hospital. Saíram andando devagar e Rubens foi identificando os prédios. Aquele é o Ambulatório Médico, onde você já esteve. Ali em frente é o prédio do cassino, onde temos o cinema, teatro e biblioteca e ainda mesas de snooker e bilhar. E ali que fazemos os grandes bailes. Lá atrás está a igreja católica e em todas essas casas moram pessoas casadas, ou amasiadas, mas sem os filhos, a não ser que a criança seja doente também.

Entraram por uma rua comprida com casas dos dois lados e, no final dela, um pouco mais à frente, havia o campo de futebol, e uma quadra de bola ao cesto. Ali próximo, uma casa isolada, o necrotério, onde se faziam autópsias. Saindo perpendicularmente ao campo, havia outra rua longa, com árvores frutíferas, especialmente mangueiras, marginando-a dos dois lados, e, ao final dela, o cemitério, com túmulos bem trabalhados, a maioria de covas rasas. No retorno, pararam no campo de futebol, com um bom gramado. Rubens brincou:

— E pena que não temos uma bola pra gente tirar um racha.

José já demonstrava algum cansaço. Já se aproximava a hora do almoço. Rubens disse ter conversado com o treinador, sr. Valentino, e este, confiando nas suas informações, mandou que levassem a sua cama e seus pertences para a casa dos esportistas.

— Esta noite você não dorme mais naquele corredor horroroso, disse Rubens, acrescentando: vamos almoçar e depois vamos à casa do treinador, que ele quer conversar com você. Amanhã bem cedo vamos pegar as bicicletas, vou leva-lo à zona rural. Lá temos algumas plantações, pomares de frutas, animais como cavalos e vacas.

Havia várias casas para os esportistas solteiros, com dois quartos, sala e cozinha. Em cada quarto, três camas. Em cada casa havia uma cozinha. A comida era muito superior à do refeitório geral e o asseio era evidente. Rubens apresentou José aos compa-

31

nheiros e almoçaram. Depois pegaram as bicicletas para ir à casa do Sr. Valentino. No caminho, passaram por um pavilhão que abrigava as crianças internadas. À porta estavam dois garotinhos, um tinha cerca de 9 anos, cabelos ligeiramente louros e ondeados, olhos azuis muito

serenos, físico mirrado, parecendo ter menos idade, fisionomia bonita, o que fez José se lembrar do seu filho Miguel. Pararam um pouco para conversar. José percebeu que os dedos das mãos do menino eram enrolados de encontro a palma da mão⁴ e os seus pés tinham as pontas caídas, o que o obrigava a erguer muito o pé e jogá-lo para a frente, para poder andar. Na gíria hospitalar, esse modo de andar chamava-se “jogar o pé”, em outros hospitais possuía o sugestivo nome de “bater banha”. Na linguagem médica, “marcha escarvante”.

— Você é o novato que é craque de bola? perguntou o menino maior.

Antes que José respondesse, Rubens se adiantou:

— É ele sim. Ele é muito bom. Vá assistir ao treino sexta-feira e então você vai ver como ele é um craque.

— Como é seu nome? - perguntou José.

— Cristiano, e este é o meu irmãozinho Danilo. Ele tem só quatro anos.

José ficou em silêncio, perguntando a si mesmo o porquê de aquelas crianças estarem ali internadas. Questionou Deus e duvidou da sua existência. Rubens, vendo-lhe o rosto preocupado, procurou distrair as crianças, fazendo algumas palhaçadas.

Saindo dali, Rubens falou muito sério com José:

— Temos umas 70 crianças entre meninos e meninas, alguns em péssima situação de saúde, inclusive um garotinho que se chama Geraldinho, agonizando há dias. Não queira ser mais que Deus, pois há momentos neste lugar esquecido do mundo, em que só temos Ele.

Chegaram à casa do treinador e Rubens foi entrando muito alegre e brincalhão, chamando pela dona da casa:

— Onde está minha namorada favorita? Dona Florinda, cadê você?

— Entra, Rubens. Estamos aqui na área dos fundos, está mais fresco. Vem tomar um copo de limonada com gelo.

— Nada como a posição social? brincou Rubens.

⁴ 4 | Atrofia em forma de garra.

Capítulo IV NASCER DE NOVO? COMO?

Rubens beijou Dona Florinda no rosto e apresentou José ao casal. O treinador era um homem de meia altura, um pouco gordo, pele vermelha e cabelos ruivos, um ar paternal e todos reconheciam que ele tinha psicologia toda especial para lidar com jovens esportistas.

A princípio, a conversa ficou convencional, mas aos poucos José foi ficando à vontade; falando da sua vida, contou que, por ter físico forte, aos 16 anos jogava no segundo time da fazenda e, em menos de um ano, já era titular.

Rubens afirmou ser sempre um tormento jogar contra ele e, por mais que caprichasse na marcação, José marcava um ou dois gols.

Quando a conversa foi sobre a família, os olhos de José se entristeceram. Ele falou da mulher e dos filhos com muita emoção. Disse que não compreendia o porquê da crueldade da vida. Narrou como o dr. Xavier descobriu que ele era doente, ao consertar o seu carro e queimar o braço no motor. Nunca foi muito religioso, mas acreditava em Deus. Agora, guardava sérias dúvidas sobre sua existência.

— Creio que nunca fiz mal a ninguém, posso ter tido os meus pecados, mas quando vi, hoje aquele menino chamado Cristiano, e o outro pequenino, seu irmãozinho, francamente, não posso acreditar na bondade de Deus.

— Você já ouviu falar em reencarnação? perguntou a esposa do treinador.

— Pronto, lá vem você com as suas ideias de Espiritismo, atalhou o marido.

— Não, dona. Não sei o que é isso não, foi a resposta de José.

— São pessoas que acreditam que nascem mais de uma vez, acrescentou Rubens.

— Não pensamos, disse dona Florinda, mas a reencarnação é uma realidade. Não é possível entender o mundo sem a reencarnação. Quem pode explicar por que você é lavrador e ficou leproso, enquanto o tal Cel. Teodorico é muito rico e não tem nenhuma doença? Será que Deus gosta mais dele do que de você?

— Acho que sim, respondeu José. Isto é, se existe um Deus.

— Não, rapaz, certamente você cometeu crimes em outras vidas, outras reencarnações e agora está pagando. A justiça de Deus é perfeita, acrescentou a mulher.

Era uma visão simplista da lei de causa e efeito, que vai muito além de pagar dívidas, mas, com certeza, impressionou o novato.

— Chega, mulher. Você está aborrecendo o moço.

— Não, sr. Valentino não me aborrece não, estou achando muito interessante essa explicação. Só que eu não me lembro de ter vivido antes.

. Ninguém se lembra pois a misericórdia de Deus faz que esqueçamos o que se passou em outras vidas.

— Mas não seria melhor lembrar? Todo mundo que esquece uma dívida, fica aborrecido quando é cobrado.

— Não, meu filho, disse carinhosamente dona Florinda. Se soubéssemos o que fomos, com quem vivemos e o que fizemos uns contra os outros, a vida em família e em sociedade seria um pandemônio.

Procurando mudar o rumo da conversa, que não o agradava muito, o treinador começou a falar sobre a vida no Asilo Colônia. Aconselhou José a não se ligar aos traficantes de bebidas e às prostitutas.

— Infelizmente, existem essas duas coisas aqui. Há pessoas que fogem e vão às cidades próximas para comprar cachaça, conhaque e outras bebidas alcoólicas e vendem muito caro. Como sempre, encontram compradores, ficam cada vez mais ousados. Quando são apanhados pelas autoridades do hospital, são presos e removidos para outro Asilo Colônia mais distante. Fique longe deles, aconselhou o Sr. Valentino.

Eu não bebo, sr. Valentino.

— O Asilo Colônia é uma pequena cidade fechada. Temos nosso prefeito, delegado, polícia e uma cadeia com grossas barras de ferro. Aí são encarcerados os fugitivos recapturados ou que retornam espontaneamente, também os indisciplinados, os que se embriagam e causam problemas, e continuou o treinador.

— Temos também a Caixa Beneficente, acrescentou Rubens, criada para ajudar os doentes mais pobres, mas que pouco fazem pelos que precisam. Como o Estado não pode receber donativos, a Caixa Beneficente trata de fazê-lo.

— Elas foram criadas com muito boa intenção, mas o fato de o diretor de o hospital ser o presidente de verdade e os pacientes tirarem proveito político e social, ao ocupar o cargo de presidente, as finalidades principais foram desvirtuadas, completou Rubens.

— Os esportistas têm algumas regalias, porque os diretores das colônias mantêm forte rivalidade nos esportes, interveio novamente o treinador.

— Nas casas como a nossa, moram casais que já vieram de fora casados, ou se casaram aqui dentro. Há alguns casos em que o marido ficou doente e a mulher, sadia, internou-se também para cuidar dele. Mas os filhos, estes não podem morar com os pais, a não ser quando são doentes também.

— Você já conhece os grandes pavilhões coletivos. Por estarem internando muita gente, os corredores estão cheios, mas já estão construindo pavilhões tipo Carville⁵, onde vão morar os solteiros e os que, embora casados, estejam sozinhos aqui. Do outro lado, fica a ala feminina, igual à masculina. Ao todo somos mais de duas mil pessoas. Umas duas mil e quinhentas talvez, disse o treinador.

— Temos escola para as crianças, completou Rubens. Temos o cinema, cujo prédio você já viu, salão de baile, biblioteca com muitos livros e recebemos jornais das grandes cidades como São Paulo e Rio de Janeiro.

— Deve ter muito funcionário para tocar todo esse serviço.

— Quase todo o serviço é feito pelos doentes, inclusive o serviço de enfermagem. Temos a zona rural, oficinas, açougue, cozinhas, manutenção, armazéns, frota interna, escritórios, quase tudo. O Governo do Estado nos paga por uma folha de laborterapia, que quer dizer, a cura pelo trabalho, mas é uma pequena gratificação e os pagamentos atrasam muitos meses.

Com os doentes trabalhando, nas outras Colônias, o Governo economiza muito dinheiro, pois se colocasse funcionários públicos em todas as funções, precisaria de centenas de funcionários.

— E quem fornece a alimentação para todo esse pessoal?

— E o governo estadual. A cada 15 dias é distribuída uma etapa ou quinzena, com alimentação suficiente para cada residência, pois os que moram nos pavilhões comem no refeitório geral e, no restaurante da Caixa Beneficente, os que podem pagar.

— E visitas? Podemos receber visitas? - perguntou José.

— Sim. Mas elas ficam no parlatório. Os doentes de um lado e a visita sadia do outro, com aquele muro largo e alto separando-os. Nada de abraços, nada de beijos, esclareceu dona Florinda.

— Mas aqui ao menos podemos tocar as mãos. Noutras colônias há dois muros separados um do outro por um espaço de mais de um metro e, nesse espaço, ficam guardas para evitar que haja contacto entre o paciente e os visitantes, disse Rubens.

Eu nunca vi, mas dizem que há Colônias em que colocaram uma chapa de vidro muito alta que não permite que se passem objetos de um lado para o outro.

— Temos também um correio interno. Quando você escreve para a sua casa, não cole o envelope, coloque a carta aberta na caixa do correio, porque ela vai ser censurada e desinfetada, informou Rubens.

— Censurada? O que é isto? - perguntou José.

⁵ 5 - Modelo de pavilhões copiados do Hospital de Carville, dos Estados Unidos.

— A sua carta é lida por um funcionário e se você falar mal do hospital, da comida, de alguma autoridade hospitalar, mesmo que doente, como o prefeito, o delegado, a carta volta com ordem para recolhê-lo à cadeia, esclareceu dona Florinda.

— Pouco a pouco você irá se acostumando com a vida fechada daqui. Se você uver a sorte de ir disputar algum jogo no Padre Bento, lá em São Paulo, você vai conhecer um médico humanitário, dr. Lauro de Souza Lima. Ele sempre concede uma licença para a gente ir até a cidade de São Paulo passear, disse o treinador, apoiado pelo Rubens.

— Andando de bicicleta com o Rubens, vi duas senhoras grávidas. O que acontecerá com as crianças?

— Na sala de parto, o médico ou a parteira mostrará a criança para a mãe, e dirá se é menino ou menina. A mãe não terá o direito de pegá-la ao colo ou beija-la. Embrulhada pela enfermeira sadia, será entregue aos familiares sadios se eles vierem buscá-la.

— Senão?

— Senão será levada para uma creche do Estado e posteriormente para um preventório. Muitas nunca verão os pais.

Dona Florinda fez mais uma gostosa limonada gelada e, depois de servir o refresco, levou José ao quintal, para ver os seus canteiros de almeirão, cebolinha e rúcula. José elogiou a cultura, deu alguns conselhos, mas logo estava com a enxada nas mãos, providenciando algumas coisas, para melhorar os canteiros. Como quase todas as casas, a do treinador tinha, também, um pequeno galinheiro com dois gêneros, Leghorns e Rod Island, muito boas poedeiras.

Logo, Rubens o chamou para irem embora, ficando combinado que José participaria do treino da sexta-feira. O treinador recomendou a Rubens que o levasse no dia seguinte para experimentar o material esportivo. Ao despedir-se, o treinador disse que falaria com um amigo, chefe da oficina mecânica interna, para lhe dar emprego.

— Gostei muito de você, disse o sr. Valentino a José, dificilmente me engano ao avaliar alguém.

— Agradecido, muito obrigado pela acolhida.

Os dois moços montaram nas bicicletas. Rubens sugeriu fossem verificar suas coisas no corredor do pavilhão.

Lá chegando, foram informados, de que já tinham levado a cama e a mala para a casa dos esportistas, por determinação do setor de alojamentos.

Rumaram então para o novo endereço do novato.

Uma vez no alojamento, foi apresentado aos demais.

Um tanto sem jeito, José chamou Rubens de lado e perguntou:

— Onde posso conseguir uma bacia para tomar banho ou será que tem alguma lagoa ou rio aqui por perto?

Rubens não pôde deixar de rir, levou-o ao banheiro, mostrou como funcionava o chuveiro. Deu-lhe um sabonete e explicou que deveria ter uma toalha e roupa limpa.

Após o banho, jantaram e mais uma vez Rubens convidou-o para ir ao cinema. Apesar da curiosidade de ver o que era um filme, nunca tinha assistido a algum, preferiu não ir, queria dormir cedo, pois na manhã seguinte teria que fazer vários exames.

Quando Rubens retornou do cinema, encontrou José ainda acordado, mas ele não queria conversar, por estar muito triste, com muita saudade da família. Só muito tarde conseguiu dormir e mais uma vez sonhou que chegava à sua casa, no seu ranchinho coberto de sapé, montando um lindo cavalo, mas o rancho estava vazio, o lume do fogão apagado e ele ouvia gemidos e choro sem ver ninguém.

Capítulo V QUEM JÁ FOI CRAQUE...

Com alguns dias de internamento, José arriscava-se a entrar numa fase aguda de tristeza, que modernamente chamamos de depressão. A saudade era imensa. Sentia uma falta terrível dos filhos e da esposa e também da sua liberdade. José era um caboclo muito trabalhador, madrugava com alegria para trabalhar e apreciar, por um instante, o nascer do sol, iluminando primeiro o cabeço dos montes, para, depois, espriar-se na campina, em reverberações de luz. Era maravilhoso ver a luz do sol refletida no espelho d'água do açude.

Quantas vezes, após o amanho da terra, ficava no campo molhando-se com as primeiras chuvas, encharcando-se das esperanças de uma vida melhor, embora o lucro fosse apenas para o patrão.

Ele já entrara em contacto com enfermos que viviam num pavilhão que os próprios chamavam de “ferro velho” e constatara os terríveis efeitos da doença, inclusive em crianças. Sentiu um estranho pesar, ao ver pequenos deformados, cegos, ulcerados, mãos em forma de garra, nenhuma sensibilidade táctil. Muitas vezes usavam a língua para encontrar uma colher, ou um alimento colocado displicentemente por algum funcionário sobre o criado mudo, geralmente nada limpo.

José lembrou-se de, um dia, ter assistido a uma missa e o velho pároco tecer um inflamado sermão, descrevendo os tormentos do inferno. Com certeza, pensou, o pároco nunca viu um Asilo para leprosos, porque assim e teria uma melhor ideia do inferno.

Para cumprir a lei da internação compulsória para os leprosos, o governo determinou medidas drásticas. Lares foram invadidos, mulheres separadas dos maridos, filhos se tornaram órfãos de pais vivos.

Maridos ciumentos viveram o inferno, fechados nos asilos, sem poder vigiar suas esposas, desconfiando sempre da infidelidade. Jovens que começam a despontar para o sucesso profissional, viram suas carreiras derrubadas antes de decolar.

No asilo, havia um jovem muito inteligente, um verdadeiro intelectual, casado há pouco tempo. Foi separado da esposa e da filhinha recém-nascida. Mergulhou no álcool, passando a maior parte do tempo embriagado, para amortecer a dor. Quando a esposa ia visitá-lo, recusava-se a comparecer ao parlatório, e, nos domingos, bebia muito mais. Chegou a tornar-se um farrapo humano, moralmente falando, mas manteve-se em boas condições de saúde. Futuramente, curado pela sulfona, se reabilitaria retomando o trabalho intelectual, publicando muitos livros e desenvolvendo qualidades morais extraordinárias e belíssimas faculdades mediúnicas. Ele, um ex-hanseniano, dedicou-se então a orientar e consolar pessoas de todas as classes sociais.

Embora fosse um simples roceiro, José percebia facilmente que ali, naquele lugar triste e esquecido, muitos desceram pelo declive da imoralidade. A doença física destruía-lhes os corpos e a doença moral aniquilava-lhes a alma.

Finalmente, chegara o grande dia da apresentação como jogador de futebol. Em tomo do campo havia uma pequena multidão de curiosos, para ver o craque a quem Rubens elogiava tanto. Ele entrou com os demais, já uniformizado, e, como não havia nenhum jogo programado, o treino obedecia a uma interessante disposição. Linha contra defesa. Isto é, a linha atacante titular formava com a defesa reserva, menos o goleiro, vice-versa, portanto, José não jogaria contra o Rubens.

Alguns assistentes faziam piadas com o porte físico de José e achavam que ele era um perna de pau (jogador ruim), mas isso até jogarem a bola em sua direção, enquanto se aqueciam. José amorteceu-a com muita classe, controlou-a algumas vezes com os dois pés e depois rolou-a maciamente para um dos companheiros.

Neste momento, José viu o garotinho Cristiano vir correndo para o seu lado, de uma forma grotesca, pois tinha que jogar os dois pés para frente e muito alto para não tropeçar. José abaixou-se para cumprimentá-lo e o garotinho disse:

— Puxa vida, acho que você é bom mesmo. Boa sorte, tá bom? j

— Vou marcar um gol para você e para o seu irmãozinho. O goleiro é bom?

— E sim. E tem uma sorte danada, disse o garotinho.

O treinador assoprou o apito para chamar os jogadores para o início do treino e disse que não toleraria violência:

— O diretor médico veio assistir ao treino. Dêem um bom espetáculo. Não se esqueçam quem escala o time sou eu. José vai entrar no primeiro tempo porque o diretor quer vê-lo em ação, por não poder ficar até o final do treino.

Instantes depois começou o jogo-treino e os companheiros de José evitavam passar ele a bola, embora estivesse sempre bem colocado. De repente, esticaram uma bola em sua direção e esforçando-se para alcançá-la, faltaram-lhe pernas, devido à longa inatividade. Houve um início de vaia, que logo silenciou, porque a bola veio a ele em boas condições, dominando-a, girou o corpo, dando o adversário da jogada, e rolou a bola açucarada para um companheiro que entrou livre na área, sem marcação, chutando para fora.

Até à metade do primeiro tempo de jogo, José recebeu poucas bolas, mas, distribuiu-as com perfeição. Seu marcador começou a endurecer o jogo, fazendo faltas seguidas, algumas violentas. Como a linha do primeiro time era muito boa, já tinham marcado dois gols. Rubens rebateu uma bola para o meio do campo em direção a José, este reuniu todo o fôlego e, com um jogo de corpo tirou dois adversários da jogada, avançou mais uns trinta metros e viu quando os dois extremos fecharam para a área. Ele ameaçou rolar a bola para extrema direita, girando rapidamente o corpo colocou o ponteiro esquerdo na cara do gol e este só teve o trabalho de empurrar a bola para dentro. Ele foi muito aplaudido pela torcida e os companheiros vieram cumprimentá-lo. Daí para frente, todos queriam passar a bola para ele, que a todo instante recebia botinadas do seu marcador.

Suas passadas eram largas e firmes. Esticaram-lhe uma bola e ele deu dois dribles secos no seu marcador, que caiu sentado. Ao levantar a cabeça, ele viu o Cristiano atrás do gol e resolveu tentar chegar até a área, embora o fôlego estivesse curto. Os dois ponteiros fecharam novamente a partir do bico da área, os marcadores procuraram fazer a cobertura para impedir que os extremos recebessem a bola, José, no entanto, passou o pé por cima dela para enganá-los, o goleiro adiantou-se para cobrir a visão do atacante e, num toque sutil, ele o encobriu e a bola aninhou-se mansamente no fundo da rede. A torcida explodiu em aplausos, pedindo que o treinador o colocasse no time titular. Rubens veio cumprimentá-lo e Cristiano saltava e gritava alegremente.

O cansaço já tomava conta de José e as pernas já não obedeciam ao raciocínio. Já mais lento, sofreu uma falta violenta do seu marcador. Alguém disse para deixar o novato bater. A bola foi colocada a dois metros da meia lua. José ajeitou-a carinhosamente. O goleiro, irritado, posicionou a barreira e disse que tiraria de cabeça se ele acertasse o gol. José ficou a curta distância da bola. O treinador assoprou o apito e José, com um golpe seco, colocou a bola no ângulo superior esquerdo do gol. O goleiro ficou estático, sem se mexer. A torcida exultou. Na primeira bola que voltou aos seus pés, o seu marcador atingiu-o violentamente. Rubens partiu para cima do zagueiro e foi preciso muito esforço para impedir que ele o agredisse.

José ficou assustado, porque os cravos da chuteira do seu marcador rasgaram-lhe a canela, mas ele não sentia dor. O treinador expulsou o zagueiro que saiu muito bravo, achando que não fizera nada de mal, substituindo José para evitar o agravamento da contusão. Ele saiu mancando para não demonstrar que sentira a pancada, embora a perna estivesse formigando. Cristiano veio correndo abraçá-lo e logo estava cercado por mais de dez meninos que o festejavam.

Vieram, então, dizer que o diretor queria vê-lo. Levaram-no até ao médico, que lhe disse:

— Meus parabéns. Você parece ser um craque. Está meio fora de forma, um pouco gordo, mas o Valentino dará um jeito nisso. Vai cuidar dessa perna para não infeccionar.

jjgjS Agradecido Doutor. Se eu pudesse respirar melhor...

Logo a seguir um paciente magro, usando óculos e macacão azul sujo de graxa aproximou-se dele e perguntou:

— Você é o mecânico de que o Valentino me falou?

— Sim. Mas eu não sou mecânico. Aprendi um pouco na fazenda, esclareceu José.

— Tudo bem. Você pode começar amanhã cedo. O salário é pequeno mas ajuda. Só não gosto dessa coisa de futebol. Uma besteira, só para tirá-lo do trabalho duas vezes por semana. Mas o Valentino não abre mão.

Nos dias seguintes, só se falava no desempenho do moço da cidade de S. Os que não foram vê-lo no primeiro treino disseram que não perderiam os próximos. A partir desse dia, uma pequena multidão acompanhava os treinos. José continuava no segundo time, recuperando pouco a pouco a sua melhor forma física, mas a dificuldade de respirar pelo nariz era um obstáculo difícil.

Havia um garoto de uns 17 anos que treinava, de quando em quando, entre os adultos e a primeira vez que foi colocado ao lado de José, os dois se entenderam perfeitamente. O garoto era um goleador nato e, com os passes de craque, ele fazia dois, três ou mais gols em cada treino. O treinador resolveu colocar o primeiro time completo contra o segundo, e José e Dorival estraçalharam o treino, marcando dois gols cada um, vencendo por 4 a 3. Só meses depois José passaria para o primeiro time. Isso foi quando houve um jogo com outra Colônia. José e Dorival deram um show na preliminar e o segundão goleou o adversário por seis gols a zero.

Terminado o jogo, o treinador, que tirara José na metade do segundo tempo, disse que ele ficaria na reserva, para entrar no segundo tempo do jogo principal, como titular. O jogo estava muito difícil e empatado, embora o adversário fosse considerado inferior ao time da casa. José entrou e desequilibrou o jogo fazendo dois passes perfeitos que redundaram em dois gols, dando a vitória ao time local. Daí para frente foi titular absoluto do primeiro time, juntamente com o garoto Dorival.

As horas de trabalho na oficina e as horas de práticas esportivas traziam alguma tranquilidade e esquecimento a José. As horas noturnas eram pesadas, lentas, havia uma dor imensa em seu coração. Ele não tinha o hábito de orar, embora tentasse conversar com Deus ou qualquer ser superior que existisse. Antes de dormir, dizia invariavelmente: Boa noite, Rosalinda; boa noite, Guilherme; boa noite, Miguel; boa noite, Madalena.

Não poucas vezes lá no ranchinho de adobe, chão desnudo, camas feitas de paus trançados, colchões de palhas de milho, uma das crianças dizia: boa noite, papai. Durma Deus.

Capítulo VI SONHOS DE AMOR

Recuemos ao passado. Algum tempo depois que José foi levado para o Asilo Colônia, médicos do Departamento de Profilaxial da Lepra, sediados em R.P. vieram à fazenda examinar a mulher e os filhos do José e alguns colonos que tinham maior contato com ele, inclusive o menino Gustavo. Colheram material e depois de algum tempo comunicaram ao fazendeiro que mais ninguém estava contagiado.

Depois de quase um mês da partida de José, dona Madalena recebe a primeira carta do marido, contando tudo o que lhe acontecera e que ele estava trabalhando como mecânico, logo, poderia mandar algum dinheiro para ela. Mandou também o endereço para ela escrever, uma caixa postal da cidade C.B.

Com a carta na mão, já borrada com as suas lágrimas, Madalena começou a recordar como conhecera José. Foi num jogo de futebol em que a fazenda na qual seus pais eram colonos, na cidade de C. disputara contra a fazenda do Cel. Teodorico. As moças da fazenda e da cidade cercavam José de todas as maneiras. Ela também se apaixonou e jurou casar-se com José.

Enquanto todas as jovens solteiras cercavam o jogador, numa festa promovida pelo dono da fazenda, Madalena, com um lindo vestido de chita estampado e uma rosa branca presa com um grampo ao cabelo, olhava-o de longe, como se não estivesse interessada. Por várias vezes ela o surpreendeu olhando-a. Foi então que ousou um pouco mais. Ele estava numa roda de amigos e admiradoras explicando como se livrara de dois zagueiros para marcar o seu terceiro gol. Ao fazer um movimento brusco, ela se aproximou como se estivesse passando casualmente, ele afastou-se para simular o chute, batendo contra ela e jogando-a ao chão.

Imediatamente procurou levantá-la, pedindo mil desculpas, apanhando do chão a rosa que se desprendera de seus cabelos, levando-a aos lábios antes de devolvê-la. Madalena brindou-o com um lindo sorriso. Seu corpo era esbelto, tipo miúdo, cintura fina, dentes perfeitos e brancos como canjica, olhos negros como a noite e a pele cor de jambo.

— ‘Você irá ao baile hoje à noite?’ - perguntou José.

- Sim. Irei sim.
- Dançará comigo?
- Talvez.

Dançou sim e somente com José. Quando sua mãe chamou-a para ir embora, eles estavam completamente apaixonados. Aquela madrugada foi longa. Madalena em sua casa e José no alojamento da fazenda, ficaram acordados ouvindo o coaxar dos sapos e das rãs e o cantar dos galos. O pouco que dormiram foram sonhos maravilhosos e simples. Ambos sonharam que estavam casados e viviam muito felizes.

O namoro foi curto. O casamento foi na capela da fazenda onde os pais de Madalena eram colonos. Não tiveram lua-de-mel, apenas um ranchinho com paredes de adobe e coberto de sapé. Móveis, apenas o essencial. Uma cama rústica de casal, uma mesa, duas cadeiras de palhinha, um banco feito pelo próprio José. Um fogão de tijolos e barro, algumas painéis e cuias serradas longitudinalmente serviam como prato. Também um pote de barro para água. Passaram o domingo fechados no ranchinho e, na segunda-feira, José já estava na lavoura, ansiando pelo pôr-do-sol, para ter a sua amada nos braços.

Dez meses depois nascia Miguel. Depois vieram mais dois, o Guilherme e a Rosalinda, que mais parecia um anjo. Menina muito frágil, exigia muita atenção e carinho.

José e Madalena formavam um par perfeito. Nunca brigaram. Nunca se maltrataram, pareciam estar numa eterna lua-de-mel, até que aquela doença desgraçada veio interferir nas suas vidas.

Madalena, com o tempo ficara ainda mais bonita. Ela atraía a cobiça dos homens e desde que José fora levado, mais de um lhe declarara ardente amor, sendo repelidos energicamente. Mesmo antes de José ter sido segregado no Asilo, o sr. Waldemar, irmão do Cel. Teodorico, administrador da fazenda, já a olhava, cobiçando-a. Não poucas vezes ela baixara os olhos, envergonhada pelo assédio daqueles olhos de serpente.

Assim que José foi levado embora, ele se tornou mais ousado. Primeiro foi vê-la, para dizer que ela poderia continuar morando no rancho, contudo, deveria trabalhar na lavoura para justificar a sua permanência. Tomando as mãos da mulher entre as suas, disse:

— Não sei como você vai aguentar a enxada. Essas mãos de fada não foram feitas para isto. Basta uma palavra sua, um sim e você não precisará ir para a lavoura.

Ela puxou a mão bruscamente e disse:

— Eu vou para a lavoura com a enxada do José. É só dizer onde devo começar.

Irritado, o administrador gritou:

— Você vai colher café. Apresente-se às 6 h no campo norte.

O homem foi embora e Madalena chorou, pois isto significava deixar os meninos sozinhos. Só quem já viu a colheita manual do café, pode fazer ideia do sofrimento daquelas mãos, embora não fossem de uma dama ociosa, não eram bastante grossas para colher os grãos de café.

Aos poucos foi se acostumando e, com a ajuda de vizinhos, conseguia fazer com que Miguel fosse à escola rural, cuidasse das crianças e da casa. Miguel e Guilherme eram muito sadios, mas Rosalinda era frágil como o seu nome. Algumas vezes, Madalena tinha que improvisar um berço e levá-la para a lavoura, onde conseguia algum tempo para cuidar dela.

Não podia recorrer aos seus pais, porque a mãe havia morrido, e o pai, picado por uma cobra urutu, ficara completamente paralisado e quase cego, vivendo com a sua única irmã, que também era pobre.

O administrador continuava assediando. Cada vez mais apaixonado, ficava mais ousado. Naquele começo de noite chegou com o seu cavalo, apeou e entrou na casa sem ser convidado.

Mulher, deixa de ser cruel. Eu preciso de você. Durma comigo uma noite, uma só noite e eu faço de você uma rainha.

Madalena esquivava-se como podia e ele ia apertando o cerco. Não adiantava mandá-lo embora, nem reclamar com o Cel. Teodorico, porque ele não ligava para o que seu irmão mais novo fazia.

'4#Eu só tenho um homem na vida, seu Waldemar. O José é o único homem que eu amo.

j^^SVocê não precisa me amar. E só se entregar a mim e eu serei o homem mais feliz da terra e do céu.

— Jamais trairei o homem com quem sou casada.

— Você não é mais casada com ele. Você é viúva dele, pois de lá do leprosário ninguém sai. Lá é o inferno. Eu tenho um amigo que trabalha na administração do asilo e ele me contou que os que não morrem podres pela doença, se suicidam. Todos os dias há suicídios naquele lugar que Deus esqueceu. Com certeza o seu querido José já deve ter se enforcado.

Madalena perdeu o controle e gritou:

— Ponha-se daqui para fora, miserável.

Como Rosalinda começou a chorar e Guilherme estava muito assustado, achou mais prudente ir embora. Três dias depois, voltou, pedindo perdão pelo que falara, reiterando o seu amor, o seu desejo.

Miguel sentara-se na sala, tentando vencer o sono e querendo inibir a ação do administrador. Tonto de sono, o menino resistiu, enquanto podia, mas acabou dormindo sobre a mesa. Madalena pediu para o administrador ir embora, pois já eram nove horas e ela tinha que levantar muito cedo para trabalhar.

— Diga sim, mulher, diga que me aceita e eu coloco você numa casa com assoalho, forro, água encanada e empregadas para servi-la e a seus filhos.

— Por favor, vá embora. Tenho que pôr Miguel na cama.

Madalena pegou o menino no colo e entrou no quarto para acomodá-lo, acreditando que o homem teria um pouco de pudor e não entraria no quarto de uma mulher sozinha e indefesa. No entanto, ele a seguiu. Tão logo viu sob a luz da lamparina que Miguel estava dormindo na cama, fez uma apaixonada declaração de amor a Madalena. Esta pedia pelo amor de Deus que fosse embora. Após um tempo mais ou menos longo, ardendo de desejos, ele agarrou a mulher e jogou-a sobre a cama. Deitou-se sobre ela e começou a beijá-la como um louco. Colou os seus lábios nos lábios de Madalena e forçava para abri-los. Ela resistia. Repentinamente, ele rasgou-lhe o vestido e a combinação. Apertando-lhe o pescoço com uma mão, com a outra arrancou violentamente suas roupas íntimas. Como Madalena ainda tentasse resistir, ele esmurrou-a fortemente e Madalena sem forças, apenas exclamou:

— Mãe santíssima, me socorre.

Neste momento o administrador ficou ajoelhado sobre a cama, para tirar o cinturão e abrir a calça, quando se dispunha a consumir o ato nefando, Madalena com os olhos esbugalhados gritou:

Pelo amor de Deus, Miguel, não faça isto.

O homem olhou para trás com o canto dos olhos e viu o pequeno vulto do menino com um punhal na mão pronto para enterrá-lo em suas costas. Na posição em que ele estava, deu um tremendo golpe com as costas da mão na boca do menino, que foi atirado longe, deixando cair o punhal que fora de seu pai. Com incontida ira, o homem resolveu continuar batendo no menino. Madalena, reunindo todas as suas forças, pegou o punhal, que caíra próximo, e encostando sua ponta na garganta do famigerado homem, disse, com firmeza inaudita:

' Saia! Ou deseja experimentar minha coragem?

Como os covardes são valentes apenas quando estão em vantagem, o administrador gaguejou uma desculpa e foi embora.

Alguns vizinhos, percebendo o que se passava, criaram coragem e vieram em socorro da infeliz mulher. Naquele mesmo instante, a quilômetros de distância, José começou a sentir-se muito mal, sem nenhuma explicação, logo pensando que alguma coisa ruim estava acontecendo com sua família.

O sr. Waldemar passou pelo vexame de sair da casa arrumando às calças, e com um punhal quase espetado na garganta. Xingou os colonos, ameaçando-os. Montou o cavalo, saindo em disparada rumo à sede da fazenda. As mulheres logo socorreram Madalena, praticamente nua, enquanto os homens socorreram o pequeno Miguel, tentando fazê-lo voltar a si, pois, com a força do golpe e a desigualdade física, ele desmaiara.

Seu Totico, o mais velho dos colonos, disse que iria até a sede da fazenda, pois uma serpente venenosa como o administrador, deveria estar fazendo intrigas para prejudicar Madalena e os que vieram em seu socorro.

Foram a pé e, quando chegaram à casa grande, viram a luz do escritório acesa. Seu Totico quis entrar, mas, ao atravessar a varanda, foi impedido por um guarda-costa do coronel. Se desse mais um passo, atiraria para matar.

— Pode atirar, porque eu vou entrar, disse firmemente o velho colono de 73 anos.

Talvez pela idade do colono, talvez pela sua firmeza de caráter, o jagunço titubeou e o coronel gritou lá de dentro:

— Deixa passar, Caetano. Deixa todo mundo entrar.

Logo, os colonos entraram e respeitosamente cumprimentaram o coronel. O administrador fez mil inventivas contra eles, dizendo que lhe prepararam uma armadilha. Seu Totico pediu para falar, o que o coronel consentiu. Contou tudo o que vinha se passando, como dava as piores tarefas para dona Madalena, com o intuito de dobrar a sua resistência. O administrador jurou que era tudo mentira, até que ouviram um barulho de carroça e a filha do Seu Totico entrou com o menino ainda sangrando pela boca e nariz. Waldemar ficou pálido e começou a gaguejar. O Cel. Teodorico chamou o seu capanga e deu a seguinte ordem:

— Caetano, leve esse cafajeste para a casa dele e ponha guarda, para que ele não saia até amanhã cedo, quando ele deixará a fazenda para sempre. Não quero vê-lo nunca mais, ou mando castrá-lo, já que, por ser meu irmão, não posso mandar matá-lo.

A seguir, agradeceu a interferência do seu Totico e mandou dizer a Madalena que não fosse trabalhar na manhã seguinte, porque ele iria à sua casa para conversar com ela e levar o menino ao médico e ao dentista, na cidade de S.

Pela manhã o coronel chegou à casa de Madalena com seu carro Ford, pediu licença e entrou, procurando tranquilizar a mulher, ainda muito assustada. Pediu notícias do José e aceitou o cafezinho que ela acabara de coar. Pediu licença, para levar o menino à cidade, para ser examinado e disse-lhe que, a partir do dia seguinte, pois naquele poderia descansar, teria tarefas mais brandas.

— Eu não tenho um vovozinho. O senhor não quer ser meu avô, disse a pequena Rosalinda, subindo em seus joelhos.

A mãe ralhou com ela, mas o velho interveio dizendo:

— Pois bem, de agora em diante vou ser seu avô, já que meus filhos não me deram, ainda, nenhum neto.

A promessa seria esquecida em pouco tempo, pois que valeria uma promessa a uma criança de três anos, filha de colonos da fazenda?

Ao sair, o Coronel cruzou com o seu Totico e disse-lhe:

— Até que eu contrate outro administrador, você toma conta de tudo na plantação e na criação. Logicamente você vai ganhar de acordo com o cargo. Se quiser, pode mudar para a casa da administração.

— Muito agradecido coronel. Aceito o cargo porque sei que posso dar conta dele, mas prefiro continuar morando no meu rancho, com o meu pessoal.

O ex-administrador saiu bem cedo para não passar mais vergonha, jurando vingança contra dona Madalena e o seu Totico.

Tempos depois, souberam que conhecera uma bailarina de circo, que passava pela cidade e, apaixonado, resolveu acompanhá-la.

Capítulo VII A LICENÇA MÉDICA

José adaptara-se à rotina da vida na Colônia. Sua maior alegria era ler as cartas que chegavam da sua casa. A mais recente era de Miguel, que, orgulhoso contava que já estava no segundo ano da Escola Rural e gostava muito da sua professora. Gustavo era seu grande amigo. Juntos caçavam passarinhos, montavam arapucas, pescavam e andavam a cavalo. Rosalinda andava muito doente e, às vezes, via a mãe chorando perto do berço.

José trabalhava muito e o salário, ou melhor, a gratificação era muito pequena, mesmo assim ele enviava quase tudo para a esposa. Enquanto muitos doentes se divertiam indo ao cinema, jogando carteados e frequentando bailes, inclusive confeccionando fantasias para participar dos bailes carnavalescos, José trabalhava e jogava futebol. Tentou aprender a jogar Bola Ao Cesto, mas não tinha jeito para esse jogo.

Veza que outra ia ao pavilhão dos meninos, onde era muito estimado, especialmente por Cristiano e seu irmãozinho. Geraldinho, o garotinho que estava agonizando há muitos dias, morrera enlutando seus companheirinhos. Uma menina chamada Ermelinda também morrera, e adultos morriam quase todos os dias.

Por insistência de Rubens e alguns companheiros do futebol, ele foi assistir a uma sessão de cinema, o que o deixou impressionado. Assistiu ao jornal que trazia cenas da guerra na Europa e também lances de uma partida de futebol entre as seleções Paulista x Carioca. Ele ficou impressionado com alguns momentos em que apareceram craques como Oberdan, Zezé Procópio, Luizinho e ainda, Borracha, Pirilo, Zizinho e outros. Essa acabou sendo a única vez que foi ao cinema. Não podia desperdiçar tempo nem dinheiro, embora houvesse uma sessão gratuita às quartas-feiras.

De quando em quando, procurava dona Florinda para saber mais alguma coisa sobre aquele tal Espiritismo e a tal reencarnação. Parecia-lhe justo que quem não pagasse suas contas durante a vida, voltasse para pagá-las. Ele só não entendia como podia nascer criança de novo, ter outro nome, outros pais e não se lembrar de nada.

Dona Florinda não era muito versada no assunto, mas ficava feliz em poder passar algumas informações. Havia um pequeno grupo de espíritas no Asilo, que se reuniam numa sala desocupada duas noites por semana.

Ele andava preocupado, vinha tendo sonhos estranhos com a sua caçula e, de vez em quando, sentia-se mal, como se o coração apertasse e ficasse pequeno. Uma grande tristeza o acometia, um estranho medo de morrer.

Para piorar tudo, chegou uma carta de Madalena dizendo que precisava muito de dinheiro, pois a pequena Rosalinda estava gravemente doente. José conseguiu algum dinheiro emprestado com um agiota, também doente. Os juros eram altos e além disso, assinou uma autorização para que o agiota recebesse o seu pagamento, prática mais ou menos comum em algumas Colônias.

José falou ao Rubens que precisava encontrar mais um emprego. Ele intercedeu junto a um amigo que possuía um bar dentro da Colônia, onde havia mesas de snooker e bilhar e também jogos de cartas. Ali eram servidos refrigerantes, sucos de frutas e refeições ligeiras.

O amigo de Rubens, que lhe devia muitos favores, deu o emprego a José, para trabalhar das cinco horas da tarde às 9 ou 9:30h da noite. Para isto, conseguiu com o seu chefe na oficina mecânica autorização para entrar e sair uma hora mais cedo.

Em pouco tempo, aprendeu a servir as mesas e o balcão. Via com certa intranquilidade aqueles pacientes que gastavam o que tinham e o que não tinham com os jogos, apostando alto. Bebidas alcoólicas eram proibidas e o horário para o fechamento tinha que ser obedecido, embora, conforme os jogadores presentes, permanecessem jogando até alta madrugada, com as portas e as janelas fechadas.

Na Colônia, havia muitas pessoas que usavam um estranho expediente. Escreviam cartas chorosas a pessoas ricas ou a empresas, pedindo donativos em dinheiro ou espécie, dizendo serem leprosos, caindo aos pedaços, abandonados pela família e amigos, como se tivessem morrido. Alguns eram mesmo doentes em péssimas condições físicas. Outros eram fisicamente bons, pele sadia, com algumas manchas apenas. Entre estes havia um rapaz chamado Bentinho, que esbanjava o dinheiro recebido em jogatinas e na compra de bebidas alcoólicas adquiridas dos traficantes.

Bentinho insistia com José para se associar a ele, seriam dois a escrever, portanto, teriam o dobro de donativos. Esta prática era conhecida

em alguns hospitais como “Bater Gato”⁶. José recusava todos os convites, ao que Bentinho ironizava:

— Enquanto você se mata de trabalhar em dois empregos, eu vivo folgado, tranquilo. Como e bebo tudo o que quero. Você é bobo. Para que esse escrúpulo? Alguém lhe perguntou se você queria ser leproso e ser fechado aqui como um criminoso?

José não respondia, entretanto, lá dentro do seu coração dizia de si para consigo? esta doença maldita pode destruir, apodrecer o meu corpo, mas não toca na minha alma.

De repente, surgiu a notícia bomba. O diretor acertou um jogo contra o Sanatório Padre Bento, lá em São Paulo, portanto, os preparativos seriam redobrados. Treinos e mais treinos, pois o diretor exigia a vitória pelo muito que ele se sacrificava para manter os esportistas numa boa vida.

José não sabia como fazer: atender aos treinos, que passaram a ser três vezes por semana ou o seu trabalho no Rancho Alegre. Uma conversa de Rubens e do sr. Valentino com o dono do Rancho Alegre resolveu, pois ele fora jogador de futebol e era esportista nato; além disso, o sr. Valentino prometeu trabalhar para conseguir um lugar para ele na delegação.

Dias depois, Rubens, muito alegre, contou a José haver conseguido uma licença médica de 72 horas para ir a sua casa. Numa conversa com o diretor, disse-lhe não estar mais com vontade de jogar futebol e não pretendia ir ao Padre Bento. A princípio, o diretor não acreditou, depois começou a fazer ofertas. O que poderia fazer que ele mudasse de ideia, era uma licença de oitos dias para ir à sua cidade. O diretor ficou furioso, mas acabou dando 72 horas de licença, após ter oferecido 24 e 48 horas, ficando irredutível nas 72h. A concessão da licença dependia unicamente do diretor, ele usava esse privilégio para punir ou premiar os pacientes, de acordo com o seu humor.

— Quando você irá? - perguntou o José.

— Amanhã à noite. Prepare o que você quiser mandar para a sua família que eu vou entregar pessoalmente.

José disse que ia escrever uma carta e arranjar alguns presentes para as crianças e para Madalena.

— Vou lhe pedir um favor, disse Rubens. Eu cuido há muito tempo de um amigo que está cego, o turquinho Michel. Venha conhecê-lo e cuide dele enquanto eu estiver fora.

⁷ -Pavilhões longos com duas alas de quartos, geralmente 11, medindo cada quarto 3,5 X 3,5 e um banheiro coletivo.

Michel fora goleiro e dos bons. Jovem ainda, casou-se com uma moça chamada Irene e, por falta de residências na ocasião foram morar num quarto de um carville.⁷ Logo depois, o Turquinho ficou cego, devido às reações da doença que lhe castigava as vistas. Os médicos nada podiam fazer, não havia medicamentos. Longe de ser triste ou revoltado, era muito alegre e de finíssima educação.

José foi recebido com muito carinho pelo casal. Logo fizeram sólida amizade. O Turquinho tinha algumas teorias sobre a doença, as quais discutia com seu médico e, ao tentar explicá-los a José, este nada entendeu. Daí para frente, Michel começou a relatar alguns jogos em que fora o herói, conseguindo manter um empate ou um resultado apertado. Ele era conhecido como aranha voadora. Os únicos momentos em que ele ficava triste e até chegava a verter lágrimas, era quando ouvia vozes de crianças, ou quando acariciava uma bola de futebol.

As horas passaram lentamente. Chegou o momento de Rubens ir à sua cidade, onde pensavam que ele havia ter se suicidado, vítima de uma decepção amorosa. Lá ele reassumiria seu nome, Argemiro, e poderia rever sua mãe e irmãos.

Próximo da cidade onde desceria do trem a fim de tomar outra condução, quis arrepender-se, e quase voltou mas a saudade de sua mãe era tão grande que resolveu seguir em frente.

Ao chegar à casa, dona Eulina quase teve um ataque cardíaco. Abraçou-o e beijou-o seguidamente, o que fez Argemiro ficar receoso de que ela contraísse a doença. A mãe era a única que sabia que ele não se suicidara. Argemiro perguntou pelo irmão mais velho que logo chegou. Embora a mãe não soubesse como, Fernando, seu outro filho, sabe que o irmão estava num leprosário.

Fernando apenas cumprimentou o irmão, sem estender-lhe a mão, perguntando logo quando voltaria para o Leprosário. Argemiro sorriu triste e respondeu:

— Mais depressa do que você possa pensar.

Pouco depois, o soldado Zeca veio bater no portão e dizer que o Doutor delegado queria ver um tal Rubens, que estava hospedado na casa da Dona Eulina. Argemiro saiu e disse sou eu, Sorrindo, por ter reconhecido a voz do praça Zeca, este de negro que era, ficou cinza e quase desmaiou. Soltou um palavrão e disse:

— Você não se matou, seu cachorro, me fez chorar um mês inteiro?

Argemiro se aproximou dele e Zeca abraçou-o fortemente. O visitante tentou afastá-lo de si, ao que Zeca insistiu.

Chegaram à delegacia. O Delegado, um tanto incomodado com a sua presença, não o mandou sentar-se: Disse que um funcionário do Asilo telefonou a um parente na cidade, avisando que Rubens estava indo para lá. Só o nome não combinava. Ninguém conhecia o Rubens, que tivesse morado na cidade, e que sumira repentinamente.

— Logo desconfie que era você. Nunca achamos o seu corpo porque não havia corpo. Você tem autorização para sair do Asilo ou você fugiu?

— Tenho licença médica, disse Argemiro com altivez.

— Deixe-me vê-la.

Argemiro tirou o memorandum e estendeu-o ao delegado. Este recolheu os braços para debaixo da escrivanha e disse:

— Apenas abra-o, para que eu possa ler.

Argemiro abriu o papel e, enquanto o delegado lia, deixou-o escapar dos dedos. O delegado levou um grande susto, dando um pulo para fora da cadeira. O papel veio pousar suavemente em cima da sua escrivaninha. Possendo de raiva, mandou Argemiro embora e, que não saísse de casa ou mandaria prendê-lo. Gritou ainda com o Zeca, para que fosse buscar um litro de álcool na “venda” do seu Quintino, para desinfetar a mesa.

— Vamos! Saiam daqui os dois, vociferou o delegado.

Fora da delegacia, os dois riram muito. Argemiro tentou alugar um carro ou uma charrete para ir à fazenda do Cel. Teodorico, mas ninguém quis levá-lo. O Zeca que já havia passado um pano com álcool na mesa da autoridade, emprestou a sua bicicleta ao Argemiro.

Argemiro pedalou quilômetros até chegar à fazenda e lá pediu licença ao coronel para visitar dona Madalena. O Cel. Teodorico ficou desconfiado, mas não viu motivos para impedir a visita. Procurava lembrar quem era o rapaz, pois parecia ser conhecido. Argemiro já ia se afastando com a bicicleta, quando o Coronel gritou:

— Ei moço, você não é aquele rapaz que se suicidou por causa de um rabo de saia ?

— Sim, sou eu mesmo, só que não era uma mulher. Era um bichinho.

O Coronel coçou a cabeça, sem entender o que o moço quis dizer, mas não importava muito.

Guiado por Gustavo, que estava sempre por perto, chegou ao ranchinho de dona Madalena. Após as apresentações, abraçaram-se, Argemiro teve que contar tudo sobre a Colônia e como era a vida do José, o seu dia-a-dia. Entregou a carta e as lembranças simples que mandara. Abraçou Miguel e Guilherme: olhou pesaroso para Rosalinda, que estava magrinha e tossindo muito.

— O dr. Xavier diagnosticou que ela está tuberculosa e que vai morrer - disse Madalena com voz sumida, mas conformada.

Argemiro levou uma fotografia do time de futebol e Miguel imediatamente identificou o pai, porém Guilherme não soube reconhecê-lo. Miguel fez muitas perguntas se o pai era bom de bola realmente. Se ele já se acostumara a viver lá, se tinha saudade de casa. Argemiro esmerava-se em descrever lances espetaculares, sempre exagerando um pouco. Madalena, com percepção de mulher e esposa, percebia que a pele do rosto do marido estava mais grosseira, assim como os braços com caroços. A foto fora tirada de uma distância relativamente grande, mas a percepção feminina podia ver o que outros não viam.

⁶ - Alguns anos depois, em alguns Asilos, chegaram a criar escritórios que mimeografavam as cartas do “bate gato”.

Começava a escurecer e o moço disse que precisava ir embora, pois a bicicleta não tinha farol. Além disto, ele só tinha mais um dia para ficar com a mãe.

— Eu vou ao Asilo com você, - disse Madalena decididamente.

— A senhora está louca?

— Não, não estou louca. E a minha única oportunidade de vê-lo e irei nem que seja a pé.

— Mas e as crianças? E a pequena doentinha?

— A comadre Maria Aparecida cuida delas para mim.

— No fundo, Argemiro ficou feliz com a decisão daquela valorosa mulher. Combinaram que dona Madalena iria no dia seguinte, para a casa da mãe do Argemiro, de onde saíam pela madrugada. Madalena passou o resto da tarde e quase a noite inteira fazendo os doces de que o José tanto gostava. Algumas vizinhas contribuíram com doces, e requeijões. Ela foi pedir autorização ao seu Totico, para se ausentar do serviço. Este comunicou ao Cel. Teodorico que não se opôs, e pediu que ela transmitisse suas lembranças ao José.

Argemiro retornou à cidade foi para sua casa, não sem antes devolver a bicicleta ao amigo Zeca. Tomou um banho refrescante e, enquanto se trocava, percebeu que o irmão brigava com a mãe, no que era acompanhado pela cunhada, que ele ainda não conhecia. Argemiro foi à sala e, por um instante. Houve um silêncio constrangedor. Porém, logo o irmão apontou-lhe o dedo no rosto e destratou-o pelo fato de ter usado a bacia no banho. Agora teriam de jogar fora e comprar outra.

Argemiro fez que não ouviu e disse à jovem senhora:

— Você deve ser minha cunhada, não?

Estendeu a mão para cumprimentá-la, ao que ela virou as costas saindo da sala. A mãe abraçou-o, chorando e pediu perdão pela atitude do filho e da nora. Argemiro beijou-a ternamente disse:

— Seu amor compensa tudo. Amanhã vou embora. Dona Madalena, esposa de um amigo meu, que está internado lá no Asilo, irá comigo. Aliás, ela virá para cá para sairmos bem cedo.

— Ela será muito bem recebida aqui em casa, meu filho.

Madalena fez duas camisas de algodão na velha máquina de costura girada à mão. Confeccionou-as um pouco maior supondo que, com os anos passados, José tivesse engordado um pouco.

A comadre Maria Aparecida instalou-se na casa de Madalena e como era tia de Gustavo, este também foi dormir no rancho, para estar mais perto do Miguel, Guilherme e Rosalinda.

Madalena chegou à casa de dona Eulina, sendo recebida carinhosamente por Argemiro e pela velha senhora. Madalena procurou ajudar nos serviços caseiros. O irmão e a cunhada de Argemiro não jantaram com a família naquela tarde. Dona Eulina, ele e Madalena conversaram algum tempo e depois foram dormir, porque teriam que levantar cedo para a viagem. De manhãzinha, a despedida de Argemiro foi muito triste. O irmão não apareceu para dizer adeus, embora Argemiro não tivesse mágoas ou rancores. Chegou-se à porta do quarto do casal, que estava fechada e disse:

— Adeus, meu irmão, adeus, minha cunhada. Deus os proteja. Que sejam felizes.

Capítulo VIII A TRANSCENDÊNCIA DE CRISTIANO

A viagem de volta foi tranquila. Ao chegar à cidade próxima ao Asilo Colônia, o coração de Madalena batia fortemente. Argemiro contou-lhe sobre a troca do seu nome. Agora ele voltaria a ser Rubens. Orientou-a sobre a condução que levaria os visitantes até o Asilo. Avisaria José, para que a esperasse no parlatório e assim usufruíssem todos os minutos da visita. Vendo que ela estranhou a palavra “parlatório”, procurou explicar e descrever o local. Madalena entristeceu-se e perguntou:

— Não vou poder abraçá-lo, andar de braço dado com ele, conhecer onde mora?

— Não, dona Madalena. Só poderão tocar as mãos e se verem. Até já.

Madalena e outros visitantes passaram por um exame visual numa sala médica e depois foram liberados para a visita. Chegaram ao parlatório, onde parecia devorar tudo com os olhos. José chamou-a com grande ternura.

— Madalena! Minha vida!

Ela o procurou com os olhos e quase lhe escapa um grito de surpresa e alegria. Queria abraçá-lo, beijá-lo, mas aquele muro horroroso impedia que se aproximassem; deram-se as mãos e trocaram palavras de ternura. José quis saber tudo sobre as crianças e a vida na fazenda. Madalena contou detalhadamente tudo o que ocorrera desde a sua partida, menos o episódio sobre o irmão do Cel. Teodorico, pois não deveria magoá-lo mais do que a vida já o fizera.

José contou os estranhos sonhos que vinha tendo com Rosalinda. A esposa disse que ela não estava bem, mas que iria sarar. Era uma mentira piedosa para o marido, porque sabia que ele não suportaria a dor de sabê-la condenada à morte.

Felizmente, apareceu um grupo de crianças e, entre elas, Cristiano, a quem José havia se referido nas cartas algumas vezes. José chamou-os e vieram alegres como um bando de passarinhos. Madalena ficou sensibilizada com o modo com que Cristiano andava e quando ele estendeu a mãozinha em forma de garras para ela; lembrou-se das mãos perfeitas de Miguel e Guilherme e, com os olhos brilhando pela emoção, apertou a mãozinha do menino. Cristiano perguntou por Miguel, pois José falava muito sobre ele, mandou-lhe um abraço.

— Fala para ele me escrever, diga que eu tomo conta do pai dele aqui no Asilo, completou o menino.

Madalena deu uma vasilha de doce de leite e um queijo para eles repartirem, ao que saíram contentes, disputando as guloseimas.

Do parlatório era possível ver alguns pavilhões, o jardim muito bem cuidado, as estatuetas dos sapos com os seus instrumentos musicais, os anões.

Alguns doentes, em péssimas condições físicas, se aproximaram do parlatório. Vários deles já eram nossos velhos conhecidos, desde a chegada de José. Aquele que não tinha nariz, o que tinha um aparelho na garganta e tapava um orifício para poder falar. O cabeludo que tinha o rosto parecido com o de um leão, outro enferiado e com mau cheiro. Daquele grupo que cercara José na sua chegada ao Asilo, dois já haviam falecido, e os demais pioraram a condição de saúde. Madalena ficou muito triste, pois sabia que o marido corria o risco de ficar como eles.

José falou um pouco sobre cada um deles. Contou que, às vezes, um ou outro paciente se desesperava e se suicidava.

Alguns companheiros do time de futebol vieram conhecer Madalena. A sra. Florinda também veio ao parlatório e teve grande simpatia por Madalena, aceitando-a como filha do coração.

Madalena e José comeram o lanche que ela trouxera; viam, com desespero que os minutos voavam. Trocaram confidências, juras de amor e José afirmou resolutamente:

— Eu ainda vou sarar e sair daqui. Acredite!

Muitos visitantes já tinham ido embora e Madalena relutava em partir. Rubens veio lembrá-la de que precisava ir ou perderia o trem, tendo que pernoitar na cidade.

Marido e mulher apertaram-se as mãos. Trocaram olhar profundo e apaixonado por minutos. Foi uma despedida longa e dolorosa, tinham que se separar. Antes José contou que iria a São Paulo jogar futebol contra o Sanatório Padre Bento. O jogo estava marcado para daí a dois meses.

Madalena afastou-se lentamente e José ficou olhando-a até desaparecer numa curva, onde tomaria a condução para a sua cidade.

Chegando à cidade de S., pouco tempo depois já estava na fazenda do Cel. Teodorico. Não demorou muito para chegar à sua casa, onde

encontrou Rosalinda mais doente. Fez uma prece sentida à Nossa Senhora da Abadia, pois sentia as suas forças se esgotarem. Havia sido muitas as emoções nos últimos anos. Na linguagem de hoje, ela estava estressada.

Após Madalena ter ido embora, José ainda ficou longos minutos parado no Parlatório, como usufruindo da sua presença invisível. Depois, foi para o quarto e deitou-se sobre as cobertas, e, numa espécie de desdobramento, acompanhou Madalena na viagem de volta, entrou no rancho com ela e viu-a beijar as crianças, chegar ao berço de Rosalinda que ardia em febre e tossia. A menina parecia vê-lo, pois sorriu e disse:

— Papá, papá, estendendo os bracinhos para o espaço vazio.

Madalena ficou assustada. Tranquiilizou-se logo, achando que talvez as crianças e Maria Aparecida tiveram conversando sobre a visita que a mamãe fez ao papai e isso ficou na sua cabecinha.

Lá no Asilo o dia começava a amanhecer. José despertou angustiado, pois sabia que a sua pequena Rosalinda iria morrer. A rotina da sua vida tinha que continuar. O trabalho na oficina mecânica e no Bar Rancho Alegre não podia parar. Tinha que mandar dinheiro para a família.

Os treinos continuavam e o diretor ia sempre vê-los. O seu grande sonho era derrotar o time do Sanatório Padre Bento, lá mesmo em seu campo.

Quase vinte dias depois chegou uma carta de Madalena e dentro, uma outra carta do Miguel para o Cristiano, onde ele contava como era a vida na fazenda, as pescarias com Gustavo, os passeios a cavalo, a ordenha das vacas e também o seu trabalho na enxada, capinando ruas de café.

José levou a carta a Cristiano. Notou-o adoentado, pálido e um pouco inchado. José ficou preocupado, chamando a atenção do homem que tomava conta dos meninos e ele não gostou. Informou que já tinha levado o menino ao médico e este dissera ser do baço e dos rins, Cristiano estava perdendo albumina.

José despediu-se de Cristiano e do seu irmãozinho, prometendo voltar todos os dias para vê-los, iria trazer o Turquinho para visitá-los.

Chegando ao quarto, retomou a carta de Madalena e leu-a inúmeras vezes. Ela confessava que Rosalinda havia piorado, mas ainda tinha esperanças.

Poucos dias depois veio um telegrama de São Paulo adiando por um mês o jogo de futebol entre o Sanatório Padre Bento e o time do Asilo. Os preparativos continuariam intensos.

Um mês e meio, após a visita de Madalena, chegou um telegrama do Seu Totico, dizendo que Rosalinda estava morrendo. Desesperado, José foi falar com o diretor Médico do Asilo; teve de esperar duas horas para ser atendido. Finalmente o médico, que estava lendo jornais, atendeu-o com má vontade. José apresentou o telegrama e pediu uma licença de 24 horas; o diretor negou. José insistiu, chorou, mas o diretor foi irredutível. Disse que os seus exames baciloscópicos⁷ estavam positivos, tanto os de muco como de lesão e ele não podia conceder a licença. Acrescentou ainda:

— Não tente fugir, porque irá para a cadeia.

No entanto, José já havia decidido fugir. Reuniu o dinheiro que tinha e comunicou somente a Rubens e ao Turquinho, Michel. Lembrou-se de Cristiano e foi vê-lo. Não disse uma palavra sobre a fuga, mas Cristiano, que havia piorado muito, parecia ter desenvolvido dons especiais, dizendo:

HgjlAbrace o Miguel e o Guilherme por mim e diga que eu queria muito conhecê-los. Quem sabe depois que eu mor...

José cortou-lhe a palavra, para que ele não falasse sobre a morte; a hora que escrevesse para casa, daria o seu recado. Cristiano sorriu e disse que sabia que ele iria ver a menina. Meu pensamento e meu coração irão com você.

José beijou-o na testa e apertou-lhe a mão, pensando: será que o verei de novo? Para surpresa sua, Cristiano falou:

£-- Eu não vou morrer antes de você voltar. Você vai me ver sim.

José saiu às pressas para que o menino não o visse chorando.

Rubens guiou-o pelos caminhos no meio do mato até chegarem a uma estação ferroviária, onde o movimento era muito pequeno. Pelo fato de ter melhor aparência, o rosto não parecer de leproso, foi comprar a passagem, enquanto José ficou escondido no mato. O homem da estação estranhou, fez muitas perguntas que o Rubens respondeu por monossílabos. De posse da passagem, desvencilhou-se do funcionário que tinha outros afazeres. Quando o trem se aproximou da plataforma, Rubens entregou a passagem ao José que entrou rapidamente no último vagão de segunda classe, abaixando a aba do chapéu e levantando a gola do paletó, como se estivesse com frio.

O apito da locomotiva tocou três vezes e a composição partiu, levando José. Rubens retornou ao Asilo Colônia pelo mesmo caminho.

Os guardas que faziam a vigilância, para evitar fugas e prender os traficantes de bebidas alcoólicas, ouvindo passos na trilha, prepararam uma emboscada, pensando ser um traficante de bebidas. Rubens ia direto para a armadilha, quando ouviu a voz do Cristiano:

— Rubens, ó Rubens, por aí não, vem cá, eu preciso de ajuda.

Rubens achou aquilo muito estranho. Como Cristiano poderia estar ali no meio do mato, naquela hora da madrugada? E se ele, uma criança, inclusive muito doente? A voz continuava:

— Vamos, para esquerda, vire para a esquerda. Tem uma trilha ali.

Rubens achou a trilha, mas não encontrou Cristiano. Ouviu vozes de homens e percebeu que a voz do menino o salvara, pois ele ia direto para os braços dos guardas. Será que o menino morreu? - perguntou a si mesmo.

José tomou o trem, fingia que estava dormindo, para que ninguém conversasse com ele. Chegando à cidade, perto de S. desceu do trem e foi a pé. Logo reconheceu as trilhas próximas da fazenda, e pouco depois, entrava na propriedade do Cel. Teodorico. Evitando as casas e os cachorros, chegou no seu ranchinho. Vendo a luz da lamparina, percebeu que Rosalinda deveria estar muito mal. Assoviu do lado de fora e Miguel falou baixinho:

— É os Papai!

Correu para fora e vendo o vulto, atirou-se em seus braços rindo e chorando, enchendo-lhe o rosto de beijos. Logo apareceu Gustavo, que o abraçou igualmente, entrando em seguida, pois não podia ser visto.

Avise sua mãe, pois não quero assustá-la.

Madalena veio buscá-lo, chorando. Parecia que Rosalinda estava apenas esperando o pai chegar. Ela tossia e vomitava sangue⁸. Madalena retirou-a do berço para entregá-la ao pai. A menina olhou com ternura e tentou erguer os bracinhos. Sorriu por um instante, teve mais um acesso de tosse e expirou nos braços da mãe. José, chorando copiosamente, tomou-a nos braços e beijou-a repetidamente, exclamando:

— Ah, minha filha, meu anjo inocente. Pelo menos você morreu e vai ser enterrada como um anjinho, eu morri e continuo sem sepultura.

José chorou as lágrimas represadas há tanto tempo. Seu Totico afagou-lhe a cabeça e José perguntou mais ao vazio do que propriamente ao homem:

— Não sou um bandido! Nunca roubei nem matei. Por que Ele não gosta de mim? Por que Ele quer me destruir? Onde está esse Deus que só castiga os fracos?

Seu Totico tentou confortá-lo, mas só pôde abraçá-lo e dizer enigmaticamente:

⁷8 - Mensalmente, ou quando determinado pelo médico, o paciente tem que fornecer materiais para exames de laboratório. O exame de muco consiste em tirar secreções do nariz com um estilete fino, a ponta revestida com algodão e depois esfregado numa lâmina de vidro, colorida com tintura de fuccina e examinada ao microscópio. O exame de lesão consiste na escarificação da pele com estilete que tem o formato de uma pena de escrever antiga. O coletor escarificava levemente a pele, por não poder sangrar, e aquela serosidade ou líquido, é colhido pela ponta do estilete e esfregado numa lâmina e o processo de exame é o mesmo. Conforme a quantidade de bacilos que aparece, é feita a classificação, que pode ir de negativo, a raros bacilos, uma cruz, duas cruzes, e até cinco ou seis cruzes, o que é muito grave. O exame do muco nasal positivo é mais grave que o da pele. Para receber alta era necessário **12** ou mais exames negativos sem interrupção.

⁸9 - Hemoptise.

— Um dia você saberá. Deus o ama muito e esta' não é a primeira vez que você está na Terra. Você, e todos nós, já tivemos outras vidas. Um dia você saberá o porquê de tudo isto.

José lembrou-se de dona Florinda e teve um reconforto íntimo. O próprio Totico ficou espantado com o que dissera, ele tinha pouco interesse por filosofias ou religiões. Maria Aparecida estava boquiaberta, pois fôra a um Centro Espírita há algum tempo e ouvira as mesmas palavras de um espírito através de um médium, e, com certeza, o Sr. Totico não estava lá.

José tomou uma caneca de café e disse que precisava ir embora, antes que o sol nascesse. Ao tentar sair da fazenda foi visto pelos capangas do Coronel, que gritaram para ele parar. José não parou e eles fizeram vários disparos. Gustavo, que o acompanhava, atirou-se contra os capangas, dando socos e pontapés, e gritando para que parassem de atirar.

José foi cercado e rendeu-se. Quando o reconheceram não puseram a mão nele, advertindo que se não obedecesse, atirariam para matar. Levaram-no à presença do Cel. Teodorico que o olhou com misto de piedade e raiva e não disse uma palavra. Foi ao telefone e chamou as autoridades médicas para prendê-lo.

Algumas horas depois, ele estava num carro fechado, como o que o levara à primeira vez ao Asilo.

Só então o Coronel falou com ele:

— Enterrarei sua filha como se fosse minha neta. Eu não acredito em Deus, mas acredito na coragem, na valentia. Você é um valente. De qualquer modo, vai com Deus se é que Ele existe.

Horas depois, José chegava ao hospital, indo direto para a cadeia. Havia um delegado interno e um chefe da cadeia, ambos doentes, mas a determinação era dada pelo Diretor Médico do Asilo, que era, ao mesmo tempo, advogado de acusação e juiz em causas internas. Não havia julgamento, apenas a ordem para recolher o paciente à prisão. Ele deveria ficar dois meses ou mais na cadeia, porém, vários jogadores, liderados pelo Rubens, foram falar ao diretor que, se José fosse mantido na cadeia, eles não jogariam mais futebol.

O diretor ficou muito nervoso e disse que os tiraria das casas dos esportistas, perderiam todas as regalias, teriam que ir para o corredor de algum pavilhão e comeriam no refeitório geral. Os jogadores mantiveram-se firmes e, surpresos, viram chegar o treinador, sr. Valentino, que vinha entregava ao Diretor a demissão do cargo que ocupava.

Possessô de raiva, ele se rendeu parcialmente, mas disse que teria que manter o fugitivo alguns dias preso ou ficaria desmoralizado. Decidiu, então, que José permaneceria preso 15 dias, com o direito de receber refeições da casa dos esportistas. E disse mais:

— Vocês terão que prometer que vão derrotar o Sanatório Padre Bento, lá em Guarulhos, pois não aguento mais o ar de superioridade do Lauro.

Tão logo José entrou na cela e ouviu o ranger da chave na enorme fechadura, sentou-se no catre que lhe serviria de cama, mergulhou a cabeça nas mãos, desesperado, com mil pensamentos contraditórios.

Meu Deus! Sempre fui um caboclo trabalhador, nunca fiz mal a ninguém, e mesmo pobre, roceiro, sempre tirei o meu sustento e da minha família da força dos meus braços. Por quê? Alguém me responda por que, se é que existe alguma coisa além dessa vida. Fui preso duas vezes como o pior dos criminosos, agora até atiraram em mim. Nem mesmo pude assistir ao enterro da minha filhinha. E estou aqui, como criminoso, atrás das grades. Sem trabalhar, não terei dinheiro para mandar para a minha família. José soluçava fortemente a repetir:

— Me respondam! Por quê?

José teve a sua atenção chamada para uma cela em frente à sua. Ah um homem velho, sujo, unhas grossas e enormes, portando um cavaquinho, com evidentes sinais de loucura nos olhos. Era uma pessoa pacífica, perseguido por muitos internos com suas brincadeiras de mau gosto, até desestruturá-lo, ficar violento e ser preso por vários meses, já que o Asilo não contava com um serviço de psiquiatria. Sua mania era a de conversar com o rei e a rainha; trazia no paletó de brim, que um dia fora claro, alguns enfeites e fitas verdes ou vermelhas, que ele dizia ser condecorações recebidas do rei de algum lugar. O homem riu quase num esgar, dizendo a José:

— Boa tarde! O rei mandou te prender? Eu vou falar com ele pra te soltar. Tá bão?

José sentiu-se afundar mais ainda e pensou em suicidar-se. Mediu o comprimento do seu cinto de couro e chegou a prendê-lo na grade da janela, pensando que à noite seria mais fácil, ninguém poderia impedi-lo. O carcereiro estaria dormindo e ele acabaria com aquilo. Uma dor profunda cortou-lhe o peito. Ele pensou em Madalena, Miguel e Guilherme, já não suportava mais. Chegou-se à porta, o homem louco estava rezando o terço em meia voz. José pensou que, na sua loucura, aquele homem estava isento da dor e da humilhação. Para sua surpresa, o homem que não poderia tê-lo visto amarrar o cinto na janela, por estar fora do seu alcance visual, disse:

— Faz isso não! Muita gente vai sofrer.

Eram seis horas da tarde Ele ouviu a voz de Rubens discutindo com o carcereiro, querendo entrar de qualquer maneira. O diretor determinara: por 24 horas, ele não teria visitas. Quase à força, Rubens chegou à porta da cela e sua primeira expressão foi:

— Graças a Deus.

— O que foi? - perguntou José.

— O Cristiano mandou me chamar desesperado e implorou, para que eu viesse aqui, porque você iria se enforcar com o cinto. Cadê o seu cinto? Meu Deus! Tire o cinto da janela. Não faça isso!

Passadas as primeiras emoções e com o carcereiro querendo tirá-lo dali, Rubens falou quase para si mesmo:

Estranho menino esse Cristiano. Nós pensamos que ser seus protetores e é ele que nos protege. Ele me guiou no meio do mato, quando lhe deixei na estação, evitando que eu fosse pego pelos guardas. Agora percebeu que você ia se matar. Ele disse que o cinto estava amarrado na penúltima barra de ferro transversal da janela e lá está o seu cinto. Estranho menino. Acho que ele vai morrer.

Capítulo IX A DESENCARNAÇÃO DE CRISTIANO

José conformara-se com a prisão. Ele era tão querido pelos frequentadores do Rancho Alegre, que se cotizaram, conseguindo uma boa quantia em dinheiro, mais de dois meses de salário, para que enviasse à sua família. Tanto o proprietário do Rancho Alegre, quanto o seu chefe na oficina mecânica garantiram que ele teria o emprego de volta tão logo fosse solto da prisão. O sr. Valentino foi visitá-lo também, pedindo-lhe que, diariamente fizesse um pouco de exercício físico. Como o diretor estava muito interessado em que ele jogasse, determinou que dois guardas internos o acompanhasse todas as manhãs ao campo de futebol, para que ele corresse na pista, e mantesse a forma.

Todos aqueles acontecimentos fizeram um efeito muito ruim para a saúde do José. Ele sentia mais dificuldade para respirar e a sensibilidade dos pés, que já era diminuída, desaparecera completamente. Uma pequena bolha que apareceu logo atrás do dedão do pé⁹, transformou-se num machucado que não cicatrizava e brevemente seria um MPP — mal perfurante plantar, chamada popularmente entre os próprios internados pelo nome de broca, em alusão à praga do café.

Rubens visitava-o diariamente e trazia notícias de Cristiano. Mentia para tranquilizá-lo, dizendo que o menino estava um pouco melhor ou estava na mesma. Rubens levou também o Turquinho Michel à cela do José e aquele segurando a mão grossa do amigo, conversou longamente com ele. Sem querer ou sem saber que ignorava a piora crescente de Cristiano, falou:

- Por que existe a separação e a morte? Pobre Cristiano, tão criança e vai morrer. Pobre do seu irmãozinho, anda numa tristeza muito grande e o Cristiano luta por prepará-lo para a separação.

Rubens, que estava distraído com o alienado da cela em frente, custou a perceber o rumo da conversa entre Michel e José. Já não foi mais

possível consertar. Agora José sabia que Cristiano tinha pouco tempo de vida.

Rubens foi levar o Turquinho de volta ao seu quarto e retornou à cadeia, onde encontrou novamente José soluçando a sua dor.

— Eu não queria lhe contar José, mas o menino está mal. Ele pediu a presença do Padre Estêvão para se confessar e o padre saiu de lá chorando, dizendo que ele é que tinha que se confessar ao menino, pois Cristiano era puro como um anjo que nasceu por engano na Terra. Contou que o menino lhe disse que não deveria abandonar a batina, pois os doentes precisavam dele, devia visitar as enfermarias e cuidar dos enfermos graves e ficasse à cabeceira dos que estavam morrendo longe da família. O mais impressionante é que o padre nunca contou a ninguém que pretendia abandonar o sacerdócio. Agora é que ele não abandonará mesmo.

Logo após a visita do sacerdote, talvez pela forte emoção, Cristiano apresentou uma súbita crise de soluços, que já durava 15 horas e não havia esperanças de que passasse.

— Eu preciso visitar o menino, disse José. Nem que eu tenha que fugir.

Neste momento o Padre chegava à sua cela e, tendo ouvido as suas últimas palavras, falou:

— Você não precisa fugir. O Cristiano me pediu para falar com o diretor para liberá-lo por algumas horas e eu convenci o cabeça dura. Ele assinou uma ordem para você sair comigo. Vamos. Estou encarregado também de trazê-lo de volta. Creio que posso confiar em sua palavra.

José não respondeu, porque não precisava responder. Ele tinha caráter e jamais prejudicaria alguém. Chegaram à enfermaria onde estava o menino. Ficou penalizado, ao vê-lo com os olhos fundos e com aquele soluço que o atormentava há tantas horas.

— Seu José, que bom que o senhor veio. Eu não queria morrer sem vê-lo.

— Você não vai morrer, meu filho. Juro que não vai.

— Fala isto de novo, (soluço) como foi bom ouvir (soluço) isto.

— Você não vai morrer...

— Não, não... (soluço) Diga: meu filho.

— José enternecido repetiu:

— Meu filho. Meu querido e amado filho.

Cristiano sorriu e disse:

— Como seria bom se você fosse (soluço) meu pai. Depois' olhou para o sacerdote, e este compreendeu que desejava ficar sozinho com José. O Padre pegou o Rubens e o enfermeiro pelos braços e saíram do quarto. Do lado de fora ainda ouviam o soluço constante do menino.

— Seu José, pai, eu vou embora, porque o meu trabalho já acabou. Eu só sinto pelo meu irmãozinho. Ele vai ficar muito triste, (soluço)

— Não fale em morrer...

— ...deixa eu falar, enquanto tenho força. Nós já vivemos juntos noutros tempos (soluço). ...Você foi meu pai e nos amávamos muito, pias éramos malvados. Roubávamos, matávamos e rap- távamos crianças, para vender a traficantes de escravos, (soluço).

Então estamos pagando os nossos pecados? Estamos sendo castigados?

— Não, papai. (soluço) Estamos corrigindo erros e crescendo para a nossa redenção. O que está acontecendo foi o que nós escolhemos. Eu já havia me libertado - os soluços foram ficando mais espaçados, mas pedi para estar aqui e recebê-lo, porque aqui no Asilo eu poderia ajudá-lo, poderia velar por você. Deus é muito bom. Logo virá alguém que vai lhe ensinar muitas coisas. Um dia (soluço) você vai pôr a mão em cima de um doente e ele vai sarar. Você viu que, passando a mão no meu peito, os soluços quase desapareceram?

— Então esse negócio de **reencarnação** é verdade?

Sim! Eu sempre soube disto, mas não podia contar para os outros.

Mas quem lhe contou tudo isto?

Eles, os homens de luz. Agora mesmo tem uma porção deles aqui e Rosalinda também está aqui beijando-o... Ela é linda! (soluço) Daqui a pouco eles vão me levar embora.

Neste momento, José pensou o que seria dele dali para a frente. Pensou na ferida que apareceu no seu pé' e nos seus exames positivos. O menino, captando seus pensamentos, disse:

E Você vai sarar e vai embora e lá, na sua cidade, você vai ser muito útil.

— Sarar como? Nunca ninguém sarou.

—, Logo vai ter um remédio. Você vai conhecer um homem lá em São Paulo que vai ter um papel importante na cura da doença. Ele é um desses seres de luz, mas está no corpo. Quando você cumprimentá-lo, diga a ele que um menino morreu aqui, com muita vontade de conhecê-lo. Eu gosto dele e sempre vejo em sonho. Marque um gol no time dele por mim.

— Vou marcar sim e será seu o gol.

, — Agora vai embora. Estou muito cansado e não quero morrer na sua frente. Tenho que ir embora. Meu irmãozinho, cuida dele por mim.

— Vou cuidar. Se eu sarar como você falou, eu o levo comigo-

— Vai embora, vai. Não fique triste, pois não existe nada que nos possa separar, a não ser nós mesmos. Antes que você vá, fique sabendo que dona Madalena, Miguel, Guilherme, Rosalinda, Seu Totdco, Argemiro, o Coronel, até o diretor daqui e outros mais, estão ligados a nós pelos laços do amor ou do ódio. Até logo, meu pai.

José retirou-se e pediu ao sacerdote para levá-lo de volta à cadeia. Algumas pessoas entraram no quarto com o irmãozinho do Cristiano e logo o pequeno começou a gritar: Cristiano está morto.

O padre Estêvão pediu licença para abençoar o menino e José não quis mais entrar no quarto. Sentou-se num banco e mergulhou a cabeça entre as mãos. Embora estivesse muito triste, não sentiu aquela revolta que costumava assomar-lhe ao peito. Pensou lá no fundo do seu coração: agora começo a me entender com Deus.

José retornou para a sua cela na cadeia e soube, no outro dia, que o velório do menino havia sido muito concorrido. O sacerdote e o sr. Valentino, mais uma vez, intercederam junto ao diretor para que José pudesse ir ao sepultamento. Pressionado, o médico acabou cedendo.

Momentos antes da saída do caixão, dona Florinda chegou com um dos caravaneiros espíritas que visitava a Colônia, sr. Ânged lo. O Padre já havia rezado o terço com as crianças. O homem pediu licença para fazer uma prece, ninguém teve coragem de negar. Ele se aproximou do caixão, acariciou o rosto inerte do menino I disse:

— Antes de orar, quero fazer uma confissão. A primeira vez que vim com uma caravana a este hospital, sem saber realmente o que ia encontrar, senti certo asco e fiquei temeroso de um contato físico com os doentes. Não via a hora de sair daqui; estava apavorado, queria tomar um banho e jogar minhas roupas fora! Constrangido, não contei a ninguém. Quando visitamos o pavilhão dos meninos, encontrei Cristiano no seu quarto, brincando com um carrinho que um dos caravaneiros-lhe dera. Os companheiros que estavam comigo me deixaram sozinho e foi nesse momento que o menino me perguntou:

—Você está com medo da gente?

— Não! Imagine!... - retruquei.

— Está sim - disse. - Mas não precisa ter medo. Vá visitar o pavilhão dos homens, o nº 9, que o seu tio Bruno está lá. Ele precisa falar com você antes de morrer.

Informe-me onde ficava o pavilhão e fui. Fiquei atarantado com aquilo, pois como um menino que eu nunca vira poderia saber que eu tinha ali um tio internado? meu tio Bruno, de quem a nossa família se esquecera e pensei houvera morrido? Um trapo humano. Era um tio que, um dia, eu amara muito. Venci o medo, abracei-o, beijei-o e mudei a minha vida. Meses depois, ele morreu; morreu feliz.

Fechando os olhos e erguendo a fronte, o homem começou a orar:

—Deus, nosso Pai de infinito amor e misericórdia. Jesus, Mestre querido, Recebam o pequeno Cristiano em seu Reino de Luz. Que os exemplos de bondade deste menino fiquem para sempre em nossos corações. Temos a certeza da imortalidade. Temos a certeza da Sua justiça e do seu amor, Pai. Cristiano foi uma luz que se apagou por falta de combustível e, deixando o corpo doente aqui entre nós para ser sepultado, reveste-se de luz opalina e viverá sempre em nossa saudade.

— A morte não existe - continuou. - Somos seres eternos, aprendendo a construir o nosso destino. Colhemos aquilo que semeamos. Seres, como Cristdano, vêm ao mundo para exemplificar o amor. Seu corpinho sofrido é barro e volta para o barro, mas seu espírito imortal é luz e volta para a luz de Deus. Cristiano foi como uma jóia que Deus nos concedeu por algum tempo, para cuidarmos dela. Apegamo-nos a essa jóia como se fosse nossa, mas, agora, o seu verdadeiro proprietário, Deus, levou-a consigo. Sei que todos amam a Cristiano, alguns têm mais motivos para amá-lo, no entanto, todos o amamos. Um dia nos uniremos a ele novamente. Pensei em falar tanta coisa nesta prece, mas as ideias sumiram-se. Por isso, peço o consentimento de vocês, especialmente das crianças, para dar um respeitoso beijo na face fria deste corpo que abrigou uma alma por alguns anos e dizer-lhe em meu nome e em nosso nome: Até breve, Cristiano, até breve.

O sr. Ângelo curvou-se e beijou o rosto hirto do menino e enxugou com o lenço duas discretas lágrimas.

Fecharam o pequeno caixão forrado com tecido branco e quatro pessoas pegaram as alças. O cortejo saiu a pé para o cemitério local, ladeado por duas filas de crianças doentes, carregando velas acesas, enquanto muitas mulheres cantavam músicas religiosas.

José sentia uma forte amargura. De repente, ficou surpreso, via Cristiano ao lado do caixão, sorridente, deslizando como por encanto, sem aquele esforço enorme que fazia para andar. José procurou dona Florinda e disse baixinho o que estava vendo:

— Será que estou ficando louco? disse ele.

— Não, José. Você não está louco. Você é médium. Apenas isto.

Terminado o enterro, José retornou à sua cela. Sentou-se à cama e começou a chorar baixinho, enquanto o homem louco, na outra cela, também chorava baixinho e rezava o terço.

Repentinamente, José começou a sentir um suave e gostoso perfume. Admirou-se, porque o seu olfato era deficiente. A tarde começava a cair como uma cortina, escurecendo o dia. Nem as luzes da cela do José, nem as do homem alienado estavam acesas. José viu formar uma claridade à sua frente e, no meio desta luz, viu Cristiano. Um pensamento agudo passou-lhe pela cabeça, pensando que o seu cérebro estava se tornando obscuro como o daquele pobre homem na outra cela. Cristiano falou-lhe sem pronunciar palavras:

—Você não vai ficar louco, José. Pensei que você ficaria alegre em me ver.

— Meu Deus, como estou alegre, Cristiano.

Veja quem eu trouxe para vê-lo.

— Rosalinda, minha filha.

O espírito, guardando a forma infantil da sua última encarnação, abraçou e beijou o pai, com a mesma facilidade de Cristiano, para se movimentar e se comunicar. José sentiu uma felicidade imensa e a visão foi se diluindo pouco a pouco. Para seu espanto, o homem louco estava de pé, junto à grade da sua cela e perguntou:

— Aquela menina bonita que estava aí é sua filha? Sabe que ela me deu um beijo no rosto?

Ele falava e acariciava a face direita.

Capítulo X A VIAGEM AO SANATÓRIO PADRE BENTO

Após o cumprimento de 15 dias de prisão, a autoridade do diretor foi salvaguardada e José foi libertado. A vida de interno voltou à sua rotina e os treinamentos continuavam para o jogo com o Sanatório Padre Bento. José continuava a corresponder-se com a família, e foi com muita dor que contou ao Miguel o falecimento de Cristiano. O garoto ficou muito triste e chorou, embora ele nunca tivesse visto o menino hanseniano.

Na primeira oportunidade, contou a dona Florinda a conversa que teve com Cristiano, um pouco antes de ele morrer, sobretudo, o que falou sobre reencarnação e ainda que eles foram pai e filho numa outra vida. Cristiano nasceu e foi internado, a seu pedido, para dar-lhe força e coragem.

Contou a visita que recebera do menino, em sua cela, a luz que emitia e que trouxera sua filhinha Rosalinda para vê-lo. Contou também que aquele homem louco, que estava na cela em frente à sua, viu os dois, disse que a menina era muito bonita e que lhe dera um beijo.

Dona Florinda ouviu tudo com muita emoção. Enxugando grossas lágrimas:

— Você ainda será um dos nossos. Eu sinto isto dentro de mim.

Os dois conversaram ainda por muito tempo e José disse à dona Florinda:

— Gostaria de ler um livro, mas que não fosse muito difícil. A Senhora pode me emprestar um?

— Claro, José. Eu tenho poucos livros e estão quase todos emprestados. O livro principal se chama O Livro dos Espíritos. Eu tenho aqui O Evangelho Segundo O Espiritismo. E um livro consolador e nos enche de esperanças. Leva com você. Acho que vai lhe fazer bem.

— Mas será que vai dar pra entender?

— Claro que sim. Tem uma ou outra palavra mais difícil, mas acho que você vai entender o conteúdo do texto.

José se despediu de dona Florinda. Foi para o quarto trocar de roupa para o trabalho no Rancho Alegre. Antes abriu o livro ao acaso e leu um trechinho: “Se o amor do próximo é o princípio da caridade, amar os inimigos aí tem magnífica aplicação, pois esta virtude é uma das grandes vitórias conquistadas ao orgulho”.

Infelizmente, ele não dispunha de tempo naquele momento, mas achou interessante, pensando consigo mesmo: graças a Deus não tenho inimigos.

Os treinos se intensificaram e José, apesar dos problemas físicos que se agravavam, estava bem. Alguns dias depois, os jogadores receberam seus agasalhos esportivos, chuteiras novas e também uniformes para o jogo. Saíram, numa madrugada, em um ônibus que tinha uma porta na parte traseira e era fechada por fora com um cadeado. A cabine do motorista era separada por uma chapa de ferro e o único meio de se comunicar com ele, caso houvesse alguma emergência, seria batendo fortemente na chapa.

O primeiro e o segundo time, com mais algumas pessoas, o dono do Rancho Alegre, patrão do José, o treinador e alguns poucos internos que ocupavam cargos importantes, embarcaram para São Paulo, ou melhor, Guarulhos, onde se localizava o Sanatório Padre Bento. Ida e volta não deveria chegar a uma semana, pois jogariam e retomariam imediatamente.

A viagem foi ruim, cansativa. Alguns membros da delegação passaram mal pela imobilidade, outros tiveram enjôo por causa do movimento do carro. Felizmente, este não se quebrou nenhuma vez, o que os veteranos sabiam ser frequente.

Depois de muitas horas de viagem entraram na cidade de São Paulo. Ficaram admirados com todo aquele movimento de carros e pessoas, especialmente José. Algum tempo depois chegaram ao Padre Bento e, logo na entrada, admiraram-se da beleza do hospital, sua limpeza e seus jardins muito bem cuidados. Foram direto aos aposentos reservados à delegação e logo foram rodeados por muitos internos locais, que vieram conversar com os visitantes e já provocá-los com vista ao jogo, dizendo-lhes que levariam uma sova. Alguns chegavam a prognosticar o placar de 4 x 0 e até 6 x 0.

Após se instalarem, procuraram tomar banho e colocar seus agasalhos esportivos. Rubens chamou José para passear pelo hospital, mas preferiu descansar, dizendo que, no dia seguinte, passeariam.

Os visitantes andavam em pequenos grupos e, quando cruzavam com alguma turma de meninos, eram provocados, pois os garotos sabiam da

superioridade do time local, por terem excelentes jogadores. Alguns dos visitantes, como Rubens, o goleiro e mais uma meia dúzia de jogadores já tinham estado no Padre Bento. Jogaram snooker, brincaram, bateram bola e os que já estiveram ali, sabiam que o dr. Lauro de Souza Lima costumava ir à noite ao Pavilhão dos menores, onde assistia ao jogo de bola ao cesto entre as crianças. Conversava com todos que o rodeavam.

Um grupo de jogadores pediu para ir falar com dr. Lauro e alguns deles solicitaram uma licença para ir a São Paulo passear. Dr. Lauro prometeu que veria a possibilidade, provavelmente depois do jogo. No retorno aos aposentos, Rubens contou aos demais a conversa com o médico e a promessa da licença para ir a São Paulo. Dormiram tranquilamente. Após o café, sr. Valentino convocou todos para um bate bola.

Alguns jogadores estavam inibidos e com frio. A temperatura local era bem menor do que da região de onde vieram. Embora fosse abril, a temperatura era ligeiramente baixa, para quem estava acostumado com mais de 30 graus centígrados naquela época do ano. José sentiu um pouco de dificuldade a princípio, mas, após aquecer-se, chamou a atenção da torcida local que fora vê-los. Alguém já foi dizer ao treinador local que precisaria tomar cuidado com ele, pois tinha ótimo controle de bola e chutava muito forte com os dois pés, e, ainda mais, tinha excelente pontaria.

Após o bate-bola, os jogadores foram dispensados, com recomendação de não abusarem, pois o jogo seria no dia seguinte. Que estivessem no refeitório geral na hora do almoço. Rubens, que já conhecia o Sanatório Padre Bento, saiu a passear com José e o garoto Dorival, que ia fazer o seu primeiro jogo importante. Ele acabara de completar 18 anos, sendo um caso benigno de lepra. Somente olhos treinados para o diagnóstico poderia perceber que ele era portador da lepra.

Rubens era um ótimo cicerone, por se lembrar bem dos locais que já visitara. Um velho amigo, veio juntar-se ao pequeno grupo. O campo de futebol, quadras de bola ao cesto, de tênis, a Escola Profissionalizante, a zona rural, chamada cerquilho e o Pavilhão de Menores. José admirou os jardins muito bem cuidados e conversou com algumas crianças que se aproximaram. Rubens brincou com os meninos, dizendo que o dr. Lauro era um chato e que eles iam ganhar o jogo de cinco a zero. Recebeu uma estrondosa vaia dos garotos, que ficaram muito ofendidos, Rubens, percebendo isso, desculpou-se, dizendo que era brincadeira.

Um dos garotos reconheceu José, que se destacara no bate-bola e falou:

— Você é bom, mas não é páreo para o nosso beque.

À noite, José compareceu ao Pavilhão de Menores junto com outros companheiros. Dr. Lauro cumprimentou-os um por um. Quando chegou a vez de José, este sentiu uma coisa estranha, como se já conhecesse o médico de há muito tempo. Neste momento, houve como que um lampejo em sua mente e ele se viu andando com mais nove homens, com trajes estranhos e todos leproso. Aquele homem à sua frente também era leproso. Foram frações de segundos, mas ele viu o grupo de joelhos diante de um homem de barba e cabelos compridos, que, de braços abertos, os abençoava, curando-os da lepra.¹⁰

Ele despertou daquele estranho transe com a voz do médico a dizer:

— Disseram-me que você é muito bom de bola. A garotada diz que você é um craque. É verdade?

— Não, senhor. Isso é bondade deles, respondeu José muito envergonhado.

Como algumas autoridades internas, e alguns jogadores locais também chegaram para conversar, José recuou para um canto mais escuro, e novamente viu uma porção de pessoas num Vale imundo. Aquele homem não era mais vivo e sim um espírito ou alma, todo iluminado. Viu no grupo um rapaz, quase um menino, muito ligado a ele. Reconheceu no menino, o garotinho Cristiano. Viu um outro que lhe pareceu o Cel. Teodorico. Foi despertado, agora pela voz do Rubens, que perguntava preocupado:

— Você está bem, José? Você está com cara de quem viu fantasma!

— Tudo bem. Já passou.

Naquela noite, José demorou a conciliar o sono. Chegou a questionar se era correto estar ali, passeando, enquanto sua família amargava uma vida difícil. Já passava da meia noite, quando sentiu um bem-estar muito grande. Teve certeza de que o Cristiano estava ali. Ele não orou, porque não tinha esse hábito, mas pediu a Deus que abençoasse a todos.

Momentos depois, estava dormindo e Cristiano veio retirá-lo do corpo, levando-o a passear por locais belíssimos. Entre os dois houve uma conversa fraterna e interessante:

— Aquilo que eu vi, quando conheci o médico é verdade?

— Sim! Peça para o padre Estêvão, lá na Colônia, e ele lhe contará a cura dos dez leproso, sem revelar o que sabe. Esse homem que você conheceu hoje, era o Samaritano.

— Samaritano? O que é isso?

— O Padre explica.

— Aquele rapazinho era você?

— Sim,

— Você era meu filho?

E=- Não. Não desta vez. Aquilo foi o começo da redenção, eu me chamava Daniel. Era judeu. Mas venha, vamos visitar a Rosalinda. Sua mulher, Miguel e Guilherme também estarão lá e não se lembrarão quando acordarem.

Chegaram a um lindo jardim onde havia um prédio com muitas crianças. Rosalinda logo se destacou de um grupo com quem brincava e correu para os braços do pai. Chegaram Madalena, Miguel e Guilherme. Todos se abraçaram jubilosos, enquanto Madalena agradecia a Nossa Senhora da Abadia, de quem era devota.

Após beijar Rosalinda e o pai, Miguel abraçou apertadamente a Cristiano, e, na sua simplicidade, perguntou por que o menino era todo iluminado daquele jeito. Modestamente Cristiano diminuiu a intensidade da luz que lhe irradiava do peito, respondendo a Miguel:

— Você também possui essa luz, mas terá que descobri-la e aprender a acendê-la em seu coração.

— Como é que a gente acende? É igual à lamparina lá de casa?

— Quando chegar o momento você vai saber, mas é, sobretudo, sendo bom e leal, como você já é.

Miguel e Guilherme saíram a brincar com Cristiano, enquanto José e Madalena não se cansavam de acariciar a pequena Rosalinda, que dizia em voz infantil:

— Olha, mamãe, eu não tenho mais tosse e nem vomito sangue. Posso brincar sem me cansar.

Depois de algum tempo, Cristiano entregou Madalena, Guilherme e Miguel a dois mensageiros que os levariam em segurança para os seus corpos. Rosalinda foi correndo ao encontro das amiguinhas e José retornava para o seu corpo, lentamente a conversar com Cristiano.

— Viu como ninguém morre? A morte é uma ilusão, papai.

— Gosto que você me chame assim. Todo mundo visita seus familiares que morreram? - perguntou.

— Não, longe disso! Muitas pessoas não têm esse direito. Muitas outras não acreditam na continuidade da vida. E há outras que não se amam o bastante, além daqueles que vivem presos à matéria. Cada um procura suas afinidades. Os maus procuram os maus. Os pervertidos, idem. Os bons se encontram e ajudam seu próximo.

José já estava perto do seu corpo que começava a atraí-lo como se o sugasse. Ouviu ainda Cristiano dizer:

— Eu quero o gol que você me prometeu.

— Você me ajuda a fazê-lo?

— Não, não seria honesto, arrematou o menino.

José acordou pela manhã com uma disposição que há muito não sentia. Era uma alegria tão grande que chegou a cantarolar uma moda de

¹⁰ Í j i ° livro Cantai Comigo A Luz da Bterna Aurora, do mesmo autor. A cena refere-se ao momento em que Jesus de Nazaré curou os dez Leprosos.

viola. Todos riram, pois ele era muito discreto.

Rubens comentou:

Andou sonhando com Cristiano, não é mesmo?

— E com a Rosalinda também, respondeu José, muito sorridente.

Até a hora de começar o jogo o ambiente foi tenso. A preliminar, entre os segundos times foi desastrosa para os visitantes. O Padre Bento ganhou de 4 x 0.

Quando os times principais entraram em campo, houve foguetório e o Estádio estava lotado. As crianças ficaram esperando para qual dos gols iria o goleiro visitante para se concentrarem atrás da meta e perturbá-lo.

Dr. Lauro, o diretor da Colônia visitante e muitas outras autoridades estavam em local especial, entretanto, assistiam ao jogo de pé. O time local saudou a torcida e as autoridades, muito aplaudido. Quando os visitantes fizeram a saudação, foram vaiados. Como em qualquer lugar do mundo, aquela torcida era irreverente e malcriada. Logo, começaram a colocar apelidos nos jogadores visitantes. O árbitro veio de São Paulo, pertencendo ao quadro de árbitros da Federação Paulista de Futebol, pois a rivalidade era grande.

O jogo começou tenso e o juiz mostrou-se enérgico, advertindo Rubens e um avante do Padre Bento que disputaram acirradamente um lance. Logo os ânimos se acalmaram.

O time do Sanatório Padre Bento parecia um rolo compressor. Numa jogada bem tramada o goleiro chegou tarde no lance e a bola encaminhava-se para a rede, quando Rubens, num supremo esforço esticou-se todo, com a ponta da chuteira desviou a bola para o corner. Somente aos doze minutos de jogo José recebeu uma bola em boas condições e num drible de corpo tirou o zagueiro da jogada, driblou mais um e rolou a bola para Dorival que encheu o pé e carimbou a trave esquerda como um bólido.

Aquela jogada animou o time que passou a jogar de igual para igual. Os dois goleiros se destacavam no jogo com excelentes defesas. Aos 40 minutos do primeiro tempo, Dorival, José e Peruzinho, o ponta direita, fizeram uma triangulação. José recebeu a bola na meia lua da área do adversário e com um drible seco tirou dois adversários da jogada, adentrou a área. Vendo o goleiro agigantando-se à sua frente, jogou o corpo para a esquerda e com o pé direito rolou a bola para o canto esquerdo, marcando um lindo gol, aplaudido até pelo dr. Lauro.

Terminado o primeiro tempo, José estava muito cansado, respirava com dificuldades, mas não quis ser substituído. Reiniciado o jogo, o barulho da torcida, especialmente das crianças que bandearam para trás da outra meta, onde estaria o goleiro adversário, era muito forte. Gritavam o tempo todo animando seu time. Os visitantes recuaram e aos 15 minutos de jogo já perdiam por 3 x 1. Rubens estava nervoso e o time não se acertava. Foi neste momento que José saiu do seu mutismo e começou a conversar com os companheiros, corrigindo posicionamentos da defesa, incentivando a cada um, especialmente Dorival, que, no segundo tempo, estava desaparecido em campo.

José recuou seu posicionamento e começou a distribuir o jogo, De costa para o campo adversário, num toque sutil com o bico da chuteira, sem olhar, colocou Dorival sozinho na frente do gol e este soltou uma bomba indefensável.

Com o segundo gol dos visitantes foi o time do Padre Bento que recuou e o seu goleiro se agigantou. Dorival foi derrubado dentro da área e o juiz não assinalou o pênalti. Houve muita reclamação e ameaça de expulsão, mas tudo serenou. Logo depois, José aprofundou uma bola para o Peruzinho que chega até a linha de fundo, deu dois dribles secos no seu marcador e cruza a bola para Dorival saltar e, de cabeça, vencer o goleiro. O zagueiro, em cima da Unha de gol, com a mão direita, desviou a bola para fora. Desta vez o juiz marcou o pênalti, exatamente aos 43 minutos do segundo tempo. Ninguém queria cobtar o pênalti. Dorival, Peruzinho e Rubens recusaram-se; o técnico fez sinal para José bater a falta máxima. José ficou com medo de errar. Acalmou-se por ter visto um garotinho parecido com Cristiano, de macacão cáqui como as crianças do Pavilhão de Menores. Imediatamente teve a certeza de que marcaria o gol. Ficou a dois passos da bola. O goleiro, experiente, procurou enervá-lo. A torcida xingou-o de nomes pesados. Para ele era como se estivesse sozinho e o gol vazio. O juiz trilou o apito, ele deu um passo e bateu com o pé esquerdo, chute seco, a 30 centímetros do chão. O goleiro, surpreso, não se mexeu. O jogo estava empatado e terminaria pouco depois, embora os locais reclamassem que o juiz deveria acrescentar pelo menos mais dois minutos.

Terminada a partida, todos os jogadores da Colônia correram para abraçar José. A alegria era imensa, pois o empate dentro do Padre Bento, significava vitória. O sr. Valentino, o treinador, abraçou cada um dos jogadores, com um muito especial em José: Você foi demais. Meus parabéns. Você daria um bom treinador.

No dia seguinte, vários componentes da delegação visitante conseguiram licença médica com o dr. Lauro de Souza Lima para passear em São Paulo. José não quis ir, mesmo com a insistência de Rubens e vários colegas. Ele passou o dia bastante cumprimentado pelos companheiros de delegação e por muitos moradores do Padre Bento. Brincou com as crianças e procurou o menino parecido com o Cristiano. Não o encontrou. Pela noite, foi mais uma vez ao Pavilhão de Menores assistir a um jogo de bola ao cesto das crianças e estar perto do dr. Lauro que o cumprimentou efusivamente, elogiando o seu futebol fino e clássico.

Depois de uma rápida conversa, José retraiu-se e a prosa continuou animadamente entre o dr. Lauro, adultos e crianças que o cercavam, enquanto os dois times de garotos que jogavam basquete, esforçavam-se para merecer a atenção do médico. Repentinamente, dr. Lauro virou-se para José e perguntou:

— Você falou alguma coisa comigo?

— Não, senhor.

— Eu tive a impressão de que você falava de um menino.

— Ah, sim doutor. Um menino lá da nossa Colônia, chamado Cristiano, morreu há poucos meses, ele me pediu que dissesse ao senhor que sempre o amou e gostaria muito de tê-lo conhecido.

— Cristiano. Bonito nome. Que pena que ele não fosse uma das minhas crianças.

Pouco depois, José retirou-se agradecendo ao dr. Lauro aquela oportunidade. O médico ainda brincou com ele sobre se não queria transferir-se para o Padre Bento. José disse que não e saiu feliz, pois cumprira o que prometera. Marcou dois gols para o Cristiano e dera seu recado ao dr. Lauro. No dia seguinte embarcaram de retorno à Colônia, onde foram recebidos como heróis.

Capítulo XI A CILADA

Enquanto José gozava merecidamente a fama que o jogo lhe proporcionou, lá na fazenda do Cel. Teodorico as coisas não andavam bem. Um colono vira, bebendo numa venda da cidade, o irmão do Cel. Teodorico, expulso da fazenda por causa do ataque à dona Madalena. Ao ver o peão, perguntou:

— E aquele pedaço de mulher, a Madalena, está na fazenda ainda?

Está sim, senhor.

E o leproso, já morreu?

— Sei não, mas acho que não.

Quando o colono chegou à fazenda procurou logo avisar seu Totico, que, por sua vez, avisou dona Madalena para tomar cuidado.

Alguns trabalhadores viram o ex-administrador rondando a fazenda; ninguém teve coragem de avisar o Cel. Teodorico.

Quanto aos capangas que faziam a ronda na fazenda, vários deles tinham amizade com o homem e não o contrariariam de forma alguma.

Madalena sentia opressão no peito e medo, mas procurava não demonstrar; tivera a impressão de ter visto o sr. Waldemar rondando o seu ranquinho.

Naquela tarde, Madalena precisava ir, juntamente com outra mulher, cuidar de uma família pois todos estavam doentes e moravam num

ranchinho nas extremidades da fazenda. Na última hora, sua companheira disse que não poderia ir. Madalena achou que não podia faltar àquele dever cristão. Apressou o passo e pensou em voltar com o dia ainda claro. Entretanto, a situação da família era muito ruim e Madalena cuidou da casa, deu banho nas crianças, fez curativo no velho que tinha uma grande ferida na perna, com forte mau cheiro. Colheu ervas que conhecia muito bem e amassou as folhas cozidas num pano limpo para fazer o curativo. Quando decidiu sair, já eram quase nove horas da noite e não havia luar. Ela fez uma prece e pediu proteção a Deus. Se ela pudesse ver, veria Cristiano chorando ao seu lado. Numa curva da trilha aquele homem asqueroso apareceu à sua frente, assustando-a, com uma risada obscena:

— Vai ser por prazer ou terei que submetê-la à força? E dizendo isto estalou o chicote para assustá-la.

— Pelo amor de Deus, seu Waldemar, não faça isto comigo. Eu tenho filhos pequenos, o senhor sabe.

Como resposta o ex-administrador chicoteou-lhe o rosto cor-tando-o e ripostou:

— Quando eu lhe ofereci um reino você me desprezou e me fez ser expulso pelo meu próprio irmão. Eu continuo incendiado de desejos. Tive cinco mulheres durante este tempo, até a filha de um banqueiro, mas nenhuma se compara a você.

Madalena tentou correr e foi facilmente alcançada. Como lutava terrivelmente contra a sanha daquele depravado, esmurrou-a no rosto e ela desmaiou. Waldemar lamentou, pois queria-a consciente. Aproveitou para rasgar-lhe as roupas e possui-la ao seu prazer, largando-a desmaiada na relva úmida e com as roupas íntimas em desalinho.

José, que havia passado o dia com estranho mal estar, compareceu ao trabalho no Rancho Alegre, servindo os fregueses com a mesma eficiência. Era sexta-feira e o pessoal do jogo carteadado resolveu jogar até mais tarde. Cerca de nove horas da noite José começou a ter ânsia de vômitos e o coração disparava numa taquicardia intensa. Ele logo pensou que estaria muito doente ou algo muito ruim estaria acontecendo com a sua família.

No banheiro do bar, tentando vomitar ou acalmar-se, assustou-se vendo Cristiano chorando copiosamente, com apenas uma luz opaca saindo-lhe do peito. José não teve dúvidas, alguma desgraça acontecera com a sua família. O seu patrão, que desde o jogo com o Padre Bento passara a ser-lhe um grande amigo, percebendo a sua situação, dispensou-o do serviço, dizendo que ele mesmo serviria as mesas.

José agradeceu e foi para o seu quarto tentando fazer contato com Cristiano, sem o conseguir, pois um espírito muito luminoso o recolhera nos braços, convidando-o a orar.

Gustavo e Miguel aflitos com a demora de dona Madalena, foram buscar seu cachorro caçador enquanto Miguel ia ao rancho do Seu Totico pedir ajuda.

Pouco depois, o pequeno grupo, reforçado por mais um homem armado com uma espingarda de caça, seguia a trilha que levava à casa da família Moreira. No meio do caminho, ouviram o choro desesperado de dona Madalena. O cachorro logo a localizou. Miguel e Gustavo abraçaram-se a ela, chorando, enquanto o cachorro farejava algo e avançava rosnando, saltando sobre um homem, que tentava fugir. O caboclo que acompanhou o grupo, o bom Saturnino, antes que seu Totico pudesse impedir, deu um certo tiro. O homem gritou e caiu como fardo pesado no chão. Gustavo correu para segurar seu cachorro, que ainda atacava o homem. Seu Totico correu com o lampião de querosene e viu o rosto do ex-administrador, que agonizava, com o peito aberto pelo tiro. Em alguns minutos, os capangas do coronel chegaram a cavalo e constataram a terrível cena. Dona Madalena, violentada, e o seu agressor agonizando, com um tiro no peito.

Levados à sede da fazenda, uma empregada providenciou um cobertor para dona Madalena se cobrir. O Cel. Teodorico mandou chamar dr. Xavier que, ao chegar, não pôde fazer mais nada pelo desalmado Waldemar. A seguir, examinou a violentada, constatando toda a brutalidade sofrida por ela. Pouco depois, chegou o delegado. Com a influência do Cel. Teodorico e o testemunho do Seu Totico, amenizaram os acontecimentos. O Coronel providenciou dinheiro, para que o caboclo Saturnino fosse embora da fazenda. Ele escreveu um rápido bilhete para que um amigo, fazendeiro em Minas Gerais, desse abrigo e emprego ao caboclo.

O dia amanheceu e as notícias correram rapidamente. Seu Totico dispensou Madalena do serviço até que se recuperasse. O corpo de Waldemar foi levado para a cidade grande, para ser autopsiado e lá mesmo foi feito o enterro, cujas despesas o Cel. Teodorico pagou, sem comparecer.

Na tarde daquele dia, Madalena disse à sua amiga Maria Aparecida:

— Acho que estou grávida.

— E impossível, Madalena. E porque você está com muito medo.

Madalena chorou copiosamente e repetiu.

— Estou grávida. Eu sei que estou.

Enquanto isso, José vivia amargurado, esperando alguma notícia da sua casa e não chegava nenhuma carta. Pensou em fugir de novo, mas não teve ânimo. Quando via Cristiano, ele estava inexplicavelmente com pouca luz, porém, pouco a pouco o menino foi retornando ao seu estado normal.

Quase 20 dias depois chega uma carta e, ao lê-la, José sente que vai enlouquecer. Chora muito, esmurra a mesa e depois, fica febril. No seu coração ele pensa: Deus, eu já estava gostando de Você, mas começo odiá-lo novamente. Por quê? Por que nos acontece tudo isso? Você não saciou sua raiva em mim? Por que deixar acontecer isso a Madalena?

Cristiano, invisível ao seu lado, esforçava-se para consolá-lo, porém, ele não queria ouvir e nem ver Cristiano. Sua dor era muito grande, devido à sua impotência. Nada podia fazer. Cristiano pediu ajuda a espíritos mais sábios e mais experientes. Com muito esforço, conseguiram ectoplasma com outros pacientes. Era pouco, mas o suficiente para formar uma garganta ectoplásmica e Cristiano, com sua voz de menino, leu aquele mesmo trecho de O Evangelho Segundo o Espiritismo. “Se o amor do próximo é o princípio da caridade, amar os inimigos aí tem magnífica aplicação, pois esta virtude é uma das grandes vitórias conquistadas ao orgulho”.

José lembrou-se que vinha lendo o Evangelho todos os dias e também ensaiara algumas leituras de O Livro dos Espíritos. Fosse pelo cansaço, fosse pela voz de Cristiano, ele dormiu, sem conseguir se libertar do corpo, estava tardo, pesado e Cristiano ficou ali a orar e vigiar.

José não contou a ninguém, nem mesmo ao Rubens. Pouco a pouco recuperou-se, embora nunca mais demonstrasse alegria. Sua saúde, no que tange à lepra, piorou rapidamente. Sentiu a voz roufenha e a ferida do pé aumentou grandemente. Pediu dispensa do futebol, e, por influência do sr. Valentino, continuou na casa dos esportistas.

Enquanto isso, dona Madalena constatou que estava realmente grávida. O estupro resultou em gravidez. Madalena achou que não podia ter aquela criança. Iria abortá-la. Cada vez que sentia enjôo tinha a impressão que estava passando por tudo aquilo novamente. Sentia a dor da chicotada, o hálito fétido de fumo e cachaça daquele homem monstruoso.

Maria Aparecida, com tristeza, providenciou para que uma abortadeira comparecesse no rancho de Madalena. Ficou combinado que, na tarde do dia seguinte, ela se livraria daquele intruso, fruto daquele homem malvado. Naquela noite, Cristiano trouxe Rosalinda, que beijou a mãe em sonho e pediu para ela não abortar, seria um crime.

Madalena não se lembrava do que se passou durante a noite, contudo, acordou com outra disposição, pensando: Essa pobre criança não tem culpa. Meu Deus, não posso matá-la por causa do meu ódio. Nossa Senhora da Abadia, me responda o que eu devo fazer.

Não houve uma resposta como ela desejava, embora, a cada hora, ela se sentia mais forte a sua decisão de ter a criança. Quando a abortadeira chegou, a decisão já estava firmemente plantada em seu coração. Madalena resolveu não abortar.

O Cel. Teodorico soube, através dos mexericos, que dona Madalena estava grávida do seu irmão e mandou chamá-la na casa grande. Não a recebeu no escritório e sim na sala de visitas da sua casa. Mandou a criadagem se retirar, queria conversar particularmente com ela e não ser interrompido.

Pediu para Madalena sentar-se, pigarreou e foi dizendo:

— Dona Madalena, não vou fazer nenhum rodeio. É verdade que a senhora está esperando um filho daquele miserável do meu irmão?

Madalena, de cabeça baixa e corada pela vergonha, respondeu:

— Sim, senhor.

— Madalena, se a senhora quiser tirar esse filho eu tomo todas as providências e pago tudo. A senhora não tem nenhuma obrigação de carregar esse filho espúrio no ventre.

— Eu já decidi que vou ter esse filho, Coronel Teodorico.

— Mas por que, Madalena? Por que?

— A criança não tem culpa Coronel. Matar, é contra a lei de Deus. Rezei muito e pedi a N.S. da Abadia para me esclarecer. A minha decisão foi de deixá-la nascer e criá-la com amor.

— Desculpe a pergunta, mas você amava meu irmão? Desejava ele? Afinal é compreensível, pois você é uma mulher forte, sadia e está sozinha há muito tempo.

Madalena levantou a cabeça com altivez e, com os olhos brilhando de indignação, respondeu:

— Eu sempre odiei o seu irmão. Que Deus me perdoe mas fiquei contente de ele ter morrido como um cão, o que, na verdade, ele era.

— Peço desculpas, mas precisava ter certeza. Desejo que entenda, se você quiser abortar eu pago todas as despesas e ainda lhe dou uma compensação financeira, mas, se você deixá-lo nascer, não conte comigo. Não darei nem mesmo uma fralda.

— Coronel, jamais pensei em pedir qualquer coisa ao senhor. Somos pobres e estamos acostumados a passar fome e a sofrer. Posso ir embora?

— Pode sim, Madalena. Antes, quero dizer que invejo a sua família. Invejo a coragem e a força de José, sua lealdade e força moral. Gostaria de acreditar em Deus para abençoá-la.

— O senhor é um bom homem, contudo precisa confiar mais nas pessoas.

Madalena retomou à sua casa e logo depois recebeu a visita do “cura” da cidade. Ele veio trazer-lhe conforto espiritual e reforçar a sua decisão de não abortar.

Conversaram durante muito tempo e o padre tomou conhecimento das necessidades espirituais dos colonos. Cristiano aproximou-se de dona Madalena, colocando o dedo indicador luminoso em seu córtex cerebral, começando a falar por sua boca.

— O senhor precisa sair do conforto de sua paróquia e levar a religião aos pobres e deserdados. Fale com o Coronel e ele deixará o senhor construir uma capela aqui na fazenda. Onde estão aquelas ideias de amor e trabalho de quando era um seminarista? A luta pelos pobres, a assistência aos presos, as visitas aos bordeis para levar Jesus àquelas nossas pobres irmãs. O senhor, no entanto, tem se recusado a batizar os filhos delas...

O Vigário ia ficando pálido, à medida que dona Madalena ia falando. Continuou:

i O seu Bispo tinha grande confiança no seu futuro. Ele ainda o ama, só está um pouco decepcionado.

— Dona Madalena, quando a senhora começou a falar, pensei que fosse o diabo que falava pela sua boca, mas vejo que só pode ter sido um mensageiro de Deus. Eu vou revolucionar essa cidade, a senhora vai ver.

Outra visita foi do dr. Xavier, que tentou convencê-la a abortar. Usou muitos argumentos, até o de perguntar como ela ia explicar para os filhos e para o marido, ao que ela respondeu:

— Eu já expliquei ao Miguel o que vai acontecer.

— E ele, o que disse?

— Primeiro ele chorou, depois me abraçou e disse que me amava muito.

— E o pequeno? E o marido?

— O Guilherme ainda não pode entender. Quanto ao meu marido estou escrevendo uma carta para contar-lhe.

— A senhora é muito corajosa. Parabéns.

Somente alguns meses depois, ela contou a José, numa carta, que dizia mais ou menos assim:

“Meu José, vida de minha vida.

Não sei como continuei vivendo, quando roubaram você da minha companhia. Foi como se tirassem o meu próprio coração. Só resisti porque nossos filhos pequenos e a Rosalinda tão doentinha me obrigaram a viver.

Temos sofrido muito e sei o quanto aquele acontecimento o humilhou. O que tenho para lhe contar talvez o humilhe ainda mais, porém, é meu dever contar. Estou grávida daquele homem asqueroso a quem odiei com todas as minhas forças. Não pude matar o entezinho que está na minha barriga. Perdoe-me, meu querido, meu amor, mas não posso, não consigo ser uma assassina.

Se você quiser me desprezar, me odiar, eu saberei compreender. Não me julgue leviana. Nunca pensei em outro homem que não fosse você. Nunca consenti que outro homem me tocasse e nunca outro homem me tocará se não for você.

Miguel já está sabendo, o Guilherme ainda não pode compreender. O Gustavo já brigou para defender Miguel, porque um menino grande disse que eu tinha gostado.

Espero que você me perdoe. Não saberei viver sem o seu perdão. Sei que você tem o direito de não perdoar, e aí, continuarei vivendo pelas crianças.

Sua esposa, *Madalena*. e sentiu como se um punhal incandescente trespassasse o seu coração. Quis chorar, mas seus olhos estavam secos, não havia mais lágrimas a serem derramadas. Amassou por muito tempo o papel e depois dirigiu-se ao sanitário. Jogou-o no vaso e puxou a descarga, como se aquele ato pudesse lavar a sua terrível mágoa.

Sentia a mente confusa e, ao mesmo tempo, queria gritar, xingar, desafiar a Deus. Uma sensação de impotência o dominava completamente. Pensou em comprar uma garrafa de cachaça e beber até perder a consciência, logo desistiu dessa ideia.

Enquanto isso, invisível a seus olhos, Cristiano e outros espíritos procuravam manter a sua coragem. Já treinado em seus contatos com o menino desencarnado, conseguia perceber-lhe a voz nos refolhos da consciência. Cristiano dizia.

— Coragem, meu pai. Seja forte e humilde.

— O que você pode entender dos sentimentos de um homem? Você é ainda uma criança!

— Você se esquece da reencarnação. Sou um espírito adulto, pois já fui adulto muitas vezes. Poderia reassumir essa condição, mas preferi guardar a forma infantil para ter melhor acesso ao seu coração e de outras pessoas.

José calou-se e fechou-se num mutismo preocupante. Cristiano não arredou o pé de junto dele. Naquela tarde, ele chegou atrasado ao seu trabalho no Rancho Alegre. Vendo-lhe a fisionomia transtornada, o patrão quis dispensá-lo para que descansasse, mas não quis. Ficar sozinho consigo mesmo seria insuportável.

No sábado à tarde, ele procurou dona Florinda, pois precisava falar com alguém ou ficaria louco. Apesar da sua amizade com Rubens, não tinha coragem de relatar-lhe os acontecimentos. Dona Florinda recebeu-o maternalmente e José contou-lhe o que acontecera com a sua mulher, dona Florinda escutou-o em silêncio, apertando-lhe a mão de quando em quando. Foi só então que José conseguiu chorar.

Dona Florinda procurou consolá-lo, dizendo-lhe palavras confortadoras. Invisível aos olhos dos dois, Cristiano tocou com os dedos perispirituais o córtex cerebral de dona Florinda inspirando-a a falar:

— José, acredite! Deus não está castigando-o. Ele o ama muito e criou-o para a felicidade. Deu a você e a todos nós, a liberdade de escolher os caminhos e, muitas vezes abusamos cometemos crimes, destruímos reputações, assassinamos pessoas e esperanças.

- Você quer dizer que sofremos, porque somos pecadores?
- Não! Sofremos porque não somos capazes de amar o bastante. Sofremos porque precisamos adquirir experiências.

Capítulo XII A INESQUECÍVEL REUNIÃO ESPÍRITA

Num dia ensolarado, José foi visitar o pároco do asilo e, depois de conversar um pouco sobre algumas amenidades, referiu-se o assunto que motivara a visita, disse que nunca fora um religioso e que raramente em sua vida tinha ido a uma igreja, ao que o padre respondeu:

- Eu sei, pois nunca o vi assistindo a missas.
- É verdade, briguei com Deus tão logo vim parar no Asilo. Eu queria saber o que o Senhor acha da reencarnação?
- Para você eu posso dizer, José. A reencarnação é uma lei maravilhosa. Não haveria justiça no universo se não existisse a reencarnação.
- O Senhor acha que nós estamos sendo castigados?
- Como assim?
- Somos leprosos porque fomos maldosos, prejudicamos o próximo?
- Não, necessariamente. Somos espíritos em evolução.

Nascemos para progredir. Ao mesmo tempo que pagamos as nossas dívidas, os nossos débitos, fazemos o nosso aprendizado. O apóstolo São Paulo afirmou: daquilo mesmo que o homem semear, ceifará. Deus não poderia dar a alguns as riquezas, a saúde e a felicidade, enquanto outros filhos seus, vivessem na dor e na miséria. Eu tenho a certeza, meu amigo, que já estivemos juntos outras vezes, por isso nos estimamos, nos queremos bem.

- Então não é pecado ser espírita, nem é proibido falar com os mortos?

" — Não, José. Não pode ser pecado. Quando eu ia abandonar a batina, pretendia fugir, ir para um lugar bem distante, pois estava cansado, desiludido. Pretendia ir para o Acre ou para o Amazonas. Lá, onde ninguém me conhecesse, poderia adotar o Espiritismo, me casar, quem sabe, e ter filhos. Nunca deixei transparecer isso a ninguém. Cristiano percebeu e me advertiu que não devia fazer isso, pois os meus irmãos hansenianos precisavam de mim. Eu necessitava continuar padre, porque poderia ajudá-los muito mais. Além disso, essa batina me abre muitas portas e me dá o respeito social, mesmo aqui na Colônia.

O padre destrancou uma gaveta e mostrou a José, O Livro dos Espíritos, O Livro dos Médiuns e O Evangelho Segundo o Espiritismo, todos de Allan Kardec.

— Você é a única pessoa a quem mostrei esses livros. Continuo amando a igreja e respeitando meus superiores, porém, amo também o Espiritismo. Só contei isso a você, porque sei que você é protegido pelo Cristiano.

— Fale-me um pouco mais da reencarnação. Desde a primeira vez que dona Florinda me falou que já nascemos outras vezes e ainda vamos nascer novamente, me pareceu muito lógico e verdadeiro.

- Deus nos quer perfeitos e só poderemos alcançar a perfeição renascendo muitas vezes. Só a reencarnação pode explicar o mundo.
- O senhor acha que os espíritos podem vir falar com a gente?
- A Bíblia tem muitos casos de comunicação de espíritos. O que me provou essa possibilidade foi quando eu estava desesperado pela morte de minha mãe, ela implorou a minha presença. Meus irmãos só me comunicaram, depois que ela havia sido enterrada, porque tinham medo que eu fosse à nossa casa. Eles têm pavor e vergonha da minha doença. Eu estava revoltado. Cristiano apareceu-me e disse que, assim que minha mãe despertasse no mundo dos espíritos, ele viria me buscar para visitá-la. Isto aconteceu alguns meses depois e foi maravilhoso.
- Cristiano levou-me, também, para ver minha filha, disse José.
- Vá ao Centro Espírita sim, José. Sobretudo, seja um homem bom, ame a Deus e ao seu próximo. Não prejudique ninguém e Deus o abençoará sempre.

José despediu-se mais confortado e mais seguro de si.

Entre as muitas pessoas que foram internadas no Asilo Colônia, naquele ano de 1945, internara-se um rapaz de nome Rolando, um jovem bonito, moreno claro, com sobrancelhas espessas, cabelo ondedado e estatura alta e forte, embora tivesse menos de 18 anos. Ele viera de A., uma cidade do Triângulo Mineiro e já tinha duas irmãs internadas há alguns anos. Uma era ainda pré-adolescente e a outra era uma jovem. Chamavam-se Eunice e Irene. As duas eram muito queridas de todos, embora a menina fosse mais extrovertida e alegre. Rolando viera trazer um irmãozinho menor, o Hamilton, para ser internado e os médicos o internaram também.

Rolando fez amizade com José. Quando perguntou se ele conhecia algum interno que fosse espírita. José, logo que foi possível, levou-o para conhecer dona Florinda, que, após meia hora de conversa ficou admirada do conhecimento doutrinário que o moço recém internado demonstrava.

- Você é tão jovem, como pode saber tanto? - perguntou dona Florinda.
- Meus bisavós e meus avós foram espíritos. Meu pai, minha mãe e quatro dos meus tios também são espíritos. Mamei Espiritismo nos seios da minha mãe. Cresci assistindo a sessões e desde pequeno, converso com os espíritos. Eu tenho um tio que é intelectual e com ele aprendi a gostar de Gabriel Delane, Aksakof, Bozzano, Paul Gibier, Camile Flamarion, Gustave Geley, Eurípedes Barsanulfo, Batuira, Cairbar Schutel e muitos outros. Aprendi a admirar Francisco Cândido Xavier e praticamente fui alfabetizado com O Livro dos Espíritos e o Evangelho Segundo o Espiritismo. Como José ouvia calado, o rapaz perguntou:
- Quem é este menino claro, de olhos azuis que está sempre perto de você, heim José?
- E o Cristiano. Um garotinho que morreu aqui no hospital, respondeu com segurança.
- Ele está me dizendo que eu tenho que ensinar Espiritismo a você. Antes, eu tenho que melhorar a sua leitura e lhe ensinar tudo o que eu sei. Não é muito, mas se quiser...
- Se o meu filho mandou eu obedecer, porque ele sabe mais do que eu.

Dona Florinda convidou-o a conhecer o pequeno grupo espírita e ele prometeu que iria, assim que fosse possível.

Nesta época, José havia saído da oficina mecânica porque não tinha mais condições físicas de suportar o trabalho pesado da mecânica. Para conseguir o dinheiro que precisava, para mandar à família, passou a trabalhar mais algumas horas no Rancho Alegre, onde o ofício não era tão sacrificial. Com isso tinha algum tempo para dedicar-se ao aprendizado do Espiritismo.

Rolando escreveu para a sua casa pedindo livros da sua biblioteca e enquanto esses livros não chegavam, ele se aplicava em melhorar o vocabulário de José, sem forçá-lo a um artificialismo.

José era ótimo aluno e aprendia rapidamente.

Em pouco tempo a sua concordância verbal já era notada pelos amigos e ele já escrevia com certa facilidade.

Cristiano, da dimensão espiritual, acompanhava os progressos e incentivava-o sempre.

As lições terminavam com animadas conversações sobre a Doutrina Espírita. Allan Kardec estava sempre na pauta das conversas e José já aprendera muito sobre ele. Convidados por dona Florinda, os dois foram frequentar o Centro Espírita que se formava dentro da Colônia, já com o projeto de construir uma sede. Rolando não aceitou nenhum cargo diretivo, mas passou a conduzir as reuniões de estudos, dando-lhes um dinamismo incomum e não havia aluno mais aplicado que José, para orgulho de dona Florinda.

Rolando, com a sua juventude e beleza física, chamava a atenção das jovens casadoiras, que o disputavam. Na Colônia de leprosos, os jovens também se apaixonavam e muitos se casavam, dentro dos parâmetros da lei. O Juiz de Paz comparecia com o escrivão para realizar a cerimônia e o Padre Estêvão realizava o casamento religioso.

Pelo seu porte atlético, Rolando foi convidado a jogar futebol e bola ao cesto, mas não aceitou. Entretanto, batia bola para se divertir e fazia ginástica diariamente pela manhã, bem cedinho. Ia sempre ao cinema, aos bailes e dançava muito, evitando os bailes carnavalescos. Interessou-se muito pelas crianças, especialmente pelo irmãozinho de Cristiano.

José continuou escrevendo para a sua casa sem nunca tocar na gravidez de Madalena. Chegou, certo dia, uma carta de sua esposa, contando que a criança nascera e era uma linda menina. Madalena, conforme o costume interiorano, pedia a José que abençoasse a criança. José chorou, seu coração ainda estava duro, ressequido.

Junto à carta de Madalena veio uma página de Miguel, informando que a mãe não sabia que ele colocara aquela folha junto com a sua carta. Ao levá-la ao correio, comprou um envelope, abriu a carta e colocou a sua, após endereçar o novo envelope. A carta de Miguel, dizia.

“Papai, o senhor não pode imaginar como a mamãe sofreu com essa gravidez. Alguns amigos nossos viraram as costas para nós, tal qual quando o senhor ficou doente. Eu e o Gustavo brigamos muitas vezes com os moleques por causa das insinuações maldosas.

A gravidez da mamãe foi muito difícil e, se não fosse a madrinha Maria Aparecida e o seu Totico com a dona Cidoca, a mamãe não teria resistido. Quando chegava cartas suas, os olhos da mamãe brilhavam de esperanças, mas, após lê-las, ela chorava baixinho por muito tempo, porque não tinha nenhuma palavra de compreensão ou de incentivo, porém, ela nunca se queixou.

Mamãe quase morreu ao dar a luz. O parto foi difícil e foi a madrinha quem fez. Eu chorava ao lado da cama e comecei a rezar. Aí eu vi aquele menino, o Cristiano. Juro que vi, papai. Ele chegou com um médico que ele chamava de Dr. Bezerra, um velho com barba branca comprida, olhos verdes, que cuidou de tudo e a mamãe conseguiu ter a criança.

Ela é linda, papai. Seus olhos são negros como os da mamãe e tem um apetite que não há leite que chega. A mamãe tem bastante leite, mas o Guilherme anda enciumado, birrento e sempre quer dormir no colo dela.

O Cel. Teodorico veio ver a menina. Olhou muito tempo e não disse nada. Tirou a carteira do bolso e antes que pegasse algum dinheiro, a mamãe disse que não queria nada. Não aceitou nenhum tostão.

Papai, quando eu lembro daquele homem e o modo que encontramos a mamãe lá no meio do mato, sangrando e chorando, eu sinto um ódio tremendo e queria ser eu que tivesse puxado o gatilho da espingarda. Lamento não ter enfiado o seu punhal nas costas dele, naquela noite em nossa casa. Quando olho para o rostinho da Silmara, esse é o nome dela, eu sinto uma ternura, um amor que me deixa assustado. Quando eu beijo o seu rostinho, parece que estou voando. Ah, papai, se a gente tivesse como tirar um retrato para mandar para o senhor”...

José chorou com as duas folhas de papel nas mãos e, pela primeira vez não sentiu ódio da criança. Invisível aos seus olhos, Cristiano suspirou aliviado e agradeceu ao Dr. Bezerra de Menezes. Este, ah ao seu lado, impôs as mãos sobre a cabeça do José que sentiu um leve torpor. Orou sentidamente a Deus, rogando forças para que José não fracassasse, nem recuasse ante a missão que tinha a cumprir.

Sentindo-se renovado, saiu para levar a carta à dona Florinda. No caminho, encontrou Rolando e ambos passaram no pavilhão das crianças, para conversar com o irmãozinho de Cristiano, que logo se tornou amigo do irmãozinho do Rolando. Pediram autorização ao homem que cuidava das crianças para levar os meninos com eles. Daniel gostava muito de brincar com uma cachorrinha de dona Florinda, e, enquanto ele e Hamilton se divertiam, correndo pelo quintal com o animalzinho, ela leu a carta. Olhando nos olhos de José, viu-os calmos e tranquilos e ficou muito feliz.

José contou a Rolando toda a história da violência sexual sofrida por sua esposa, a decisão dela de ter o filho deste estupro, a sua corajosa decisão influenciada apenas pela sua dignidade, pelo seu amor à vida. Rolando abraçou-o e disse:

— Eu invejo você, a família que você tem, a proteção deste espírito que se mostra como criança, a força moral das suas atitudes...

José abaixou a cabeça corado, porque era ainda muito tímido.

Ao chegar em seu quarto, escreveu uma longa e carinhosa carta para Madalena, pediu a Deus que abençoasse a menina, que abençoasse também a sua valorosa mulher. Pediu a Madalena que o perdoasse por sua incompreensão. Disse ainda que confiava em Deus que um dia voltaria à sua casa e amaria sua filha com o mesmo amor que sempre dedicou ao Miguel, Guilherme e Rosalinda.

Pouco depois que colocou a carta no correio interno, um menino veio avisá-lo que Turquinho Michel chamava-o insistentemente. José foi imediatamente ao quarto onde morava o casal. Michel, com um entusiasmo extraordinário dizia meio atropeladamente:

— José, foi descoberta a cura da lepra! Vamos ser curados, José!

Atônito, José não sabia o que dizer e Irene foi quem explicou.

— Sabe José, Michel ouviu rádio o tempo todo e ele pegou um noticiário em ondas curtas, dizendo que nos Estados Unidos os leprosos estavam sendo curados com um produto farmacêutico chamado Sulfona. Ainda é fase experimental e os resultados são excelentes, pois as experiências começaram em 1940 ou 41.

— Sabe, José, eu achei que você deveria ser o primeiro a saber disso, falou o Michel.

Meu Deus! Bem que o Cristiano me disse que surgiria um remédio. Graças a Deus!

A notícia correu pela Colônia como fogo num rastilho de pólvora. Daí para a frente, era comum encontrar grupos de pacientes em torno de um rádio, ouvindo as notícias sobre o novo remédio. Os médicos estavam divididos em suas opiniões, pois alguns se entusiasmaram como os pacientes e outros eram cépticos.

Mas as notícias chegavam cada vez mais detalhadas. Finalmente, após milênios, a lepra fôra vencida.

Corria o ano de 1946. A Segunda Grande Guerra terminara com a vitória dos aliados. Sabia-se que o médico Lauro de Souza Lima fôra estagiário num Sanatório da França. Após isto, alguns doentes ricos começaram a importar o remédio com aquiescência dos seus médicos.

Neste meio tempo, a família de Rolando organizou uma caravana para visitar o Asilo Colônia. Muitos espíritas de outras localidades aderiram à caravana. Arrecadaram mantimentos, roupas, medicamentos, material de curativos, livros espíritas e da literatura geral. Conseguiram permissão junto ao Departamento de Profilaxia da Lepra e, num domingo bem cedo, aportavam na Colônia, três ônibus e um caminhão com os donativos. O pequeno grupo espírita recebeu-os com carinho e entusiasmo. Distribuíram os donativos entre os mais necessitados e às 14 horas foram para a sede provisória do Centro Espírita.

As duas irmãs e o menino não podiam ir ao Centro Espírita. Era-lhes vedada a participação, mas os pais e os tios passaram toda a manhã com eles e revezavam-se na atenção e no carinho.

Alguns oradores fizeram pequenas palestras. Os pais, tios e avós do Rolando o abraçavam e beijavam constantemente. Rolando conhecia quase todos os caravaneiros. Alguns médiuns começaram a receber comunicações escritas e faladas, todas altamente consoladoras. Espíritos como Eurípides Barsanulfo, Cairbar Schutel, Dr. Bezerra de Menezes falavam da misericórdia de Deus, concedendo a cura. Em dado momento, uma senhora vidente, disse:

^ — Está aqui no ambiente um espírito angelical. Um menino que morreu aqui no hospital e diz que se chama Cristiano. Ele quer se comunicar, mas disse que tem que ser através de um homem que foi seu pai, um paciente chamado José.

Encabulado José procurou abaixar-se atrás da pessoa sentada à sua frente. O silêncio era total. José disse baixinho ao amigo que estava ao seu lado:

— Mas eu não sou médium!

A vidente falou, como se tivesse escutado:

— Você é médium sim. Todos somos médiuns.

José viu o Cristiano se aproximar sorridente e abraçá-lo. José sentiu uma ligeira vertigem, mas não perdeu a consciência. Sentiu uma energia vitalizá-lo e sua mente ficou clara como nunca acontecera. Levantou-se e dirigiu-se à frente de todos, abriu a boca como numa oração, saudando os presentes. Depois continuou.

— As leis de Deus são misericordiosas. Alguns aqui presentes vêm caminhando juntos há quase dois milênios. Estivemos juntos no Vale de Kidron e três pessoas aqui presentes, e eu, fomos curados por Jesus de Nazaré. Lucas registrou no seu Evangelho com o título, A CURA DOS DEZ LEPROSOS. Eu me chamava Daniel e era um adolescente. O Samaritano, o único que voltou para agradecer ao Mestre, continua trabalhando por nós até hoje. Ele se encontra reencarnado no Brasil e terá um papel muito importante na cura desta enfermidade.

Agora, quero dirigir-me a todos os presentes. A vocês caravaneiros, obrigado pela solidariedade. A todos, nossa palavra de gratidão. Amem a vida. Amem as pessoas. Destruam as barreiras do separativismo, construam pontes para chegar aos corações das pessoas. Vocês nasceram na Terra para evoluir, para crescer no amor. Deus criou-nos a todos com muito carinho e criou-nos da luz das estrelas. O espírito é luz e procura incessantemente a luz maior que é Deus.

A voz do menino foi crescendo como numa melodia de amor e falou da esperança, da fé, do trabalho mediúnico que esperava a todos. Fez uma sentida prece que comoveu os presentes e que este humilde escritor não tem capacidade para reproduzir. Depois todos tomaram um lanche juntos. Uma senhora procurou José e disse:

— Eu soube que você é da cidade de S., da Fazenda do Cel. Teodorico.

— Sim, senhora.

— O coronel é meu primo e vou pedir a ele que compre o novo medicamento para você.

— Minha senhora. Acho que ele não fará isso. Ele não liga para os humildes.

— Fará sim. Ele mudou muito. Sua filha deu-lhe um neto que já está com dois anos. Há um ano o menino começou a ficar doente e nenhum médico conseguiu curá-lo. O dr. Xavier encaminhou-o para São Paulo, depois para o Rio de Janeiro e até para os Estados Unidos. A morte estava cada vez mais próxima. Em desespero, meu primo me telefonou, eu pedi para ele procurar o Centro Espírita Humildade e Fé, ali pertinho da fazenda.

José, muito interessado, ouvia a narrativa, juntamente com outras pessoas.

— Ele foi depois de relutar muito. O menino estava quase morto e ele cada dia mais cruel com os colonos. A própria filha insistiu para irem ao Centro. Foram recebidos com a mesma bondade que o velho Sebastião recebe a todos. Pouco depois, com a chegada dos demais médiuns e assistentes, foi feita uma prece e começou o trabalho mediúnico.¹¹ Houver várias manifestações de espíritos acusando o velho Coronel pelas suas maldades. O Cel. Teodorico estava entediado e arrependido de ter comparecido à sessão. Porém, uma senhora jovem que não poderia ter conhecido sua esposa, com a mesma entonação de voz da falecida, disse:

— Ah, velho ranzinza, como eu te amo!

— Zulmira! - exclamou impulsivamente o Cel. Teodorico.

Sim! Sou eu, velho. Você já não tem muito tempo. E preciso mudar de vida. Seus inimigos atacam o menino para vingar de você.

— Inimigos? Que inimigos?

— O Cel. Portilho, de quem você cobrou uma dívida, ele perdeu a fazenda e enlouqueceu. Tião da Chica, que você mandou oscapangas matarem por ter roubado uma vaca do seu pasto. O negro Zoca que você mandou surrar e queimou o seu rancho, matando-lhe um filho de berço que estava dormindo. A cabocla Tiana, que você seduziu e abandonou...

— Chega, pelo amor de Deus, disse o Cel. Teodorico.

— Velho ranzinza. Mesmo assim eu te amo. Adeus.

Houve alguns minutos de silêncio e o velho Sebastião começou a psicografar receitas para os doentes. No final, começou a chamar as pessoas pelos nomes e, para alguns, era receitada água magnetizada; para outros, chás; para outros, remédios de farmácia. Chamou o nome do menino, do neto do Cel. Teodorico e leu a receita. Era um remédio homeopático. O velho Sebastião explicou que ele deveria mandar buscar o remédio em cidade grande, onde havia farmácias homeopáticas.

Aquela noite, o menino dormiu tranquilamente.

No dia seguinte, o Coronel mandou buscar os remédios, tornando-se um assíduo frequentador do Centro Espírita Humildade e Fé. Passou várias noites em claro, pensando sobre tudo o que acontecera. Para surpresa de todos, mandou erguer uma vila de casas de alvenaria para os colonos, com água encanada e luz elétrica. Mandou construir uma escola e contratou professores, começou levar o Miguel e o Guilherme ao Centro Espírita com ele. Comprou roupas e brinquedos para Silmara e levou dona Madalena para trabalhar na casa grande, apenas para trabalhos leves.

— Irei até a fazenda ainda esta semana e pedirei a ele que mande vir o remédio para você e para o irmãozinho do Cristiano, o Danilo.

Quando terminou o horário da visita e os caravaneiros começaram a se despedir, José ficou sensibilizado com os beijos e abraços recebidos, pois, nenhum caravaneiro demonstrou medo ou asco. Foi triste ver a despedida de Rolando, cercado pelos pais e tios.

Aquele moço tinha uma estrutura de aço, brincou com todos, como se a separação fosse apenas por algumas horas. Dona Florinda disse com humildade à mãe de Rolando:

— Eu cuidarei dele como se fosse meu filho. Fique descansada.

— Obrigada, minha irmã. Deus o abençoe, disse a mãe de Rolando.

Alguns dias depois, José recebeu uma carta do Miguel, relatando mais ou menos aquilo que aquela senhora visitante lhe contara e mais:

— Um dia eu estava na sessão - era comum crianças assistirem a sessões práticas - e Cristiano falou através do seu Sebastião que você ia receber o remédio e, antes que eu complete 18 anos, você estará em casa juntamente com o Danilo, que será também nosso irmão. Na próxima carta enviaremos um retrato da Silmara, juntamente comigo e o Guilherme, porque o Cel. Teodorico vai trazer um retratista da cidade para tirar nossa fotografia.

O senhor precisa ver como o Coronel mudou. Ele disse que se eu quiser estudar, vou fazer o curso ginásial em S. e depois faço o científico em R.P..

O senhor precisa ver o Guilherme jogar bola. Ele é um craque. Não se ofenda, mas todo mundo diz que ele vai ser melhor que o senhor. Um amigo do Coronel quer levá-lo para jogar no infantil do Comercial de R.P. quando ele estiver um pouco mais velho, a mamãe disse que não deixa.

As cartas sempre traziam fortes emoções para o coração de José, e as respostas eram repassadas de amor e fé. Já não havia nem revolta, nem questionamentos contra Deus, mas uma submissão amorosa, com o consenso do coração.

Capítulo XIII A PRESENÇA DO EVANGEUSTA LUCAS

José andava curioso para entender o que acontecera naquele inesquecível domingo de visita da caravana. Como ele pôde receber a comunicação de Cristiano, se ele não era médium, nunca fora. Na primeira oportunidade, perguntou a Rolando, que explicou com simplicidade:

— Todas as pessoas são médiuns em graus diferentes. Você sempre foi médium, caso contrário, você não receberia as estranhas impressões de alguma coisa que estava acontecendo com a sua família. Não teria visto e ouvido Cristiano na cela da cadeia, nem o teria visto no enterro.

— Mas, o que aconteceu? Ele entrou dentro de mim para falar pela minha boca?

— Não, José. Ele o envolveu com o seu amor e influenciou a sua mente. Você, então, percebeu as suas ideias e reproduziu com palavras suas. Esta é a mediunidade falante ou psicofônica consciente. Você sabia o que estava acontecendo e o que você estava falando, não é mesmo?

¹¹ 12 - Nessa época era comum as sessões serem públicas

- Não. Tinha hora que sumia tudo, depois eu ouvia a minha própria voz. Sabia que as ideias não eram minhas.
- Tudo bem. Vamos observar você nas próximas sessões. Talvez você seja médium semiconsciente.
- O que é isso?
- Você vai aprender nas aulas sobre mediunidade. Não se preocupe. Existem médiuns que ficam despertos, conscientes. Outros entram num sono sonambúlico e outros ficam num meio termo entre os dois estados.

José não entendeu muito e não quis insistir, já que iriam iniciar o estudo de O Livro dos Médiuns, de Allan Kardec.

Conforme Miguel prometera, chegou uma carta com o retrato das crianças. Realmente Silmara era linda. José sentiu uma nuvem de tristeza toldar o seu coração, mas reagiu. Notou como Guilherme crescera e era forte. A calça curta deixava ver as suas pernas grossas e musculosas, próprias de quem jogava futebol constantemente.

Num trecho da carta, Miguel contava o quanto o Cel. Teodorico mudara. Agora ele era um homem bom, pedia para que o Guilherme e ele o chamassem de vovô. Ele mandou construir um campo de futebol menor para as crianças e montou um time infantil, uma categoria que muitos anos depois se chamaria “Dente de Leite”.

José não aguentou ficar muito tempo longe do futebol e pediu para jogar no segundo quadro, porém nunca mais viajou com o time. Algumas vezes treinava meio tempo, às vezes o tempo todo, conforme suas condições de saúde. Rolando se deliciava assistindo aos treinos, onde podia perceber a categoria técnica do amigo em lances isolados.

O tratamento médico com o Oleo de Chamulgra, o único medicamento existente até então, mas inócuo, com efeitos reduzidíssimos, fora suspenso. José, como outros pacientes que tinham condições financeiras, começaram a receber o medicamento injetável importado dos Estados Unidos. Quando José recebeu a primeira dose do medicamento intravenoso na sala de injeções, Cristiano estava ao seu lado, sorrindo. Ele também sorriu para o menino e o injetador que não fazia ideia da presença do espírito, disse-lhe:

“ Sorria mesmo, pois agora você vai sarar.

Saindo da sala de injeções, José voltou ao seu quarto na Casa dos Esportistas. Deitou-se um pouco, a injeção tinha que ser feita com o paciente em jejum, ela causava um pouco de enjôo. Deitado, viu Cristiano chegar e dizer-lhe:

— Você sabe que a folhinha marca o mês de novembro de 1946. Serão necessários alguns anos, mas você vai ser curado. Daqui para frente haverá muitas mudanças nos Asilos Colônias. Com a ajuda de Deus, você receberá a sua alta por volta de 1953 ou um pouco antes.

José, muito feliz pela notícia, o que não era uma profecia, mas uma dedução lógica, aproveitou para perguntar como ele conseguiu falar por seu intermédio, ao que Cristiano respondeu:

— Existem pessoas que querem muito ser médiuns, mas não conseguem, entretanto, essa faculdade natural pode ser desenvolvida de forma espontânea. Você a desenvolveu assim. Você sempre foi um homem bom, ponderado, amigo de todos. Você não tem o hábito de falar palavrões, obscenidades, nem de praguejar, não tem vícios morais, por isso, bons espíritos sempre estiveram ao seu lado, inspirando-o. Bastou uma magnetização mais forte para liberar a sua mente para que eu pudesse falar por seu intermédio. Se você tivesse o hábito de escrever, eu poderia escrever por seu intermédio.

— Como você, sendo uma criança, sabe tudo isso?

— Não se esqueça de que já fui adulto muitas vezes. Além disso, estudo com espíritos superiores aqui no nosso mundo.

— Por que você continua, então, se mostrando na forma de criança?

— Porque, com essa forma, eu chego melhor ao seu coração e de outras pessoas. Além disso, eu amei essa encarnação, pois ela foi extraordinariamente libertadora.

Equipes do Asilo foram fazer treinamento laboratorial no Sanatório Padre Bento, pois o tratamento exigia um controle laboratorial maior, como contagem global, hemograma, dosagem de ureia no sangue e outros.

Com alguns meses de tratamento José apresentava melhoras na garganta e nas mucosas do nariz. Já conseguia respirar pelas narinas. Rolando também fazia o seu tratamento com a ajuda da família. O Centro Espírita Amor e Luz já tinha a sua sede própria e entre os mais de dois mil internos, havia uns cinquenta espíritas. José estudava com afinco a sua doutrina e continuava recebendo lições escolares do Rolando, que se admirava sempre da facilidade com que ele aprendia.

Tendo algumas horas livres, por já não ter que trabalhar tanto, José passou a ser um assíduo frequentador da biblioteca do hospital, onde havia uma grande variedade de livros. A procura de José era por livros instrutivos. Assim sendo, a par das lições de Espiritismo, José adquiria cultura geral com Rolando e suas consultas à biblioteca.

O grupo espírita era coeso e mantinha forte amizade entre si. Havia alguns pequenos problemas, alguns diz-que-me-diz, naturais em todos os agrupamentos humanos. José educara maravilhosamente bem sua mediunidade, especialmente a psicofonia semiconsciente, que em algumas circunstâncias tornava-se inconsciente e sonambúlica. Sua vidência desenvolvera-se muito bem e nas reuniões era muito útil.

Rolando sofreu uma pena de 20 dias de prisão, juntamente com um companheiro de mesa, porque reclamaram da comida servida no restaurante da Caixa Beneficente, que eles pagavam. Após ser colocado em liberdade, perderia o direito de servir-se do restaurante, tendo que fazer suas refeições no refeitório geral ou pagar pensão numa das residências da colônia.

Naquela primeira semana de prisão, o grupo espírita ficou em dificuldades, porque dois dos seus dirigentes habituais estavam acamados e outras pessoas ausentes. Com a falta de Rolando, José teve que assumir a direção da sessão mediúnica, ou seja, competia-lhe conduzir a sessão como doutrinador.

O grupo tinha três médiuns e mais o José. Todos os três eram médiuns seguros e com um comportamento moral muito bom, por isso a sessão seguia tranquila e José dava conta da “doutrinação”. Num dado momento, percebeu a presença de Cristiano que trazia um espírito escuro, disforme e alucinado.

Cristiano aproximou-o de um dos médiuns, uma senhora com um ótimo controle das suas faculdades e segurança emocional. A situação do espírito comunicante era lastimável. Ao sentir as vibrações da médium, sentiu um revigoramento das suas energias, como se tivesse no corpo novamente. Ergueu a cabeça para certificar-se de onde estava.

— Onde estou? Que faço aqui? Deixem-me ir embora...

Neste momento, a visão psíquica de José aguçou-se e ele viu Waldemar, o ex-administrador da fazenda do Cel. Teodorico. O homem que violentou a sua esposa, humilhando-a, após tanta perseguição.

Num primeiro momento, os instintos do homem José vieram à tona, sentiu prazer em ver seu desafeto reduzido a uma situação humilhante e sofredora. Quando o ex-administrador o viu e o reconheceu, soltou um grito desesperado e pediu perdão. Sem desligar-se perispiritualmente da médium, arrastou-se até os pés de José, tentou abraçar-lhe as pernas e beijar seus pés.

Aquele momento foi como se a imagem tivesse sido congeladas, segundos pareciam horas. Cristiano e os guias espirituais do Centro Espírita estavam estáticos, pois a decisão era de José. O espírito comunicante gritava em desespero:

— Perdoe-me, José. Pelo amor que você tem aos seus filhos, perdoe-me.

Pela cabeça de José passou um pensamento: perdoar, por quê? Imediatamente ele afastou aquele pensamento, enquanto o espírito chorava convulsivamente. Por alguns breves minutos houve uma tremenda luta interior. O homem do mundo queria sentir prazer no sofrimento do desafeto. O homem espiritual, já evangelizado e com notáveis conhecimentos espíritas, queria perdoar incondicionalmente. Eram dois titãs numa luta descomunal, após alguns instantes, José abriu a boca e disse:

— Eu perdoo, meu irmão. Eu operdoo e o recebo no meu coração.

Neste momento o outro médium, um senhor idoso foi envolvido por um espírito trevoso que chasqueou:

— Covarde. Leproso covarde. Perdoar por quê? Destrua-o como ele fez comigo, com dezenas de pessoas e com você. Já não basta sua mulher estar criando o fruto podre deste miserável e você ainda quer perdoá-lhe? Esmague-o, enquanto pode ou ele te esmagará. Desde o momento em que você foi fechado nesse leprosário, ele começou a perseguir sua mulher até consumir seus desejos bestiais.

Waldemar chorava convulsivamente, os espíritos amigos não queriam interferir para que a decisão de José fosse isenta de qualquer influência externa. José com lágrimas escorrendo pelas faces, falou sem preâmbulo:

— Eu perdoos dois. Eu quero amá-los. Perdoos Waldemar pelo que fez a mim e à minha família e perdoo você que sempre o impulsionou ao mal, que fez dele instrumento para saciar os seus desejos.

José exortou-os ao arrependimento. Falou da fraternidade, do respeito e do amor. Orou sentidamente a Jesus, rogando pelos dois. Alguns espíritos altamente evoluídos, apresentando forte luz interior foram atraídos pelas vibrações elevadas que partiam do ambiente. Toda a Colônia estava envolta numa esplêndida luz. Sempre rogando perdão, o ex-administrador entrou em sono profundo e depois seria encaminhado para uma difícil e redentora reencarnação, sem o direito de escolher as condições físicas, os pais, a raça e a posição social. Seria como, no dizer do Evangelho, atado de pés e mãos e lançado às trevas exteriores. O outro espírito, gargalhando nervosamente, mergulhou em densas trevas, como se tivesse perdido toda a capacidade de pensar.

José sentou-se exausto, molhado pela transpiração e começou a chorar baixinho. Cristiano abraçou-o e começou a recompor as suas forças. Um dos médiuns estava em profundo transe e por sua boca, nariz e ouvidos começou a sair abundante ectoplasma; uma forma humana foi se formando. Era um ser luminoso e belo como um anjo de luz, um verdadeiro sol. Aquele ser luminoso aproximou-se do pequeno grupo de encarnados e impôs suas mãos de pura e radiante luz em cada um daqueles corpos maltratados pelos bacilos de hansen, e a luz parecia ser sugada por aqueles organismos tão judiados pela lepra.

Dona Florinda foi uma das mais beneficiadas e, quando chegou a vez de José, seu corpo não só recebeu fortíssimos jatos de luz, como aquela energia parecia ter acionado uma usina de forças dentro dele. Seu corpo parecia soltar chispas de luz. O Espírito aplicou mais demoradamente as energias no fígado, baço e rins de José. Logo após, aquele ser ectoplásmico começou a se desmanchar, as energias eram como que sugadas pelo médium de efeitos físicos, que ficou por um instante, também iluminado.

Enquanto aquele mensageiro de luz aplicava energias nos encarnados, uma equipe altamente treinada construiu uma garganta ectoplásmica e Cristiano que já dominava a técnica neste tipo de comunicação, falou com o grupo:

— Hoje tivemos um banquete de luz. Enquanto se desenvolvia o trabalho de curas aqui no Centro Espírita, uma grande equipe de mensageiros de Jesus de Nazaré, percorreu toda a Colônia, beneficiando muitos internos. Espíritos que permaneciam presos aos seus despojos no cemitério, ou ao ambiente da Colônia, foram libertados e algumas pessoas terão a sua cura acelerada. A *diamino difenil sulfona*, também por via oral, fará milagres na cura, até que diminua a sua eficiência, quando aparecerão outros medicamentos.

A misericórdia de Deus é muito grande; a lepra, num dia ainda longínquo, será apenas uma lembrança. A humanidade passará ainda por muitas dificuldades, inclusive morais e de doenças dificilmente curadas. Um dia, todos se amarão e as duas piores doenças da humanidade desaparecerão; a pobreza e a ignorância. Teremos então vida em abundância. Poderemos dizer como o fez Allan Kardec: *Numa sociedade regida pelas leis do Cristo, ninguém deverá morrer de fome. Ninguém morrerá nem mesmo de fome de amor, de aceitação. Um dia as guerras deixarão de existir e o dinheiro gasto em armas e munições serão aplicadas nas soluções dos problemas dos países pobres. Os quartéis se transformarão em escolas e hospitais e os exércitos, ao invés de soldados treinados para matar, serão formados para médicos, enfermeiros e professores, treinados para dar a vida.*

Neste momento José perguntou mentalmente quem era aquele espírito que ali viera com tanta luz. Cristiano respondeu:

— Quando a emoção se tomou muito grande e o nosso núcleo começou a emitir muita luz e envolver toda a Colônia, despertou a atenção de uma caravana de espíritos altamente iluminados, verdadeiros discípulos do Cristo. Embora a materialização seja muito sacrificial para os espíritos evoluídos, o evangelista Lucas, o médico de Paulo de Tarso e das almas, quis fazer pessoalmente o trabalho de curas. Com certeza, vocês terão suas curas físicas aceleradas, pois grande quantidade de bacilos foram mortos e estruturas nervosas refeitas.

Ah, meu querido José, estivemos nas legiões bárbaras que aterrorizaram o mundo, ainda juntos no Vale dos Leprosos perto de Jerusalém. Andamos pelas estradas da Palestina, pelas ruas das cidades da Judeia e da Samaria e fizemos parte do grupo de 10 leprosos curados pelo Cristo, cura que Lucas descreveu no seu Evangelho. Agora estamos perto da redenção. Sejamos fortes.

Capítulo XIV O EGOÍSMO DE UM PAI

No dia seguinte, a Colônia ainda estava sob a influência magnífica daquela noite. Quase ninguém sabia o que acontecera, mas estavam mais animados e mais fraternos entre si. Porém, o padre Estêvão sabia. Mandou chamar José à sua casa e entre eles houve essa conversa.

— José, mandei chama-lo porque preciso muito falar com você.

— Eu gosto muito de prostrar-me com o senhor.

— Ontem, num desdobramento, estive espiritualmente na reunião do Centro Espírita e tenho a certeza de que se os Príncipes da Igreja soubessem a verdade, incentivariam o povo a comparecer aos Centros Espíritas. O que eu quero falar é que pude ver o maravilhoso gesto de perdoar o seu algoz. Não imagina como chorei de emoção, como chorei ao ver São Lucas no ambiente. Os espíritos disseram que alguns pacientes, pelos seus méritos, serão curados em poucos anos, mas eu vou ficar aqui. Serei um dos poucos que terá resistência ao tratamento sulfônico, porque ainda tenho tarefa a terminar aqui. Eu só queria te abraçar, pois cada dia percebo mais a grandiosidade do seu coração.

— Eu não sou nada, meu amigo, quisera ser. Sou apenas um caipira.

— Agora você deve ir ver o irmãozinho do Cristiano e depois o Michel, você terá boas surpresas.

José despediu-se, beijando a mão do pároco, que o atraiu para um forte abraço. José foi em busca do pavilhão das crianças. O irmãozinho de Cristiano, Danilo, já o estava esperando e foi logo contando:

— Sonhei com o Cristiano essa noite e ele me disse que eu vou embora com você em alguns anos, mas antes eu vou conhecer o meu papai. Ele virá aqui para me ver e talvez vai me dar para você.

José tinha os olhos úmidos de lágrimas ao beijar a cabecinha de Danilo:

— Se Deus me conceder seja o seu pai, vou ficar muito feliz com isso.

— Eu não sei se eu estava dormindo ou acordado, mas o nosso pavilhão estava muito iluminado, até doía os olhos da gente, contou o menino.

— Alguém mais viu essa luz?

— Sim. O Tininho, o Luizinho e o Hamilton.

Rolando também foi beneficiado na sua cela, ficando radiante quando recebeu a visita de José que lhe contou todos os sucessos daquela noite maravilhosa.

José despediu-se do menino e foi para o quarto do Turquinho. Ao ser recebido por Irene, viu-a radiante.

— Entra, José. Queremos que você seja o primeiro a saber da grande novidade.

Ao entrar, o Turquinho veio abraçá-lo e disse:

— Um milagre! Aconteceu um milagre. Ontem a noite, ao invés de ficar no rádio, pesquisando as ondas curtas, resolvi dormir cedo. Acordei ali pelas 22h com muita dor nos olhos e vi uma luz intensa, como se fosse uma lâmpada de mil velas, depois ficou tudo escuro e

devagar foi se abrindo uma janelinha nos meus olhos. Acho que recuperei mais de 40% da visão. Estou vendo você. Posso ver o sorriso da minha esposa. Eu até rezei sem parar.

— Que bom Michel. Fico muito feliz. Sei que você vai recuperar totalmente a visão. Acho que você e Irene serão dos primeiros a receberem alta.

Quando José saiu do quarto de Michel, logo pensou no amigo Rolando e nas suas irmãs Irene e Eunice, no Hamilton. Será que eles também se curarão?

Seu pensamento procurou Cristiano e interrogou em silêncio. Quando ele mentalizou as duas adolescentes, Cristiano baixou a cabeça e sorriu triste. José perguntou diretamente a ele, mas como resposta viu apenas duas sepulturas encimadas por uma cruz cada uma.

José ficou triste, já sabia que a morte não é o fim. Porém, pensou, precisaria tomar cuidado para não revelar isto ao amigo Rolando.

José começou a pensar nos benefícios que aqueles espíritos trouxeram ao Asilo Colônia. Ele próprio sentia-se muito bem. Respirava bem, suas mãos desincharam. Seus pés também, assim como a ferida¹² que tinha há alguns anos, e, um mês depois da memorável noite, estava quase cicatrizada. Ao olhar as pessoas com mais profundidade, podia perceber se determinada pessoa seria ou não beneficiada pela sulfona e se seria curada ou não.

Havia boas notícias no ar, porque o Governo Federal decidira importar o medicamento para todos os enfermos e cada Colônia receberia a sua cota oral e injetável.

Enquanto isto, na fazenda do Cel. Teodorico, aconteciam mudanças extraordinárias. Mesmo contra a vontade do filho, pois a filha não se opunha tanto, ele melhorou extraordinariamente as condições dos seus trabalhadores. Construiu escolas, não só para as crianças, mas também para os adultos que quisessem aprender a ler e escrever. Construiu uma capela para os católicos, e ele frequentava o Centro Espírita Humildade e Fé, dirigido pelo velho Sebastião.

Corria o ano de 1949. José apresentava melhoras extraordinárias, a ponto de despertar a admiração dos seus médicos. Sentia-se tão bem que começou a jogar futebol com mais frequência, embora não desejasse disputar uma posição no time titular. Aconteceu que o time do Sanatório Padre Bento marcou um jogo no Asilo, que agora já tinha a denominação de Sanatório. O sr. Valentino convenceu José a jogar no segundo time. Então, os treinamentos intensificaram-se.

José já não precisava trabalhar tanto, sua esposa já tinha um salário bem melhor, trabalhando na casa grande da fazenda, além do que as crianças faziam as suas refeições na cozinha da casa grande. José não parou de trabalhar no Rancho Alegre.

Quase dois meses depois, chegou a delegação do Padre Bento e estavam combinados jogos entre os primeiros e segundos times e também uma partida de bola ao cesto. Na equipe do Padre Bento havia jogadores jovens e alguns veteranos. Quase todos receberiam alta brevemente.

José deu um show como meia armador do segundo time. Distribuiu o jogo tão bem, deu tanto equilíbrio ao meio de campo, que estava acontecendo o que parecia impossível, o time local terminou o primeiro tempo vencendo por 1 x 0. No intervalo, o sr. Valentino pediu para que José ficasse na reserva do 1º time, para ser aproveitado no 2º tempo de jogo.

Com a saída de José o equilíbrio do time caiu bastante, sem que o Padre Bento conseguisse mais que um empate de 1 x 1.

O campo não tinha arquibancadas, todos assistiam ao jogo de pé ou sentados no chão, à beira do campo. José havia se sentado ao lado do campo, quando, para a sua surpresa, o dr. Lauro de Souza Lima, que viera de São Paulo assistir ao jogo do seu Padre Bento, foi até onde ele estava e estendeu-lhe a mão dizendo:

— Você não é aquele moço que deu um show de bola no Padre Bento? Como você está bem!

José tratou de levantar-se, por respeito ao médico e respondeu:

— Acho que sou eu sim, mas não concordo com o show.

— Rapaz, você está muito melhor do que estava naquela época. Você está quase curado. O que você está tomando?

— Promin. '

— Ótimo, desejo-lhe boa sorte. Muitas vezes pensei em você e no menino que queria me conhecer. Qual era o nome dele, mesmo?

— Cristiano.

É um bonito nome. Mas, por que você está no segundo time?

— Eu havia desistido de jogar por estar piorando muito da doença. Jogava, às vezes, para me distrair.

— Olha, você é muito bom ainda. Boa sorte.

— Obrigado, dr. Lauro. Fico honrado do senhor se lembrar de mim.

O primeiro tempo do jogo foi dominado pelo Padre Bento, que fez 1x0 logo aos dez minutos e graças ao desempenho do goleiro e do zagueiro Rubens, o resultado foi mantido.

No segundo tempo, o sr. Valentino chamou José e disse que ele iria entrar no jogo; José sentia-se seguro, mas jogaria recuado, no meio do campo, construindo as jogadas. Dorival ficou muito contente, pois o seu marcador não lhe dava espaço e aquele era o seu último jogo. Logo sairia, teria alta.

Com a entrada do José, o jogo mudou. Sua ação parecia lenta, contudo, a sua visão de jogo era perfeita. Apesar disso o volume de jogo do Padre Bento era maior. O ataque local já dera algumas pontadas agudas obrigando o goleiro do Padre Bento a fazer duas excelentes defesas.

Rubens rebateu uma bola meio desesperadamente, José dominou-a na intermediária do seu campo, driblou seu marcador e fez menção de que passaria a bola para o seu ponta esquerda, mas, na verdade, deu um passe de 40 metros para o Peruzinho, na extrema direita, que reuniu todas as suas reservas físicas e correu para o ataque. Peruzinho dominou o seu marcador e fechou para a área, devolvendo a bola para José, que limpou o lance e ficou com o gol à sua frente. O goleiro cresceu para cima dele; num toque sutil ele inverteu a jogada, rolando a bola para Dorival, que entrava como uma cunha pelo lado esquerdo, livre livre de marcação, só teve o trabalho de empurrar para a rede empatando o jogo em 1 x 1.

O jogo tornou-se emocionante. Quando faltavam cinco minutos, Rubens aventurou-se ao ataque, tabelando com José e Peruzinho e a 10 jardas da área, mais para o lado direito, o zagueiro visitante fez uma falta violenta em Rubens e quase foi expulso. Todo o time pediu para José cobrar a falta. A barreira de cinco homens ficou um pouco à frente da linha da grande área. José afastou-se quatro passos. Quando o juiz apitou, ele bateu com o lado externo do pé, a bola fez uma curva e entrou no ângulo direito do gol Padrebentino.

Foi uma verdadeira loucura, porque a torcida invadiu o campo e o juiz teve dificuldades para reiniciar o jogo. Os minutos finais foram de cera e chutões para qualquer lado, mas o impossível acontecia. O time local venceu a poderosa equipe do Padre Bento, embora depois, no jogo de bola ao cesto os visitantes, deram um passeio no time local, vencendo com mais de trinta pontos de diferença.

Rolando era uma das pessoas mais entusiasmadas com a atuação do José. Após o jogo abraçou-o emocionado e disse:

— José, você é demais. Imagino como você jogava quando era mais jovem. Quem foi Rei não perde a majestade.

— Obrigado, meu amigo. Eu apenas concentrei o meu futebol mais na cabeça. Não posso correr muito, mas posso pensar.

— Parabéns!

Dois dias depois, a delegação do Padre Bento retornava a São Paulo e a vida voltava à rotina. Pela 10ª vez Rolando pedia a José contar como fôra a memorável noite em que ele dirigiu a reunião mediúnica. Emocionava-se todas as vezes, a ponto de umedecer os olhos de lágrimas. Num domingo pela manhã, Danilo foi avisado de que um homem que dizia ser seu pai estava procurando-o. O menino correu para o parlatório com o coração descompassado, ao mesmo tempo em que pensava como seria o pai. Será que ele se parece comigo ou com o Cristiano? Ficou encantado ao ver a figura forte e elegante do pai, um homem alto, moreno, vestido com um terno impecável, gravata sóbria e óculos de sol. Ele estendeu a

¹² 13 - Mal Perforante Planta

mão ao menino e perguntou:

— Você é o Danilo?

— Sou sim. E você é meu pai?

Acho que sou.

Saíram de mãos dadas passeando pelo jardim, pois nesta altura os visitantes já podiam entrar no hospital.

Sempre de mãos dadas com o pai, Danilo passeava orgulhoso. Estranhou não perguntasse por Cristiano e nem falasse da mamãe. Percebia-se claramente que o homem não estava muito à vontade. Encontraram-se com José e Rolando, que contaram sobre a morte de Cristiano.

Horácio, o pai de Danilo, começou a apresentar desculpas pelo fato de nunca ter procurado visitar os meninos, como nunca visitara a esposa que morrera logo no primeiro ano de internação. Contou os desacertos da sua vida por causa da doença da mulher e dos filhos e como teve que vender o seu comércio e mudar de cidade, pois o preconceito era muito forte. Vendeu com prejuízo, disse ele, mas não teve alternativa.

— O senhor não nos deve nenhuma explicação, disse Rolando.

— E verdade, completou José. Mas podia ao menos escrever aos garotos. Cristiano o amava muito.

— E, acontece que eu casei de novo e tenho família. Eles não podem saber de minha esposa e filhos leprosos. Eles pensam que estou no Rio Grande do Sul a negócios. Conversei com o diretor do Sanatório e ele disse que não demora muito para o Danilo receber alta. Acho que vou ter que matriculá-lo num colégio interno.

Rolando ficou extremamente irritado e disse:

— Sr. Horácio, eu não tenho nada a ver com a sua vida, mas, não acha que o menino já ficou preso demais?

— Bem, eu não posso destruir a minha vida. Minha mulher, meu sogro, meus filhos jamais compreenderiam.

José olhou para Danilo e viu os seus olhos cheios de lágrimas. O menino havia largado a mão do pai. Abraçado a Danilo, viu Cristiano, com um olhar ansioso e isto encorajou-o a dizer:

— Se o senhor permitir eu fico com o menino, pois ele é muito querido para o meu coração, assim como Cristiano foi, e é.

— Ótimo, disse o pai do menino, sem poder esconder a sua alegria. Eu me comprometo a pagar uma pensão mensal...

— Não carece, disse José interrompendo o homem. Só quero que o senhor assine um documento autorizando que eu leve o menino.

— Meu advogado vai providenciar tudo. Já que resolvemos isto, agora posso ir embora. Adeus, meu filho.

— Fica mais um pouco, papai. Suplicou Danilo.

— Não posso. Um dia você vai compreender. Olha, seja bonzinho para o moço. Não crie problemas.

— Danilo jamais criou ou vai criar problemas para quem quer que seja, falou Rolando. O senhor não sabe o tesouro que está desprezando.

O sr. Horácio retirou da carteira uma nota de cinquenta cruzeiros e deu-a ao filho. Danilo não quis aceitar.

— Vamos, pegue o dinheiro assim você poderá comprar um presente para você.

O presente que eu mais quero é o senhor.

— Sinto muito, Danilo, mas não me permito ser sentimental. Os sentimentais são tolos e nunca sobem na vida. As coisas são como são e não podemos fazer nada. Enfiou a nota no bolsinho da camisa do menino, virou as costas, sem nem mesmo dar a mão aos dois homens ou um beijo ao filho.

— Papai, chamou o menino, o senhor não vai me dar um beijo?

O homem relutou por um longo minuto, mas curvou-se e beijou o garotinho na testa. Danilo segurou-o pelo pescoço e beijou-o no rosto, bem perto da boca. O homem virou as costas rapidamente, tirou o lenço do bolso e esfregou fortemente o local do beijo, sem saber que junto dos pequenos lábios de Danilo, estavam os lábios de Cristiano e das duas pequenas bocas saíam como minúsculas estrelas iluminadas, que não conseguiam penetrar a pele do pai, caindo no chão.

Danilo passou muitos dias triste, muito triste. Recusava-se a brincar e ficava muito tempo no seu quarto. Algumas vezes segurava a nota de cinquenta cruzeiros bem junto ao coração, como querendo sentir as vibrações do pai. Por mais que o pequeno Hamilton tentasse brincar com ele, distraí-lo, não conseguia. Como os dois dormiam no mesmo quarto, muitas vezes Hamilton ficava acordado porque Danilo chorava baixinho, tentando não incomodar.

Hamilton procurou o irmão Rolando, porque encontrou escrito no caderno de Danilo um bilhete que dizia.

“Cristiano, vem me buscar. Você me deixou sozinho, o papai não me quis. Quero estar junto a você e para isso preciso morrer, mas como? No cinema parece fácil, quero morrer para ir morar no céu, com você.”

Rolando procurou José e ambos foram falar com Danilo. Não sabiam como fazer, pois nunca tinham enfrentado uma situação dessas.

Cristiano, porém, que acompanhava Danilo, apreensivo desde a visita do pai, envolveu José e levou Danilo para o quarto. Ali os dois conversaram por mais de meia hora, ou melhor, Cristiano conversou com o irmãozinho que saiu dali com os olhos brilhantes de alegria, reassumindo toda a sua garra de viver.

No dia seguinte, José foi chamado à Delegacia interna. O homem que tomava conta dos meninos formalizou uma queixa contra ele, dizendo que ele estava se intrometendo onde não era chamado. Rolando acompanhou o amigo e após ouvir a bronca do delegado que o ameaçou de prisão, Rolando mostrou o caderno de Danilo. O delegado acabou pedindo desculpas e mandou chamar o queixoso para admoestá-lo, pela insensibilidade no trato com os meninos.

Os primeiros pacientes começaram a receber suas altas, entre eles, Dorival, que sonhava jogar futebol profissionalmente, mesmo em algum time do interior. Enquanto isso, José observava a deterioração da saúde de alguns inveterados jogadores de baralho e sinuca do Rancho Alegre, entre eles, o rapaz que insistiu para que José se associasse a ele nas cartas do “bate gato”, ou seja, dos pedidos de donativos. Com a sua vida desregrada, bebendo muito, agora estava em péssimo estado de saúde.

* * *

Vamos dar um salto no tempo e chegar ao ano de 1950, quando muitos pacientes deveriam receber alta hospitalar. José fora avisado de que, em alguns meses, seria examinado por uma junta médica para receber a sua alta. Quanto a Danilo e muitas outras crianças, inclusive Luizinho e Hamilton, foram transferidos para o Sanatório Padre Bento, para ficar aos cuidados de dr. Lauro de Souza Lima.

Antes da partida do menino, José jurou a ele que o iria buscar assim que recebesse alta. O diretor do hospital explicou a José que o advogado do pai de Danilo foi comunicado da transferência e, quando o menino recebesse alta, ele se encarregaria de levá-lo à residência do José.

No Pavilhão de Menores havia a companhia de centenas de crianças entre meninos e meninas. O ambiente era ótimo, porque havia o carinho do dr. Lauro e de vários funcionários que dedicavam as suas vidas àquelas crianças.

Os esportes eram incentivados. Os meninos jogavam futebol, bola ao cesto, natação, atletismo. As meninas também praticavam esportes, menos o futebol, pois naquele tempo, o futebol ainda era um esporte masculino.

Danilo tinha condições perfeitas de saúde, nenhuma lesão, nenhuma insensibilidade. Isto lhe permitiria realizar o seu sonho. Ser piloto de avião.

Capítulo XV UM CHÃO DE ESTRELAS

Nosso personagem submetia-se ao tratamento “sulfônico” com entusiasmo, e, pelo fato de ter hábitos moderados, seu organismo reagia muito bem. A cada revisão médica, o que acontecia mensalmente, seu médico dermatologista via com entusiasmo a sua melhora e sempre

comentava.

— José, entre os meus pacientes, você era o que tinha menores possibilidades de melhoras rápidas, entretanto, entre todos, é o que está reagindo prontamente e sem efeitos colaterais.

— O que é isso, doutor?

— Isto quer dizer que o seu fígado, estômago, baço, rins estão suportando o tratamento e estão em boas condições. Olha só a sua contagem de glóbulos. Cinco milhões e cem mil glóbulos vermelhos; seis mil glóbulos brancos. Nossa, isso é ótimo. Você já acumulou cinco exames negativos. Sabe o que significa isto? Significa que se continuarem negativados, você estará pronto para a alta dentro de mais algum tempo.

— Verdade, doutor? - perguntou José com grande alegria.

— Sim, mas qual o segredo da sua melhora?

José não quis contar sobre aquela maravilhosa noite, em que o Apóstolo Lucas esteve no Sanatório, ao que respondeu:

— Doutor, eu sou espírita e os espíritos superiores tem-nos prestado assistência constante. Eles disseram que eu receberia alta até 1951.

I — Muito bem, José. Eu não entendo de Espiritismo, mas parece que os seus espíritos entendem muito sobre a saúde humana, pois eu pretendo deixá-lo pronto para a alta hospitalar exatamente durante o ano de 1950.

José não cabia em si de contentamento e a cada companheiro que recebia alta, sua alegria era muito grande, embora a saudade batesse fundo no coração. Assim, ele viu ir embora o Turquinho Michel com sua esposa Irene, viu depois o Rubens, que foi para outra cidade e não mais à sua cidade de S.. Outras pessoas das suas relações de amizade, inclusive o sr. Valentino e sua esposa dona Florinda, também foram embora.

Em março de 1950, José foi incluído numa lista de candidatos à alta. Conquanto já tivesse exames negativos suficientes, a comissão ponderou, lendo o seu prontuário, que o seu caso tinha sido grave. Acharam prudente esperar mais um pouco. José decepcionou-se, logo readquirindo o ânimo. A previsão dos espíritos era para 1951.

Em outros hospitais de hansenianos, por todo o Brasil, as altas começavam a acontecer, e alguns anos depois, as mesmas pressões sofridas pelos hansenianos para se internarem, aconteceram, para que eles saíssem dos hospitais. Antes locais aprazíveis, belos, passaram a uma deterioração insuportável, tornando-se lugar muito ruim de se viver.

É preciso explicar que o fato de os pacientes receberem a sua alta, não os liberavam do tratamento, pois este passava a ser feito em dispensários especializados, e muitos anos depois os dispensários incorporaram-se aos centros de saúde. Os pacientes teriam que fazer o tratamento ambulatorial ainda por muitos anos.

Já habituado a ler jornais, e tendo recebido de presente, de seu patrão, dono do Bar Rancho Alegre, um potente rádio Geloso, com várias faixas de ondas, José acompanhava os preparativos do Brasil para a Copa do Mundo de 1950, a primeira do pós-guerra. Ele não concordou muito com a convocação feita pelo técnico Flávio Costa. Como milhões de brasileiros, neste e em outros Campeonatos Mundiais, ele tinha as suas preferências e as suas táticas.

Nas cartas, vindas de sua casa, notou que Miguel não entendia quase nada de futebol, nem estava muito interessado na Copa do Mundo. Guilherme, no entanto, era arguto e combinava perfeitamente com as ideias do pai.

A perda da Copa do Mundo para o Uruguai, em pleno Maracanã, construído especialmente para a realização do Campeonato Mundial, trouxe uma dor surda também nos hospitais de hanseníase. A decepção foi muito grande, e Guilherme chorou muito, a ponto de preocupar a mãe. Ele adorava o futebol.

Finalmente, chegou 1951 e a vez do nosso José ser apresentado novamente a uma junta médica. Foi examinado rigorosamente. Eram retirados materiais para exames baciloscópicos do muco nasal e de inúmeras lesões das nádegas, braços, joelhos, lóbulos da orelha, costas. José estava confiante, pois, até mesmo as biópsias feitas antes de ser selecionado para alta, deram resultado negativo.

Depois de alguns dias, ele viu com imensa alegria o seu nome na lista dos que foram aprovados para a alta. Ali estava com todas as letras: José Aparecido Teixeira.

Passados mais alguns dias, com documentação pronta, José fez as malas e sentiu uma estranha nostalgia. Ele deveria embarcar na madrugada seguinte, por isso, naquela tarde ele caminhou por quase toda a Colônia despedindo-se dos amigos em cada residência, em cada pavilhão. À noite, compareceu ao Centro Espírita pela última vez, conversou emocionado com os amigos. Houve várias comunicações. Cristiano ali estava sorridente e lhe confidenciou:

— Em menos de um ano, Danilo estará com você.

José respondeu intimamente que ele o receberia como a um filho.

No final da reunião, pediram para que ele fizesse a prece de encerramento, que foi, também, uma prece de despedida. José colocou toda a sua alma na prece. Lembrou a sua chegada ao Asilo, assustado, com medo, todos os anos de sofrimento, as poucas alegrias usufruídas, entre estas o futebol. A riqueza imensa representada pelos amigos, pelo pequeno grupo espírita, e com a solidariedade e fraternidade existentes no grupo, além da influência de Cristiano em sua vida, terminou com os mais sentidos agradecimentos a Deus, encerrado-a assim:

Bpp Senhor! Quando entrei aqui neste hospital há nove anos, pensei estar completamente destruído. Quis afastá-lo da minha vida. A dor me ensinou a amá-Lo. Descubri valores íntimos que nunca pensei possuir. Aprendi um pouco dessa maravilhosa Doutrina Espírita. Aprendi a amar Jesus de Nazaré e uma criança abriu-me as portas das mansões espirituais.

Caminhei para este Sanatório por uma estrada íngreme e pedregosa e o Asilo Colônia era um chão de espinhos que dilacerava a minha alma. Hoje, Senhor, vejo este solo como um CHÃO DE ESTRELAS. Caminho por elas e entre elas rumo ao meu destino transcendental. Obrigado Pai, entrei aqui envolto em sombras espessas e saio daqui carregando um fardo de luz.

Não esquecerei nenhum dos meus irmãos que aqui ficarão, especialmente aqueles que gemem e choram nas enfermarias. Rogo por eles, Pai. Obrigado Senhor. Muito obrigado.

Após o término da reunião espírita, Rolando ficou algum tempo conversando com José. Rolando parabenizava-o pela vitória e José agradecia ao jovem por tudo aquilo que ele lhe ensinou. De um caipira que falava quase tudo errado, sem concordâncias, José adquiriu um pouco de cultura, melhorando muito o seu vocabulário. Os dois se abraçaram por longos minutos e José chorou algumas lágrimas de saudade antecipada.

Antes de ir dormir para levantar na madrugada, José passou pela casa paroquial para despedir-se do bom padre Estêvão. Abraçaram-se demoradamente sem dizer palavras. Depois o padre, disse:

— Ore por mim, José. Precisarei muito das suas preces. E não se esqueça deste velho amigo.

— Não o esquecerei nunca. Pode ter certeza disso.

Com lágrimas nos olhos, José despediu-se do amigo e ambos sentiram Cristiano envolvê-los num abraço maior. José prometeu mais uma vez que não o esqueceria, escreveria sempre e que viria visitá-lo.

Na madrugada, ele tomou o carro da Caixa Beneficente, que alugara antecipadamente e viajou com extrema alegria. A sua vontade era a de abraçar todo mundo, queria gritar, abraçar as pessoas, deixar transbordar a sua alegria, porém, continha-se. Lembrou-se de quando fugiu para ir ver a filhinha agonizante e de como se escondera sob o chapéu e a gola do paletó, fingindo dormir, para que ninguém conversasse com ele. Agora era diferente. Aquele documento no bolso interno do paletó declarava-o curado, livre. Era a sua carta de alforria. Na verdade, o seu corpo esteve preso por mais de uma década, mas ele, espírito, sempre foi livre.

José não comunicou à família, nem ninguém. Queria chegar de surpresa em sua casa. Já imaginava a cara de espanto que Madalena faria. A torrente de lágrimas de alegria que saltaria de seus olhos. Pensou em Miguel, que já era um rapaz. Em Guilherme, que se fosse realmente bom de bola, receberia todo o seu apoio para fazer uma carreira. Gustavo, o garoto que sempre gostara muito dele, também ocupou-lhe o seu pensamento. Não via a hora de ter Silmara em seus braços. Não houve nenhuma nuvem escura que pudesse toldar os seus sentimentos para com

ela. Realmente vencera os monstros do orgulho e do ciúme.

Na cidade de S. viu um carro de aluguel parado e foi contratá-lo para levá-lo à fazenda do Coronel. O motorista com má vontade, mandou que ele se sentasse no banco de trás, ligou o motor do carro e saiu. José tentou puxar conversa, mas o homem respondia por monossílabos. Sua fisionomia era triste, muito triste. Ele carregava um enorme peso nos ombros. Neste momento, Cristiano senta-se ao lado do José e diz:

, — Converse com ele. É muito importante.

— Ele não quer conversar, respondeu mentalmente José.

— Pergunte a ele quem é o jovem moreno de olhos verdes e cabelos ondedos, que se diz chamar Mauro.

José fez a pergunta e o homem freiou o carro bruscamente, virou para trás, segurou José pela camisa e disse asperamente:

^B^MOÇO, não brinque com os meus sentimentos. Onde você conheceu meu filho?

Cristiano em intenso processo telepático com José, transmitia a mensagem e este falou, induzido pelo menino:

— Eu não o conheci, a não ser agora. Ele pede para dizer que é o Tato que está falando com você. Diz que não se suicidou, que foi um acidente provocado por um amigo, e que o amigo não teve culpa.

O homem olhava abismado para José, ainda com uma ponta de dúvida. Cristiano percebeu e aproximou Mauro, ou Tato, do psiquismo de José e este com uma entonação extremamente carinhosa, falou ao pai:

— Papai, sou eu, o Tato. A morte não existe, papai, e mesmo que eu tivesse me suicidado, não estaria no Inferno, pois a misericórdia de Deus é muito grande. Diga para a mamãe tomar cuidado com os seus chinelos ou eu ainda vou escondê-los no forno do fogão, como fazia aos três anos de idade. Diga à minha irmã que a amo, mas ela continua arranjando namorados muito feios. E você, papai, não vá rezar no cemitério. Eu não estou lá. Quando quiser orar, pegue a vara de pescar e vá para o nosso esconderijo lá no Rio P. e, sempre que possível, estarei lá com você.

O motorista chorava comovido e beijava a mão de José, que tentava evitar isto a todo custo.

— Você tirou uma montanha de cima do meu coração. Como posso agradecer?

— Apenas me leve para a fazenda do Cel. Teodorico, pois faz muitos anos que não vejo meus filhos e minha mulher.

José queria surpreender a família, mas um telefonema de um funcionário do hospital para familiares em S. revelou que José estava a caminho de casa.

Quando o carro já transitava dentro da fazenda, José viu um adolescente correndo de encontro ao carro. Ele pediu para o motorista parar e desceu do automóvel. Guilherme atirou-se em seus braços e o sufocava com seus beijos, exclamando:

— Papai! Papai! Que coisa maravilhosa!

Logo a seguir, apareceu um rapagão forte e José exclamou:

— Gustavo! Meu bom amigo Gustavo!

, — Seu José, que bom vê-lo! Posso chama-lo de pai?

— Claro, Gustavo! Você sempre foi um filho para mim.

Entraram todos no carro. Gustavo e Guilherme guiou-os para a nova casa na colônia. Um grupo grande de pessoas esperava José na porta da sua casa, inclusive o Cel. Teodorico e o Sr. Sebastião, presidente do centro espírita. Depois, chegou, Seu Totico, arrastando uma perna e com um braço paralisado por um derrame cerebral.

Todos queriam abraçar José. O Cel. Teodorico convidou-o para comparecer à sua casa nos próximos dias para acertarem um bom serviço.

O Sr. Sebastião abraçou José e disse-lhe baixinho:

— Agora posso desencarnar sossegado.

Quando José abraçou Madalena, choraram de alegria. Ainda com os olhos turvados pelas lágrimas, viu Miguel, um jovem bonito e elegante segurando Silmara pela mão e todos se abraçaram jubilosos.

O motorista de praça que o trouxe, quis abraçá-lo e não aceitou que pagasse a corrida. O Sr. Sebastião convidou-o a ir ao centro e o motorista prometeu que iria com muito prazer.

Não faltou nem o Dr. Xavier, que ficou muito admirado de ver a recuperação física de José. Depois de 10 minutos de conversa, ficou muito impressionado com o progresso intelectual do moço que saíra dali tão caipira.

O Dr. Xavier pediu desculpas por ter mentido, dizendo que o Asilo era uma maravilhosa colônia de férias e que ele ficaria ali uns dois anos.

O outro sorriu e respondeu:

kit—s Não importa, doutor. Na época não havia outra maneira. Não pense que eu acreditei. Porém, nenhuma colônia de férias me ensinaria o que aprendi nesses anos de segregação. Conscientemente não escolheria ir para o Asilo, mas hoje, que tudo passou, agradeço a Deus a experiência fabulosa que adquiri.

— Sabe, José?, agora sei por que todos dizem que você é diferente. Parabéns!

Naquela noite, após o jantar, José convidou a família para lerem O Evangelho Segundo o Espiritismo e orarem em agradecimento a Deus.

O livro foi aberto ao acaso, caindo o capítulo: Honra a Teu Pai e a Tua Mãe. Silmara leu, Guilherme leu emocionado, enquanto Silmara no colo do pai, acariciava o seu rosto.

Miguel olhava o pai enternecido e, quando pediram para falar sobre a lição do Evangelho, pediu desculpas e disse que queria falar sobre o pai. Pigarreou e disse:

— Pai, meu Evangelho é você. Todas as lições desse livro são lindas e edificantes, mas estão apenas no papel. Você é o Evangelho vivo para o meu coração. A sua valentia e coragem supera Júlio César, Aníbal, Alexandre, Gengis Khan ou os heróis da recente guerra. Na sua frente, eu juro que vou me formar médico e cuidar dos pobres. Sua nobreza, pai, só tem comparação com a nobreza de mamãe. O que eu mais quero na vida é ser a metade do que vocês são. A minha vida é muito rica, pois naquele ranchinho de sapé, chão batido, sem nenhum conforto da civilização, eu e meus irmãos tivemos a mamãe e você e vemos que, ao caminharem pelos caminhos do mundo, de seus pés se desprendem poeiras de estrelas. A única coisa que posso dizer neste momento, é: obrigado, mamãe, muito obrigado, papai.

A emoção era muito forte e todos se juntaram num abraço caloroso, assim permanecendo por muitos minutos.

Foi Guilherme quem disse:

— Só falta Danilo, para que a família se complete. Ele virá logo.

Foram deitar-se.

José e Madalena estavam na mesma cama, depois de mais de 10 anos. Amaram-se com intensidade. Pela madrugada lá estava Cristiano, que veio buscar a todos e mais Danilo para um reconfortante passeio no plano espiritual e também para traçarem planos para o futuro.

Na mesma semana, José foi ao Centro Espírita. Queria participar apenas como assistente, mas o sr. Sebastião não permitiu. Chamou-o para a mesa e pediu que ele saudasse os presentes. José começou com acanhamento. Gaguejou algumas vezes para começar, aos poucos foi dominando o nervosismo e quando sentiu Cristiano ao seu lado, com o aspecto de um jovem de uns 20 anos, entregou-se àquela boa influência. Estimulou todos a trabalhar pela emancipação da Terra, a vitória do bem, representado no Brasil, pelo Evangelho de Jesus.

Aconteceram várias comunicações de espíritos, destacando-se entre eles Cairbar Schutel, que transmitiu mensagem incentivadora para todos, em especial para José, encerrando-a assim:

— “Meu filho, das tribos bárbaras ao Kidron foram muitos séculos. Do Kidron ao Brasil, mais dois milênios. Neste caminhar constante houve muita dor, muita tristeza, houve também um extraordinário aprendizado. Nascer, morrer e renascer é uma constante em nossos caminhos, e agora, existe uma diferença fundamental: sabemos por que nascemos e para que somos imortais. Tenho acompanhado seus passos, muitas

vezes te visitei o coração. Cristiano, que está ligado a você, desde o princípio do primeiro milênio do Cristianismo, foi um dos dez leprosos curados por Jesus, quando ele tinha o nome de Daniel e era também, um adolescente; sempre foi um dos meus pupilos. Foi por isso que naquela noite, Lucas, o Evangelista, que relatou esse passo do Evangelho, foi atraído ao Sanatório naquela memorável noite. Ele é um dos protetores deste grupo de espíritos que foram jungidos pelo ódio nos milênios passados e hoje, há um fortíssimo elo de amor ligando-nos a todos. Abraços a todos, com muito carinho e estarei presente sempre que me for possível.

Cairbar”

* * *

José integrou-se ao trabalho do Centro. Após algumas semanas, Cel. Teodorico ofereceu-lhe o cargo de administrador das suas propriedades. Ele aceitou impondo apenas uma condição, que o sr. Todco permanecesse como seu auxiliar e conselheiro, pois, há muito afastado das lidas da roça, certamente precisaria reaprender muita coisa.

Oito meses depois, o advogado do pai de Danilo trouxe o menino e entregou-o a José, com os documentos legais. Danilo foi recebido com muito amor e logo sentia-se à vontade na sua nova família.

Danilo adorou a vida na fazenda. Brincava com os animais, pescava no açude, nadava como um peixe e era o admirador nº1 de Guilherme nos jogos de futebol. Todos aqueles anos de cárcere asilar foram sobejamente compensados pelo amor que José e Madalena lhe deram.

Muito inteligente, destacava-se na escola. Vez por outra, sentia uma nostalgia profunda e ficava cismativo, ao lembrar-se com saudade de companheiros que ficaram para trás, nas curvas do tempo. O único com que ele manteve correspondência foi o Hamilton, mesmo assim, após alguns anos, as cartas rarearam, até que pararam definitivamente. Era o caminhar da vida sempre prá frente, não admitindo o retrocesso.

Estimulado por José, o Cel. Teodorico dedicou-se anonimamente a dar assistência a pessoas pobres e deu bolsas de estudos a muitos dos filhos dos seus colonos. Visitou os pobres e as viúvas, amparou órfãos e criou escolas profissionalizantes.

Alguns anos depois, ao desencarnar, sua mulher e um grande número de espíritos amigos vieram recebê-lo em sua entrada no mundo espiritual. Foi recebido com festas.

Quando foi aberto o seu testamento, verificou-se que ele premiou José com um sítio de terras férteis, muita água e belezas naturais de encantar os olhos. Havia ainda uma pequena mensagem:

— Perdoem-me pelo mal que lhes fiz no passado. Eu rasguei o seu coração com a minha indiferença e o meu preconceito, mas, como a terra generosa, você me devolveu abundante colheita de frutos e flores. Obrigado, meu amigo. Usufria o sítio. Deixo o dinheiro suficiente para Miguel realizar o seu sonho, ser médico. Ore por mim, pois vou precisar muito.

* * *

Ficamos uns tempos ausentes para retornar ao palco dos acontecimentos anos depois, quando Miguel formava-se médico em São Paulo e já se iniciara na homeopatia. Nunca ficaria rico com a sua profissão, pois dedicava-se mais aos pobres do que aos que podiam remunerá-lo.

Guilherme tornou-se um craque de futebol, jogando profissionalmente num clube do interior do Estado de São Paulo, tendo sido sondado por grandes equipes de São Paulo e Rio de Janeiro. Entretanto, aconselhado pelo pai, cursava uma faculdade de agronomia, em cidade próxima.

Com a saída de José que se mudou para seu sítio e a desencarnação do sr. Totico, Gustavo assumiu a administração da fazenda que ele conhecia tão bem.

Silmara tornara-se uma linda adolescente e preparava-se para fazer o magistério. O seu sonho era ser professora. Danilo queria ser piloto e pela obstinação que ele punha em tudo que fazia, certamente conseguiria realizar o seu sonho.

Madalena era o elo carinhoso que unia todas aquelas vidas e não se cansava de agradecer a Deus as bênçãos recebidas.

Uma noite, um pouco antes do início da reunião no Centro Espírita Humildade e Fé, um homem idoso, acompanhado de um jovem que usava aparelhos tutores e muletas, de olhos brilhantes de entusiasmo pela vida, o procuraram e entre eles estabeleceu-se este diálogo:

— Talvez você não se lembre de mim, disse o homem mais velho.

— Lembro-me sim. O senhor é o dr. Bueno, do Serviço de Profilaxia da Lepra, de R.P.

— Sim, é isto mesmo. Eu sou o médico que o internou no Asilo.

— O Senhor não tinha outra alternativa. E eu sou grato porque aquela internação mudou toda a minha vida. Aprendi muito. Sou agradecido, também, porque o senhor permitiu que eu passasse pela minha casa para despedir-me da minha família.

José olhou para o jovem e disse:

— Este deve ser o menino...

— Sim! Meu filho. Naquela tarde quando cheguei a casa, fui direto ao seu berço e lembrei-me de que você disse que iria rezar por ele. Eu, que havia afastado Deus das minhas cogitações, chorei muito, molhando o seu berço. Comecei a procurar uma razão para a vida. Muitas vezes tive vontade de ir vê-lo no Asilo, mas meu orgulho não me permitia. Só recentemente tive coragem para fazê-lo e me informaram que você estava morando na zona rural de S. e, de pergunta em pergunta, encontrei-o aqui.

Neste momento, o jovem sorriu com um sorriso iluminado e apertando o braço do pai, falou:

— Pai! Ele está aqui. Aquele menino que me visitava quando eu era criança está aqui. Era ele que me animava e me fazia levantar cada vez que eu caía. Foi ele que me animou ir à escola e a fazer o curso de engenharia.

— E Cristiano. Um menino que morreu no Asilo e que é um grande amigo, explicou José. Mas o que vocês desejam de mim?

— Meu filho queria conhecê-lo, desde que eu contei a ele o que você disse naquele dia, lá no Serviço de Saúde.

— Cristiano me falou de você algumas vezes, disse o jovem.

— Se você nos permitir queremos assistir à reunião. Há alguns anos minha mulher tornou-se espírita por causa do meu filho. Eu resisti muito e acabei indo ao centro. Ainda não sou espírita, mas com certeza não sou mais ateu.

Abraçaram-se calorosamente e ficaram para assistir a reunião.

Houve muitas mensagens para os presentes. Uma delas, psicografada por José, era de Cristiano para Francisquinho, o jovem paraplégico:

— Querido amigo, vejo que você se desenvolveu fisicamente, guardando a pureza do coração. Continue assim. Ame a vida. Valorize todos os minutos dela, entretanto, lembre-se, existem milhares de pessoas mutiladas, aleijadas, cegas, paralisadas que vivem recolhidas em suas casas. Ame-as todas. Lidere um trabalho, para que elas tenham seus direitos respeitados e possam suprir as próprias necessidades. Ajude-as a encontrar a sua cidadania. Estarei com você neste trabalho.

* * *

A vida seguiu serena por muito tempo, só empanada pela desencarnação de Madalena, não sem que ela conhecesse vários netos, filhos de seus filhos e sem que ela visse Danilo formar-se piloto e trabalhar numa grande empresa de aviação. Netos foram também os filhos do Gustavo, que se dedicara à sua família desde menino.

Madalena teve uma desencarnação serena. Rodeada pelos filhos e netos, com José segurando-lhe a mão.

Devido à certeza de todos sobre a imortalidade, fez daquele momento de dor, um momento de compreensão e tristeza sim, mas nenhum desespero ou revolta.

O que, para a maioria da humanidade é um doloroso adeus, para aquela família simples era apenas um até breve.

No plano espiritual, Rosalinda esperava a mãe com ternura e alegria, agora na forma de uma linda jovem. Cristiano, ao seu lado, apresentava-se ainda como adolescente, mas ambos abraçaram Madalena e um grande número de espíritos faziam-lhe festa.

Enquanto isso, Miguel começou a orar em voz alta. José beijou o rosto de Madalena dizendo-lhe ao ouvido:

— Até breve, meu amor. Não demorarei muito a ir encontrá-la. Siga em paz.

Ele viu pela vidência quando Rosalinda e Cristiano abraçaram Madalena pela cintura e seguiram juntos, passando ao meio de duas fileiras de espíritos alegres e felizes que a saudavam carinhosamente.

Muitos anos depois, já sobrecarregado pelos anos, José recebeu um telegrama comunicando o desencarne do Padre Estêvão. Orou pelo amigo querido e começou a recordar, mentalizando grande parte dessa história. Nós preenchemos as lacunas com a nossa ficção. Se ela não aconteceu inteiramente, aconteceu em parte. Este grupo de 10 homens que foram curados por Jesus e fizeram parte do livro¹³ *Cantai Comigo A Luz da Eterna Aurora*, continuam ligados ao nosso coração. Nesta história estiveram presentes Daniel, na figura de Cristiano, e José, que não teve nenhum destaque e nem a citação do seu nome no livro anterior. Parece-nos que outras histórias virão.

FIM

POSFÁCIO

A você, leitor amigo, quero agradecer a gentileza e a coragem.

Acredito que agora, saiba o porquê de afirmarmos que a profilaxia da lepra foi um holocausto.

Talvez você possa pensar porque insistimos neste assunto, se hoje a hanseníase pode ser curada, em até seis meses de tratamento, e os hospitais especializados não existem mais, tampouco a internação compulsória. Essa foi uma doença que arrasou corpos e almas. A ciência, conhecendo tão pouco sobre ela, determinou a segregação, destruindo, não raro, famílias inteiras.

Quero, neste livro, prestar uma homenagem a um hanseniano que marcou profundamente a minha vida. Prof. Mário Brasolin, que foi diretor do Grupo Escolar Padre Bento, onde estudei em 1948 e 1949. Ele era, também, o diretor do Pavilhão de Menores, do Sanatório Padre Bento. Homem íntegro, amável, dedicado, que com o pseudônimo de Hansen Júnior, escreveu um livro com o título *Réquiem*, descrevendo a evolução da hanseníase, especialmente no Estado de São Paulo e a luta insana de milhares de pacientes que construíram os Asilos Colônias, tendo muitas vezes deixado o seu sangue na garganta que assentava os tijolos.

Não somos diferentes dos outros seres humanos, mas, com certeza, nossas almas foram temperadas como o mais nobre aço.

Lutamos pela inclusão social. Lutamos por um mundo melhor. Um mundo de paz, de harmonia, de justiça social, um mundo onde não existam doenças estigmatizantes, um mundo onde ninguém morra de fome. Um mundo onde exista amor.

Chorei ao escrever este livro. Voltei aos exércitos bárbaros e às estradas da Palestina, a tocar a matraca ou a gritar: não se aproximem, sou impuro.

Habitei os Lazaretos da Europa. Rezei com Padre Damião em Malokai. Abriguei-me com o Padre Bento em Itu. Acompanhei Eunice Weaver nas selvas amazônicas na sua luta de construir preventórios para as crianças filhas de hansenianos.

Sena a dor e a revolta daqueles que foram laçados e amarrados para serem conduzidos aos Asilos. Senti o calor do fogo a queimar casas de propriedade dos leprosos.

Verá lágrimas com as noivas, casais ou crianças que viram suas vidas ceifadas pela segregação. Senti o cheiro nauseabundo da carne apodrecida, da cegueira, das atrofias das mãos e pés, das amputações, dos perfurantes plantares cariando ossos.

Senti novamente o calor brando do coração do médico humanitário Lauro de Souza Lima, meu protetor e benfeitor, vi a luta da deputada Conceição da Costa Neves.

Assisti Jésus Gonçalves a escrever suas poesias e sobretudo encontrei no Espiritismo, não uma desculpa para a existência do mal de hansen, que torturou também o meu corpo, mas sim a certeza de que sou imortal para alcançar a perfeição e a alcançarei através das reencarnações, demore quanto demorar.

Este livro é o meu canto de dor e de alegria ao mesmo tempo. Convido-o a fazer mais do que ouvir o meu canto. Venha cantar comigo. Cantemos com Jésus Gonçalves, a eterna aurora de amor e de esperanças.